



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFESSOR MARIANO DA SILVA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEd)**

**GERCIANE DO NASCIMENTO LIMA**

**CRIAÇÕES DE E-ZINES NO MEIO DIGITAL: SABERES,  
EMOÇÕES E SENTIMENTOS DE JOVENS NO PERÍODO DA  
PANDEMIA (2020-2021)**

**TERESINA – PI  
2023**

**GERCIANE DO NASCIMENTO LIMA**

**CRIAÇÕES DE E-ZINES NO MEIO DIGITAL: SABERES,  
EMOÇÕES E SENTIMENTOS DE JOVENS NO PERÍODO DA  
PANDEMIA (2020-2021)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

**Pesquisadora Responsável:**

Gerciane do Nascimento Lima

**Professora Orientadora:**

Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

Linha de Pesquisa: Educação,  
Diversidades/Diferença e Inclusão

**TERESINA – PI**

**2023**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação/Serviço de  
Representação da Informação

L732c Lima, Gerciane do Nascimento

Criações de e-zines no meio digital: saberes, emoções e  
sentimentos de jovens no período da pandemia (2020-2021) /

Gerciane do Nascimento Lima. -- 2023.

177 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,  
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Teresina, 2023.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Shara Jane Holanda Costa Adad.

1. Educação. 2. Saberes. 3. Emoções e sentimentos. 4. E-zines.  
5. Juventude. I. Adad, Shara Jane Holanda Costa. II. Título.

CDD 370

GERCIANE DO NASCIMENTO LIMA

**CRIAÇÕES DE E-ZINES NO MEIO DIGITAL: SABERES, EMOÇÕES E SENTIMENTOS DE JOVENS NO PERÍODO DA PANDEMIA (2020-2021)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 29/06/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD  
Data: 17/10/2023 22:17:52-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad  
Orientadora (PPGED – UFPI)

Documento assinado digitalmente  
 ANTONIA EDNA BRITO  
Data: 18/10/2023 08:56:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Antonia Edna Brito  
Examinadora Interna (PPGED – UFPI)

Documento assinado digitalmente  
 MARIA ZENAIDE ALVES  
Data: 20/10/2023 15:32:35-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Zenaide Alves  
Examinadora Externa (UFCAT - GO)

Dedico

Aos meus pais, especialmente à minha mãe, Maria Lúcia (In Memoriam), ao meu irmão Roberto Júnior, à minha cunhada Natty, à minha querida orientadora, Shara Jane, aos meus amigos e a todas as pessoas que de certa forma ajudaram-me a prosseguir para a construção da pesquisa.

(Gerciane Lima)



### Meu aprendizado

Aprendo muito quando erro  
Geralmente, quando acerto, esqueço

Quase nada vem de quando berro  
Todo fim é um recomeço

Quando erro, sei como não é  
Se repito, faço diferente

Ao seguir engato uma ré  
Ao parar continuo em frente

Os caminhos vão me ensinando  
As estradas me fazem chegar

Se não chego sigo caminhando  
Quando chego não paro de andar.

(Climério Ferreira)

“A vida é o que se inventa  
Inventa então que é feliz”

(Oswaldo Montenegro)

## AGRADECIMENTOS

Tenho tanto a agradecer, a tantas pessoas, a tantos gestos e ações que tornaram a conclusão desse trabalho possível.

Agradeço a Deus, por Sua infinita bondade e por toda a vida que habita em nós, sem Ele nada seria possível

A minha família, em nome de minha mãe Maria Lúcia (in Memoriam), meu pai Roberto, meu irmão Roberto Júnior, a minha cunhada Natty, a minha vó Cotinha, minha tia Antonia

A minha orientadora, professora doutora Shara Jane na qual sem ela eu tenho certeza que eu não seria capaz de chegar até aqui

A banca examinadora, pela leitura, cuidado, disposição e avaliação da minha dissertação

A Aislla, amiga que com seu jeito e amor ajudou-me e muito nos momentos em que mais precisei, ela me fez ter esperança para prosseguir

A Denise, amiga para todas as 24 horas do dia e para a eternidade

A Dona Rosaura, que tem sido uma verdadeira mãe para mim, acolhendo-me em Teresina com muito amor, carinho e cuidado.

A Seu Barbosa, que tem sido como um pai nestes últimos tempos

A psicóloga Maria Antonieta, que em momento tão difícil da minha vida, tem ajudado-me a atravessar e a enfrentar a depressão e a ansiedade.

Aos amigos de mestrado, especialmente a Wesley Rodrigues, por todo aprendizado, escuta, acolhimento, auxílio e apoio ao longo de 2021 até aqui.

Ao meu grande amigo da literatura e da poesia que contribuiu com seu olhar atencioso ao trabalho, professor, escritor e poeta, Ernâni Getirana.

Ao OBJUVE e ao Núcleo de Estudos NEPEGECI que ajudaram-me a caminhar entre as juventudes e a sociopoética e na UFPI.

A todas as pessoas que diretamente e indiretamente com suas ações, vibrações, bons pensamentos e orações estiveram e estão comigo ajudando-me nessa caminhada do mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pela oportunidade de realizar este mestrado e por todo o apoio até aqui.

A Universidade Federal do Piauí, instituição onde realizei o sonho de concluir um curso superior e que agora concluo mais uma etapa.

A CAPES pelo fornecimento da bolsa que ajudou-me na garantia da minha continuidade no mestrado.

LIMA, Gerciane do Nascimento. **Criações de e-zines no meio digital: saberes, emoções e sentimentos de jovens no período da pandemia (2020-2021)**. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, UFPI, 2023.

## RESUMO

A presente dissertação integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas “Educação, Gênero e Cidadania” - NEPEGEI e o Observatório de Juventudes e Violências na Escola - OBJUVE, espaços de estudos e pesquisas desenvolvidas pela linha 03 - Educação, Diversidades/Diferença e Inclusão, do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEd, da Universidade Federal do Piauí - UFPI. A pesquisa encarnada surge a partir das experiências enquanto jovem estudante com o universo dos fanzines, inicialmente os impressos, e no processo deste mestrado, com os e-zines (fanzines virtuais) criados por jovens durante a pandemia de COVID-19 e compartilhados em meios digitais. Naquele momento, o mundo vivenciou de modo intenso todas as turbulências, mortes, luto, adoecimentos, inseguranças, medo, isolamento social, dentre outras transformações e consequências ocasionados pela pandemia de COVID-19, em decorrência do vírus Sars-cov-2. Na educação, o ensino remoto foi incorporado às práticas educativas, com aulas virtuais por meio de plataformas como *Google Meet* e *Zoom*, o distanciamento foi uma exigência de enfrentamento ao coronavírus, impossibilitando os encontros presenciais. Assim, uma das maiores relevâncias deste estudo sobre fanzines na educação foi registrar as expressões de jovens no período da pandemia, um modo de ver e de ouvir, de longe e de perto, o que jovens produziram de e-zines durante o período entre 2020 e 2021 sobre si e o mundo. Dessa forma, a dissertação tem por objetivo geral: analisar saberes, emoções e sentimentos expressos em e-zines (fanzines/zines virtuais) produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e foram compartilhados no meio digital no período da pandemia de COVID-19 entre 2020 e 2021. E como específicos: investigar as temáticas de e-zines produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e que foram compartilhados nos meios digitais no período da pandemia de COVID-19 entre 2020-2021; identificar saberes, emoções e sentimentos mobilizados pelas temáticas de e-zines produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e que foram compartilhados nos meios digitais no período da pandemia de COVID-19 entre 2020-2021. O fanzine é uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente. Desde a década de 90 os fanzines passaram a habitar os meios digitais, criando novas criações, passando a serem chamados de e-zines, que são zines virtuais em que a internet possibilitou alcance maior de sua divulgação, desde os sites até as redes sociais como o *Facebook* e *Instagram*. Plataformas de edições deram suporte e modernizações na criação dos e-zines, tornando-se aliadas nas estratégias de publicação de jovens fanzineiros. Alguns autores que dão aporte teórico são: Adad (2011, 2014, 2021), Freire (2021), Morin (2021), Magalhães (1993, 2013, 2016, 2018), Guimarães (2005), Pinto (2020), Sno (2022) e Kozinets (2014). A pesquisa baseia-se na abordagem da netnografia, tipo de pesquisa etnográfica adaptada às eventualidades especiais dos diversos tipos de interação social mediada por computador, a partir disso, um caminho etnográfico foi trilhado de modo virtual no qual foram analisados e-zines da fanzinoteca (biblioteca de fanzines) do Instituto Federal Fluminense, Campus Macaé, publicados no *Instagram* e no site do Instituto disponibilizados para livre acesso. Como resultados, a pesquisa aponta para os processos de criação juvenil presentes na autoridade e/ou participação na criação de e-zines expressando seus saberes que, por exemplo, durante o isolamento em um dos e-zines foram resgatados histórias orais que foram recolhidas entre os membros familiares dos estudantes, ressaltando a importância dos vínculos familiares e da

escuta nesse período; outros saberes estão ligados aos protocolos e instruções relacionados à pandemia da COVID-19, com a criação de e-zines com informações para diferentes públicos sobre auxílio emergencial e cuidados com a prevenção do coronavírus, vivenciados naquele momento. Tais saberes permitiram identificar emoções e sentimentos como, por exemplo, preocupação com as incertezas daquele contexto, o uso da linguagem com *emoticon* expressando sensações de dúvidas, medo, alegria dentre outros, bem como a criação do personagem Coronavírus com semblante de monstro com boca aberta com dentes expostos, expressando ou causando terror – modo de aproximar as crianças e os jovens dos protocolos exigidos para sua segurança e para o enfrentamento da pandemia, presentes em um dos e-zines.

**Palavras-chave.** Saberes. Emoções e Sentimentos. Jovens. E-zines. Pandemia da COVID-19. Educação.

LIMA, Gerciane do Nascimento. **Criações de e-zines no meio digital: saberes, emoções e sentimentos de jovens no período da pandemia (2020-2021)**. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, UFPI, 2023.

## ABSTRACT

This dissertation integrates the Center for Studies and Research "Education, Gender and Citizenship" - NEPEGECEI and the Observatory of Youth and Violence at School - OBJUVE, spaces for studies and research developed by line 03 - Education, Diversities / Difference and Inclusion, of the Graduate Program in Education - PPGEd, of the Federal University of Piauí - UFPI. The incarnate research arises from the experiences as a young student with the universe of fanzines, initially the *printed* ones, and in the process of this master's degree with the e-zines (virtual fanzines) created by young people during the COVID-19 pandemic and shared in digital media. At that moment, the world experienced intensely all the turbulence, death, mourning, illness, insecurities, fear, social isolation, among other transformations and consequences caused by the COVID-19 pandemic, as a result of the SARS-cov-2 virus. In education, remote learning has been incorporated into educational practices, with virtual classes through platforms such as Google Meet and zoom, distancing was a requirement to cope with the coronavirus, making in-person meetings impossible. Thus, one of the greatest relevances of this study on fanzines in education was to record the expressions of young people in the period of the pandemic, a way of seeing and hearing, from far and near, what young people produced from e-zines during the period between 2020 and 2021 about themselves and the world. Thus, the dissertation has as general objective: to analyze knowledge, emotions and feelings expressed in e-zines (fanzines / virtual zines) produced and / or that had the participation of young people in Education and were shared in the digital environment in the period of the COVID-19 pandemic between 2020 and 2021. And as specific: to investigate the themes of e-zines produced and/or that had the participation of young people in Education and that were shared in digital media in the period of the COVID-19 pandemic between 2020-2021; identify knowledge, emotions and feelings mobilized by the themes of e-zines produced and/or that had the participation of young people in Education and that were shared in digital media during the period of the COVID-19 pandemic between 2020-2021. The fanzine is an alternative, amateur publication, usually small-run and handmade *printing*. Since the 90's fanzines began to inhabit the digital media, creating new creations, starting to be called e-zines, which are virtual zines in which the internet has enabled greater reach of their dissemination, from websites to social networks such as Facebook and *Instagram*. Publishing platforms supported and modernized the creation of e-zines, becoming allies in the publishing strategies of young fanzines. Some authors who give theoretical input are: Adad (2011, 2014, 2021), Freire (2021), Morin (2021), Magalhães (1993, 2013, 2016, 2018), Guimarães (2005), Pinto (2020), Sno (2022) and Kozinets (2014). The research is based on the netnography approach, a type of ethnographic research adapted to the special eventualities of the various types of computer-mediated social interaction, from this, an ethnographic path was trodden in a virtual way in which e-zines of the fanzinoteca (fanzine library) of the Fluminense Federal Institute, Macaé Campus, were analyzed, published on *Instagram* and on the Institute's website available for free access. As results, the research points to the processes of youth creation present in authorship and/or participation in the creation of e-zines expressing their knowledge that, for example, during the isolation in one of the e-zines

were rescued oral histories that were collected among the family members of the students, emphasizing the importance of family ties and listening in this period; other knowledge is linked to the protocols and instructions related to the COVID-19 pandemic, with the creation of e-zines with information for different audiences about emergency aid and care for the prevention of the coronavirus, experienced at that time. Such knowledge allowed to identify emotions and feelings such as, for example, concern with the uncertainties of that context, the use of language with emoticon expressing sensations of doubts, fear, joy among others, as well as the creation of the character Coronavirus with a monster countenance with open mouth with exposed teeth, expressing or causing terror – a way to bring children and young people closer to the protocols required for their safety and to cope with the pandemic, present in one of the e-zines.

**Keywords:** knowledge. Emotions and Feelings. Young people. E-zines. COVID-19 pandemic. Education.

## **LISTA DE SIGLAS**

**CadÚnico** – Cadastro Único para Programas Sociais

**CCE** – Centro de Ciências da Educação

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IEMA** – Instituto Estadual do Maranhão

**IF** – Instituto Federal

**IFMA** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

**NEPEGECEI** – Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania”

**OBJUVE** – Observatório das Juventudes e Violências na Escola

**PIBID** – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

**PPGED** – Programa de Pós-Graduação em Educação

**PRONATEC** – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

**RP** – Residência Pedagógica

**UFF** – Universidade Federal Fluminense

**UFPI** – Universidade Federal do Piauí

**UEMA** – Universidade Estadual do Maranhão

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>MINHAS EXPERIÊNCIAS COM O ZINE: DO IFMA AO MESTRADO NO ENSINO REMOTO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>EM SUAS MÃOS, O QUE É FANZINE.....</b>	<b>33</b>
2.1	Fanzine na educação .....	39
2.2	Como fazer um fanzine.....	44
2.3	Do zine de papel ao e-zine.....	49
<b>3</b>	<b>CAMINHOS QUE LEVARAM AOS E-ZINES PRODUZIDOS POR JOVENS E/OU QUE TIVERAM SUAS PARTICIPAÇÕES NOS MEIOS DIGITAIS. ....</b>	<b>62</b>
3.1	Sobre o IF Fluminense e a Fanzinoteca de Macaé.....	72
3.2	Informações sobre os jovens estudantes do IF de Macaé durante a pandemia de COVID-19.....	77
<b>4</b>	<b>SABERES, EMOÇÕES E SENTIMENTOS DE JOVENS EM E-ZINES NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19 .....</b>	<b>82</b>
4.1	E-zine Vamos Vencer o Coronavírus .....	98
4.2	Revista e-zine Peibê.....	114
4.3	E-zine Traços de Memória.....	135
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS, MAS SERÁ MESMO O FIM? .....</b>	<b>145</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>150</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>157</b>

## **1 MINHAS EXPERIÊNCIAS COM O ZINE: DO IFMA AO MESTRADO NO ENSINO REMOTO**

Para dar abertura ao presente trabalho, recorro a Adad, (2011, p. 43) que faz a seguinte afirmação, “creio que nenhum trabalho surge do acaso, mas sim da própria vida, de alguma das suas circunstâncias.” Desse modo, parto das minhas experiências enquanto jovem estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) entre 2013 e 2015, da pandemia de COVID-19 a partir de março de 2020 e das possibilidades que essas experiências moveram/movem-me para o desejo de pesquisar com jovens e fanzines no mestrado.

Falar (ou escrever) na primeira pessoa não significa falar de si mesmo, colocar a si mesmo como tema ou conteúdo do que se diz, mas significa, de preferência, falar (ou escrever) a partir de si mesmo, colocar a si mesmo em jogo no que se diz ou pensa, expor-se no que se diz e no que se pensa. (LARROSA, 2021, p. 70)

Como se iniciaram essas experiências? Como cheguei a esse desejo de pesquisa? Da antiga oitava série (atual nono ano do ensino fundamental II) até a minha entrada no curso técnico de eletroeletrônica no IFMA, campus Santa Inês/MA, em 2013, foram três seleções que realizei consecutivamente. Nas duas primeiras seleções, tentei o curso técnico de edificações, mas não obtive êxito na aprovação, então, no final de 2012 eu realizei mais uma vez o seletivo e consegui aprovação para cursar eletroeletrônica acrescido do Ensino Médio. Importante salientar que consegui uma vaga através das Políticas Públicas de Cotas, Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, que nos artigos a seguir garantiram este direito:

Art. 4º As instituições federais de ensino técnico de nível médio reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso em cada curso, por turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que cursaram integralmente o ensino fundamental em escolas públicas. Art. 5º Em cada instituição federal de ensino técnico de nível médio, as vagas de que trata o art. 4º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do IBGE. (BRASIL, 2012, s/p).

Na época, para muitos jovens, era um sonho conseguir uma vaga para estudar em um Instituto<sup>1</sup>, inclusive para mim, pois o Ensino Médio e um curso técnico poderiam ser cursados juntos, assim a possibilidade de conseguir emprego posteriormente era motivo de ânimo e esperança. Em 2013, os cursos de eletroeletrônica e eletromecânica haviam sido implantados recentemente. Desse modo, a minha turma foi a segunda a concluir essa formação, visto que os cursos pioneiros são edificações e logística. Atualmente, o curso de técnico em informática também é ofertado (BRASIL, 2023).

Viver parte da minha juventude no IFMA passou por atravessamentos ora leves, divertidos, curiosos, com uma diversidade de aprendizados, ora difíceis, com pressão, insegurança, com medo de não dar conta das inúmeras disciplinas e do que estava por vir, a escolha de um curso superior, por exemplo. Olhando para o passado e o que há dele no presente de um outro modo, passo a compreender que para a minha permanência e conclusão do Ensino Médio, as políticas de assistência ao estudante, foram essenciais para sentir-me pertencente àquele lugar, como por exemplo, a bolsa do projeto de extensão de que participei, denominada “Fanzine e Leitura de Mundo”.

Além da oportunidade que a política de cotas me proporcionou com o ingresso no curso, tive acesso também aos serviços e assistência estudantil no IFMA como o uso da *internet*, garantindo-me comunicação com outros jovens, outros lugares e conhecimentos, tendo em vista que, em casa, naquela época, não tínhamos *internet/Wi-Fi*. Destaco que somente em 2020, cursando o nono período de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), devido à pandemia da COVID-19 e à necessidade de participar das aulas de modo remoto instalamos *internet* sem fio em casa, em Santa Inês/MA.

Diário de Itinerância: 23 janeiro de 2023  
Gerciane Lima

---

Lembro-me que pertencer àquele espaço significava passar o dia por lá, pois a assistência garantia médico, enfermeiro, psicólogo, estar conectada às redes sociais, ter acesso aos livros, ter o conforto das cadeiras, das mesas, do ar refrigerado, ter bolsa-alimentação para auxílio no lanche, tendo em vista que naquele momento não havia

---

<sup>1</sup> Com a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, os institutos federais da educação foram instituídos pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, compondo a Rede Federal de Educação profissional, científica e tecnológica. O lema desta rede é o ensino público, gratuito e de qualidade. Em 2018, em todo país, se chegou a 659 unidades, das quais 643 se encontram em funcionamento. (Disponível em: [portal.mec.gov.br/setec](http://portal.mec.gov.br/setec) Acesso em: 23 jan 2023.)

refeitório. Além disso, passava horas com amigas/amigos, inclusive, alguns que moravam em outra cidade iam à minha residência para suas necessidades básicas como almoçar, tomar banho, dentre outros, pois, minha casa era próxima à escola.

Habitar o Campus do IFMA cotidianamente também possibilitou horas na biblioteca, ora lendo os livros que eu pegava por empréstimo, ora estudando para provas e atividades e/ou realizando pesquisas nos computadores disponíveis. Na imagem 01, a seguir, trago a foto da minha antiga “carteirinha” de empréstimo de livros da biblioteca, que está totalmente preenchida para demonstrar o meu pertencimento àquele espaço como leitora assídua.

Imagem 01: Foto da minha carteira de empréstimo da biblioteca do IFMA



Fonte: acervo da pesquisadora.

No ano de 2014, no segundo ano do Ensino Médio, no IFMA, participei de um estágio curricular no 16º Tribunal Regional do Trabalho (TRT), tendo em vista que o Instituto estabelecia parcerias com algumas instituições e órgãos para viabilizar estágios para estudantes do curso técnico e superior. Dentre os benefícios, desde as experiências de aprendizados proveitosos no TRT, foi com a bolsa do estágio que pude comprar meu primeiro *notebook*, aos 18 anos de idade.

Traço esta trajetória, para enfatizar ainda a importância do IFMA de Santa Inês para as pessoas da região que se deslocam diariamente para estudar nesta instituição, expandindo o seu público para inúmeros adolescentes e jovens de cidades vizinhas, tais como: Bom Jardim, Pio XII, Pindaré-Mirim e Bela Vista do Maranhão. Naquela época, o IFMA tornava-se influente por ser o único instituto na cidade a oferecer Ensino Médio e técnico, além da oferta de alguns

cursos superiores. Fora este espaço do Ensino Superior, havia somente uma sede da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), na cidade. Atualmente, mudanças significativas levaram a uma expansão dos ensinamentos técnicos e de cursos de nível superior, pois há diversas faculdades particulares e o Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) e na Educação Básica houve a implementação de Escola de período integral na Rede Estadual de Ensino.

Da trajetória escolar que fui tecendo e me deixando ser tecida, de uma jovem sonhadora que entrou para fazer um curso técnico e que cultivou amizades, novos conhecimentos, oportunidades e aprendizagens, o que encarnou na minha pele e que me passou, me tocou e que ainda hoje sou tocada, foi ter participado desde sua implementação em 2013 de um projeto de extensão, já mencionado anteriormente “Fanzine e leitura de mundo”. Este projeto foi constituído pelo então professor de Filosofia, Vicente Juciê e por estudantes do curso de Edificações, os quais foram os pioneiros no desenvolvimento do projeto, sobretudo nas oficinas para apresentação, discussão e confecção de fanzines.

Por conseguinte, em 2013, me inscrevi para frequentar como participante das oficinas e aprender a fazer fanzines. Entre 2014-2015, integrei o projeto como bolsista, cuja responsabilidade que nos cabia era de organizar as atividades de planejamento e execução das oficinas com os demais membros do grupo. Éramos em torno de quatro a cinco integrantes. As oficinas de produção dos fanzines envolviam temáticas relacionadas com as problemáticas das juventudes tais como homofobia, racismo, *bullying*, democracia, vida de estudante, dentre outras.

Nessas produções, o processo metodológico da criação dos fanzines realizava-se da seguinte forma: inicialmente, divulgávamos o local, o dia e o horário das oficinas. No dia marcado, com os interessados, discutíamos em roda de conversas os temas e problemas de acordo com o cronograma prévio. Depois, os fanzines eram produzidos pelos jovens com as temáticas e problemáticas selecionadas e abordadas nas rodas. Destaco que em época de eventos como Feira de Ciências, além dos estudantes do IFMA, o projeto se estendia às/aos jovens de outras escolas do município e graduandos da UEMA que visitavam o Instituto.

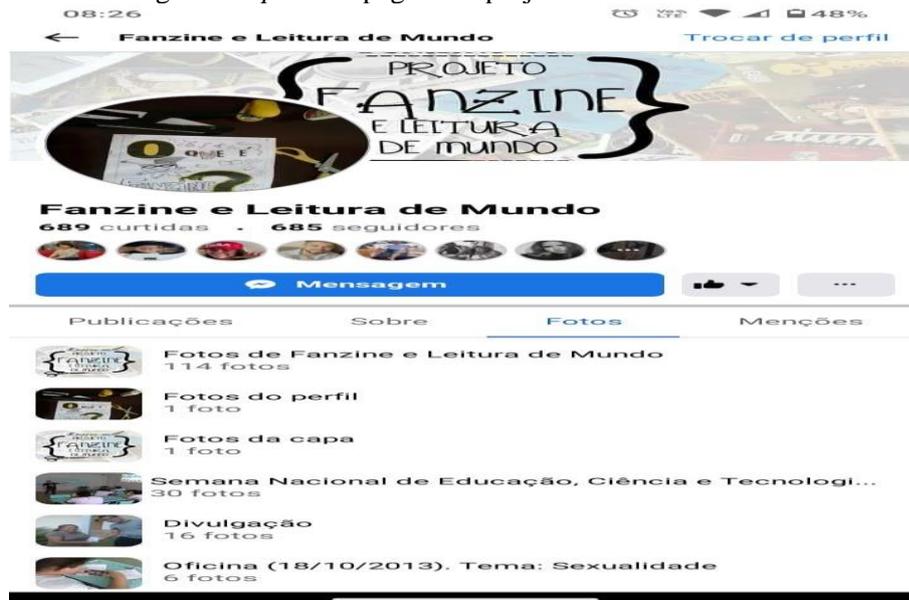
Na imagem 02, a captura de tela foi realizada do site do campus Santa Inês, onde noticiava as atividades dos estudantes no projeto de extensão, no lado esquerdo no início do texto da notícia, temos a fotografia do meu irmão que na época foi estudante do curso técnico de edificações, participou de uma oficina e estava produzindo seu zine. Nas imagens 03 e 04 são capturas de telas da página intitulada Fanzine e Leitura de Mundo que foi criada em 2013 no *Facebook* para divulgar as ações de extensão do projeto para a comunidade virtual. A página

possui 689 curtidas e 685 seguidores. Nesses encontros, a possibilidade de criar fanzines expandia-se a outros sujeitos e espaços como demonstram as imagens 05, 06 e 07, a seguir.



Fonte: <https://portal.ifma.edu.br/2013/09/30/campus-santa-ines-estudantes-criam-materiais-infograficos-em-projeto-de-extensao/>

Imagens 03: *print da página do projeto de extensão no Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100069425886762>.

Imagens 04: *print da página do projeto de extensão no Facebook*



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100069425886762>.

Imagem 05: registros de uma oficina para licenciandas do curso de Pedagogia na Feira de Ciências no IFMA em 2015.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 06: Fanzine produzido por licenciandas de Pedagogia na Feira de Ciências no IFMA em 2015



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 07: Registros da oficina de fanzines na Feira de Ciências no IFMA em 2015



Fonte: acervo da pesquisadora.

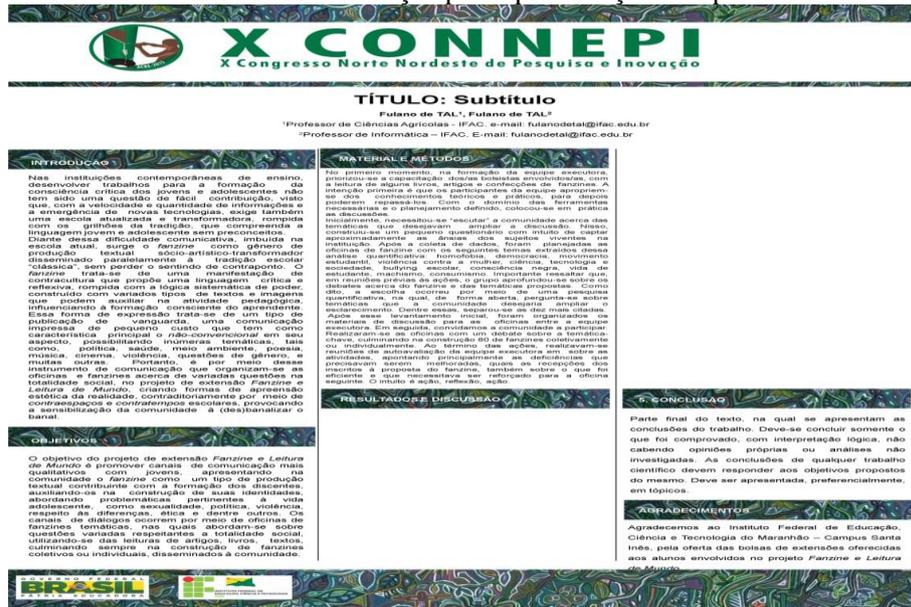
Refletir sobre a experiência de criar fanzines como “algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar”, (LARROSA, 2021, p. 10), voltar-me àquele passado através das memórias, das fotografias, dos escritos, é perceber o quanto os processos criativos dos fanzines vibraram em meu corpo e até hoje permanecem me encantando. Pois, enquanto estive no IFMA, em meio a diversas disciplinas técnicas, rígidas, obrigatórias do Ensino Médio, fazer fanzines permitia momentos de passagem de voz, momentos de expressão,

de liberdade e de autonomia de pensamentos na produção, pois fazendo jus ao nome do projeto, era o espaço onde compartilhávamos nossas “leituras de mundo”. Aliás,

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a "reler" momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (FREIRE, 1989, p. 09).

Lembro as intensidades daqueles momentos, nos quais cada estudante era convidado a refletir, problematizar e criar percepções das temáticas abordadas que lhes atravessavam e mesmo vê-las de outro modo, sob outros vieses. Em 2015, quando cursava o terceiro e último ano do Ensino Médio e técnico no IFMA, nós estudantes integrantes do projeto com o apoio da instituição, viajamos para Rio Branco (AC), para participarmos do X Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação (CONNEPI) e apresentarmos o artigo intitulado “A educação pelo fanzine e a expressão estética do mundo” no formato de banner, resultados dessa extensão. Caminhando nesta pesquisa, encontrei o esboço do *banner* com parte da síntese de nossos escritos: introdução, objetivos, material e métodos, resultados e discussões, como mostra a imagem a seguir:

Imagem 08: Modelo de banner em construção para apresentação oral para o X CONNEPI, 2015.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Diário de Itinerância, 23 janeiro de 2023  
Gerciane Lima

Olhando para trás, observo que finalizei o curso de eletroeletrônica com um lastro de saberes “olhar, ver e reparar” que expandiram meu corpo e me permitiram fazer/ensinar para os colegas do IFMA, para os discentes da Licenciatura de Pedagogia da UEMA e para estudantes do Ensino Fundamental de Santa Inês à experiência no CONNEPI com professores e graduandos de diferentes áreas.

Em 2016, consegui uma vaga como cotista no curso de Licenciatura em Pedagogia na UFPI. Sai da cidade de Santa Inês - MA e fui morar em Teresina - PI. Esta mudança tratava-se de outro sonho a que eu almejava, estudar na universidade. Passei por inúmeras dificuldades até conseguir concluir o curso, num processo quase ininterrupto de adaptação: viver em moradias com parentes, em casa de família e em repúblicas de estudantes, coletivas como cortiços, em lugares insalubres, além de sentir enjoo e náuseas ao andar em transporte público e ainda com alimentação precária, dentre outras.

Mesmo em contexto adverso, foi na graduação, dedicando meus dias nos espaços da UFPI que sobrevivi às intempéries e tive a oportunidade de fugir disto ao conversar sobre fanzines com meus colegas de turmas e nos programas onde fui bolsista, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (RP) – programas onde ministrei oficina de produção de fanzines.

Nos últimos períodos do curso de Pedagogia, ao iniciar a produção da monografia – Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tive o desejo de realizar pesquisa de campo com discentes do quinto ano do ensino fundamental I da rede municipal de Teresina, com a finalidade de que conhecessem a vastidão que o mundo dos fanzines proporciona de ser vivenciado, além de juntar a produção de fanzines com a Sociopoética que

É uma prática de pesquisa e de aprendizagem que transgride a divisão instituída entre poesia, ciência, arte e a construção do conhecimento; não considera as pessoas envolvidas na pesquisa como possuidores de saberes congelados, nem de ilusões fixadas; busca vivenciar para entender o momento criador, tanto do saber como das ilusões; solicita que as pessoas expressem o desconhecido, o recalcado, o escondido na superfície da pele, na rede nervosa ou na profundidade da víscera. (ADAD e SANTOS, 2021, p. 47)

Porém, no ano de 2020, vivenciamos algo inimaginável, no mês de março, os impactos causados pela pandemia do COVID-19, uma crise sanitária devida ao coronavírus de maneira global, dizimou a vida de mais de setecentas e três mil pessoas no Brasil<sup>2</sup>, e no mundo foram quase sete milhões de óbitos registrados, mudando radicalmente hábitos, cuidados e a nossa forma de se viver.

Diário de Itinerância: 24 de janeiro de 2023  
Gerciane Lima

---

Escolas, igrejas, lojas, indústrias, comércio, ruas desertas, pessoas de quarentena em suas casas e apartamentos, todos buscando se protegerem deste vírus que abalou toda a população mundial. O mundo literalmente viveu o trecho da música “No dia que a Terra parou” do cantor Raul Seixas.

Como afirma Krenak (2020, p. 04), “o mundo não pode parar. E o mundo parou”. Vivenciamos uma pandemia, mas que em pouco tempo proporcionou transformações radicais que afetaram nossas vidas, nossos hábitos e formas de relacionamento. A palavra pandemia era inexistente em meu vocabulário e no da maioria das pessoas com as quais convivo, e mesmo para aquelas que a conhecia, o pânico foi a tônica nesse período.

Desde o mês de março de 2020, a COVID-19 entrou em nossas vidas, nas nossas casas, no trabalho, na rua, no nosso dia a dia, além dela, as palavras mortes, isolamento, coronavírus,

---

<sup>2</sup> Número de óbitos: 703.291 no Brasil até o dia 03/06/2023. Dados disponíveis no site: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html)

infecção, internações, álcool em gel, lavar as mãos, *lockdown*, ganharam intensidade, vida e destaque a todo momento e passaram a conviver conosco diariamente, nisso completaram-se três anos que vivemos dentro da palavra pandemia, até que fosse decretado em maio de 2023 seu fim, porém ainda respiramos suas consequências. As informações acerca do que são a COVID-19, o SARS-CoV2 e o coronavírus disponíveis no site do Ministério da Saúde são as seguintes:

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2. (BRASIL, 2021).

Desse modo, a transmissão do vírus alastrou-se em um curto período de tempo, afetando cidades, capitais, estados, países e continentes. Assim, em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) passou a declarar a covid-19 como pandemia planetária (LUZ, 2021). Destaco que além de afetar várias áreas e sujeitos, a educação organizada em estabelecimentos como escolas, institutos, universidades e áreas afins foi uma das mais prejudicadas, sendo os sujeitos jovens “os mais afetados pelo desemprego, em especial os da classe menos favorecida, além de sofrerem os agravantes processos de discriminação de raça, gênero e etnia” (LUZ, 2021, p. 190).

Quando eu estava entrando na reta final do curso, em 2020, iniciei o nono e último período. Era março, tinha passado apenas uma semana de aula, quando uma notícia chegou à universidade. No dia 18 do mesmo mês, a UFPI lançou uma nota suspendendo o calendário acadêmico até o dia 15 de abril de 2020. Vejamos:

Considerando a declaração, pela Organização Mundial de Saúde, em 11 de março de 2020, de pandemia da doença COVID-19, causada pelo novo coronavírus, e tendo em vista: o Art. 207 da Constituição Federal; a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020; a IN nº 21, de 16 de março de 2020, do Ministério da Economia; a N.T. nº 66/2018-MP, de 30 de janeiro de 2018; a Portaria nº 356/GM/MS, de 11 de março de 2020, do Ministério da Saúde; e a Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, a Universidade Federal do Piauí

resolve: Suspender o calendário acadêmico até 15 de abril de 2020, podendo o prazo ser prorrogado, considerando a evolução da pandemia da doença COVID-19 no país. Atenciosamente, PREG. (PIAUÍ, 2020).

Devido à pandemia, o desejo de realizar a pesquisa de campo para o TCC tornou-se inviável. Desta maneira, decidi produzir a monografia sobre o acervo de fanzines realizado no projeto de intervenção do Programa Residência Pedagógica - RP, programa que foi instituído pela Portaria Normativa nº 38, de 28 de fevereiro de 2018. Conforme o artigo 1º da Portaria, a RP tem a finalidade de “apoiar Instituições de Ensino Superior (IES) na implementação de projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica”.

Deste modo, ressalto que os fanzines produzidos na RP em 2019 com os estudantes tornaram-se os documentos analisados no TCC, realizando um relato de experiências com base nas oficinas sobre o gênero música nas aulas de língua portuguesa de uma turma do quinto ano do ensino fundamental I de uma escola municipal de Teresina-PI. Ao analisar as produções realizadas, percebi as potencialidades de processos criativos na criação dos zines que foram feitos coletivamente pelos educandos. O TCC, defendido em 2021, teve como título: “O uso do fanzine como dispositivo de potencialidades criativas com alunos do ensino fundamental I” (LIMA, 2021).

Mas, infelizmente a pandemia não passou, esse período de suspensão teve um alongamento. A situação de crise de saúde assolou o país, e nos causou cicatrizes, luto, dor, aumento das desigualdades sociais e crises para além da questão da saúde. Foram meses sem aula e mesmo quando o período foi retomado no segundo semestre de 2020, passamos a viver sob uma nova forma de ensino, denominado ensino remoto. Tudo era novo e desafiador, com dificuldades e possibilidades ao mesmo tempo, um caminho que foi aprendido a ser trilhado tanto com os professores quanto com os estudantes e com a comunidade acadêmica. Estivemos presentes em espaços virtuais, salas onde nos reuníamos e nos encontrávamos sem estarmos presencialmente.

O tempo de uma aula virtual não se dava da mesma forma de uma aula em sala presencial, o tempo nos passava de modo diferente. Onde mesmo estando sentados, não nas carteiras da universidade, mas nas acomodações de nossas casas, sentíamos cansados nas quatro horas de aula com os olhos vidrados nas telas, telas de computador para quem tinha, ou telas de celulares. Em meio a isto, vivíamos à mercê do funcionamento da *internet*, que produziu um lastro de outros movimentos no corpo como, por exemplo: ora eu caía, ora a professora caía,

ora algum colega de turma caia. Foi um novo jeito de cair, não o fisicamente, mas o virtualmente: “a *internet* caiu”!

Todos tivemos que reinventar métodos de estudar, de dar aula, de nos adaptarmos às novas tecnologias para o acompanhamento das atividades educativas à distância. Mas, percebo, com certo distanciamento, o quanto o ensino à distância se instalou entre nós, tornando possível o processo educativo, em nosso dia a dia. Deste modo, pude concluir a graduação de modo virtual, mas o sonho de ter uma formatura ficou para trás. Boa parte do curso fiz presencialmente na UFPI, então posso dizer que vivi a universidade, respirei seus ares, percorri seus corredores, fiz bom uso das bibliotecas e do laboratório de informática do Centro de Ciências da Educação - CCE, aproveitei o espaço acadêmico a exemplo da vivência no IFMA.

Em 2021, entrei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), de modo virtual. Logo, no primeiro ano de mestrado eu o vivi remotamente, devido à pandemia. Tive que me adaptar a este formato, a ver uma turma inteira, mas através de “janelas”. Ao mesmo tempo era como se a turma não estivesse totalmente ali, visto que na imagem 06 apenas as câmeras da professora e a minha permaneciam ligadas e as demais eram representadas por fotos conectadas às suas contas de *e-mail* e outras apenas por letras. Ocorreram-me algumas inquietações/reflexões: a turma de fato estava presente? Eles estavam conectados com a aula? Que modos são esses de estar junto e não estar ao mesmo tempo que trouxe o ensino remoto? Essas são algumas indagações provocadas diante dessa nova experiência.

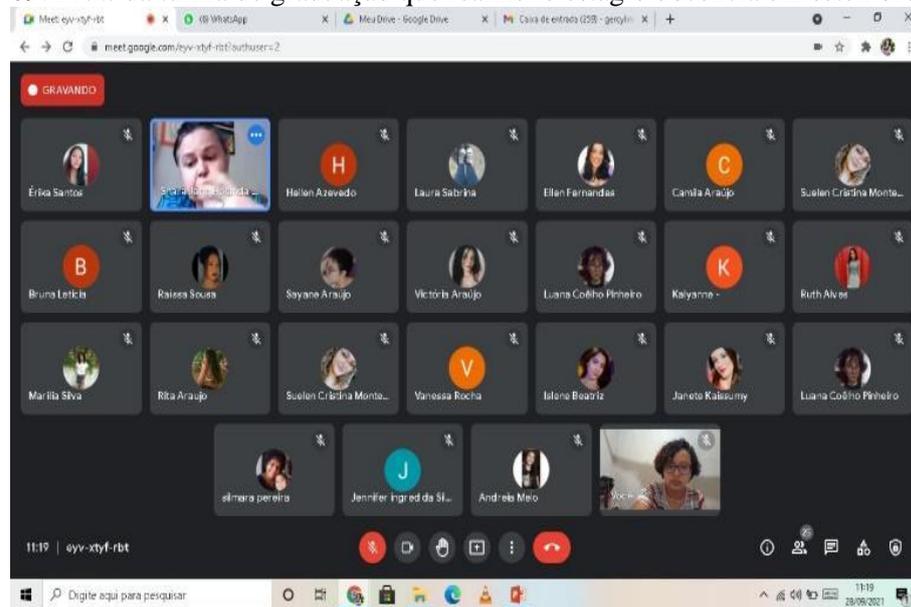
Acerca dos usos das tecnologias digitais, principalmente no período que foi vivenciada a pandemia, Morin (2021) salienta que

Tudo indica que a propagação digital, já em curso e amplificada pelo isolamento (trabalho de casa, videoconferências, Skype, e-mails, redes sociais), vai perdurar. Os dispositivos digitais são ao mesmo tempo instrumentos de liberdade e instrumentos de servidão. A internet permite a livre expressão, que vai da criatividade ao delírio nas redes sociais. Oferece a qualquer indivíduo hábil a possibilidade de decifrar códigos protetores de segredos políticos e militares e de alertar aos cidadãos, ao mesmo tempo que dá enorme poder de vigilância sobre as pessoas, violando o sigilo e a sacralidade da privacidade. (MORIN, 2021, p. 48)

O ensino remoto instalou-se não apenas nas universidades, mas nas escolas públicas e privadas da Educação Básica. Reflito acerca dessa modalidade e, para ilustrar o que foi essa realidade, na imagem 09 há uma captura de tela de uma das aulas na plataforma *Google Meet* no ensino remoto da UFPI.

A expressão *ensino remoto* passou a ser usada como alternativa à educação a distância (EAD). Isso, porque a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita. (SAVIANI & GALVÃO, 2021, p. 38)

Imagem 09: *Print* da turma de graduação que realizei o estágio docência em setembro de 2021



Fonte: acervo da pesquisadora

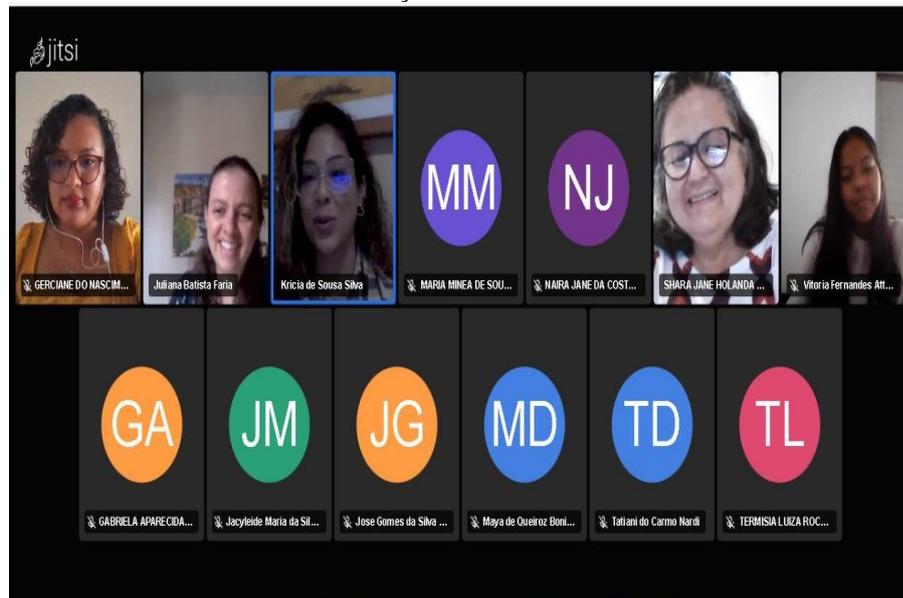
Na experiência do estágio docência com a minha orientadora, fizemos do fanzine recurso pedagógico e dispositivo de sensibilização e escuta dos estudantes no sentido de problematizar e avaliar temas e problemas que os mobilizavam naquele momento pandêmico. No estágio, os momentos vivenciados nos possibilitaram perceber o quão é singular este universo remoto, por se tornar distante e próximo ao mesmo tempo. Este paradoxo realçou a potência do fanzine como dispositivo educativo e artístico ao dar passagens às emoções, aos sentimentos, bem como aos aprendizados teóricos na relação com os temas especialmente que envolvem os sujeitos jovens, tais como, as violências a exemplo dos racismos, sexismos, misoginia, LGBTfobia dentre outros. Houve muitos relatos positivos desta atividade como algo potencializador da criticidade e da criatividade na problematização dos conteúdos estudados, além de ser uma proposta singular que a maioria dos discentes não conhecia.

Diário de Itinerância: 24 janeiro de 2023  
Gerciane Lima

Olhando para as experiências tanto do estágio quanto do mestrado em si, ambos em modo remoto, percebo alguns movimentos de adaptação ao virtual, ou pelo menos, as tentativas. A sensação é que o tempo passa de modo diferente ao assistir aulas através de janelinhas. Lembro que ora eu sentava na sala, ora na cozinha ou no meu quarto, mesmo estando lá parada em frente ao *notebook*, o corpo sentia exaustão. Recordo que minha atenção se esvaia muito rápido, apesar de eu tentar prestar atenção, mas a depressão e a ansiedade pós-luto já se manifestavam em mim e eu não tinha conhecimento.

Daquele estágio docência, resultou um relato de experiência no qual apresentei em forma de comunicação oral no IX Encontro de Pesquisa em Educação – Educação, ensino e pesquisa em tempos de pandemia: realidades e possibilidades do PPGEd com o seguinte título “Produção de fanzines: uma experiência no estágio docência”.

Imagem 10: Dia de apresentação em Comunicação Oral no IX Encontro de Pesquisa em Educação do PPGEd



Fonte: acervo da pesquisadora.

Logo que a UFPI parou suas atividades, voltei para Santa Inês - MA para viver a pandemia com meu pai. Minhas experiências naquele momento foram no Maranhão, dias e meses habitando a maioria do meu tempo no quarto, onde o isolamento ganhava intensidade e pesava em meu corpo.

[...]  
Sobre a Covid, vou dizer  
É o mal da solidão  
Saudade escorre dos olhos

Com a triste evolução  
 Ele distancia pessoas  
 Retarda a aproximação.  
 [..]

(Rosângela Sousa, Livro Distopia, 2021)

Ganhei peso, comecei a usar *delivery* para algumas comidas, não me exercitava, as redes sociais e *streamings* estavam sendo meu refúgio, a pele das minhas mãos tornou-se fina e descamava constantemente, mediante a tanto uso de sabão e álcool em gel. Eu não imaginava que um dia eu teria que lavar os produtos e comidas que eu trazia do supermercado e nem que eu teria que encharcar as sacolas de álcool. Era sufocante, mas ao mesmo tempo indispensáveis esses cuidados e o uso de máscaras.

Lendo uma antologia trago um trecho de um texto onde um amigo por quem tenho grande estima:

Depois disso, sem dizer nada, pelo sim, pelo não, mais que ligeiro, levantando-se da cadeira, correu até ao quarto de dormir e colocou algumas gotas de perfume no dorso da mão e levou ao nariz. Nada de sentir cheiro algum. Então a certeza de uma tonelada caiu-lhe sobre a cabeça: estava sim infectado pelo vírus! (GETIRANA, 2021, p. 59)

No isolamento que nos foi imposto, aos poucos, a memória dos tempos que estudei no IFMA e conheci os fanzines tornou-se próxima e me fez perguntar: Como é estudar no IFMA depois de uma pandemia? Será que os jovens estudantes conhecem fanzines? Pensei ainda: Os conceitos de ser jovem mudaram com a pandemia: o que é ser jovem no IFMA, hoje? Como foram se constituindo o jovem na pandemia ou no pós-pandemia de COVID-19? Quais os seus sentimentos? Quais os seus sonhos? O que conseguiram criar em meio a estes contextos adversos? Os fanzines enquanto dispositivo de pesquisa pode contribuir nos processos criativos e mobilizar afetos, resistências e experiências de mundo e de si desses jovens naquele contexto?

Estas questões foram consideradas por mim como relevantes porque os conceitos criados e permeados de afetos seriam produzidos pelos próprios jovens sobre o que é ser jovem durante a pandemia no IFMA, possibilitando que esta pesquisa fosse construída coletivamente com e entre eles. A partir das vivências que tive e com a vontade de enveredar caminhos para potencialidades criativas com o fanzine e utilizá-lo por meio da abordagem sociopoética como um dispositivo de pesquisa qualitativa, enxerguei no IFMA o território da pesquisa, pertinente para uma escuta sensível e para a passagem das vozes da(os) jovens que lá habitam especialmente na pandemia e pós-pandemia de COVID-19.

Essas perguntas mobilizavam-me em momentos iniciais do mestrado, mas que devido aos impactos da pandemia, os lutos recentes que eu estava vivenciando e o adoecimento de minha saúde mental, a pesquisa passou por novas desterritorializações tendo em vista inclusive que os prazos se tornaram exíguos, dificultando a realização de uma pesquisa de campo. Por isso que, hoje, com certo distanciamento, concluo que escrever uma dissertação nestes tempos que correm trazem um desafio duplicado, pois, construir uma dissertação já não é fácil. A pesquisa que apresento aos leitores passou por grandes tremores, grandes fraturas, grandes e pequenos recomeços, passou por várias transformações e tem passado por uma pandemia!

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’, [...] o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu pulso e se destruir [...] A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante, (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323)

O meu caminhar como jovem pesquisadora tem sido permeado pela pandemia de um vírus invisível aos olhos, mas dilacerante em seus rastros, tanto meu TCC quanto minha dissertação tiveram macro e um micro nascimentos, conectados com os impactos que ao longo desses três anos a COVID-19 tem deixado. Somam-se horas e horas de frente a tela do *notebook*, ora assistindo a aulas remotas, lendo textos em PDF, escrevendo e ora planejando e organizando atividades relacionadas ao mestrado, que se passou quase que completo por meio virtual.

Há nascimentos aqui, tanto uma jovem pesquisadora que nasceu e tem passado por todas as nuances e devires que a pesquisa tem possibilitado quanto a estas escritas que ultrapassaram o papel, a tela do *notebook* e passaram por experiências, de luto, de pandemia, de adoecimento mental, de mudança de objetivos e de metodologia. Entre dores, lágrimas, alegrias, juventudes, superações, sonhos, desafios, fanzines, sociopoética, educação, projetos de vida e BNCC, mudei o local da pesquisa de campo que seria no IFMA e agora em outras condições, a reterritorialização passa a ser no mundo virtual – local rico em produção de fanzines em tempos de pandemia, e onde os sites de busca me levaram à outro Instituto Federal, mais adiante através de diários de itinerância no terceiro capítulo eu detalho com mais profundidade os motivos que mobilizaram-me a querer pesquisar a seguinte pergunta: O que foi produzido de fanzines (e-zines) por jovens/fanzineiros entre 2020 e 2021 durante a pandemia no meio digital?

---

Recordo-me das dificuldades de acesso a uma plataforma de aula no último período de pedagogia, no ano de 2020 em que tanto a professora quanto a turma tiveram dificuldades de acesso e manuseio, dessa forma foi migrado para o *Google Meet* e quando assistíamos palestras e/ou eventos também começou a ser bastante utilizado o *zoom*. Tive que aprender a utilizar todas essas ferramentas, demorei a me familiarizar com algumas e outras aprendi a usar *sites* e plataformas para personalizar apresentações, assim deixando slides mais atrativos, bem como aprendi a utilizar a nuvem de palavras através da plataforma *mentimeter*, que foi bastante utilizado nas aulas para a construção de uma nuvem com diversas palavras que as/os integrantes das turmas colocavam de acordo com as temáticas das aulas.

Com novos direcionamentos, a pesquisa tem por objetivo geral analisar saberes, emoções e sentimentos expressos em e-zines (fanzines/zines virtuais) produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e foram compartilhados no meio digital no período da pandemia de COVID-19 entre 2020 e 2021. E como específicos: investigar as temáticas de e-zines produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e que foram compartilhados nos meios digitais no período da pandemia de COVID-19 entre 2020-2021; identificar saberes, emoções e sentimentos mobilizados pelas temáticas de e-zines produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e que foram compartilhados nos meios digitais no período da pandemia de COVID-19 entre 2020-2021.

Como já dito, destaco que a minha jornada de jovem fanzineira se iniciou no Instituto Federal, campus Santa Inês - MA, produzindo fanzines manuais. No processo da pesquisa em às suas turbulências, reencaminho meus passos para os meios digitais em busca de vestígios da presença de jovens *versus* produção de fanzines na educação, tendo como referência os anos de 2020-2021, período pandêmico. Acessei sites da internet, pelas redes sociais e em conversas com fanzineiros mais experientes, li seus e-zines, seus livros e artigos, surpreendendo-me com este universo virtual.

Em volta com os objetivos através de cliques, acessos, encaminhamentos cheguei ao maravilhamento do vasto acervo das produções fanzineiras realizadas, principalmente com jovens do Instituto Federal de Macaé, Rio de Janeiro, que será destacado a Fanzinoteca como um dos territórios da pesquisa no capítulo 3 **Caminhos que levaram aos e-zines produzidos por jovens e/ou que tiveram suas participações nos meios digitais.**

No capítulo 1 intitulado **Minhas Experiências com o Zine: Do IFMA ao Mestrado no Ensino Remoto** descrevo as minhas implicações em forma de autobiografia, mostrando as

trajetórias engajadas nos territórios institucionais como a escola e a universidade. Capítulo 2 intitulado **Em suas mãos, o que é Fanzine** trata desde a história, os conceitos, modos de fazer desde os fanzines produzidos no papel até os e-zines dos meios digitais.

No capítulo 4 - **Saberes, emoções e sentimentos de jovens em e-zines no período da pandemia da COVID-19** trago os resultados advindos do olhares desejosos de ver e ouvir, olhar e reparar sensivelmente para os E-zines de jovens na pandemia de modo a dar realce sobretudo as criações destes jovens, aproximo-me da língua da experiência juvenil com desejos de trazer a marca do falante, do ouvinte, do leitor, sempre desconhecido, das palavras-imagéticas de palavras e pensamentos que atravessaram os corpos e traduziram seus saberes, sentimentos e emoções vividos na pandemia da COVID-19. E, por fim as **Considerações finais, mas será o fim?**

## 2 EM SUAS MÃOS, O QUE É FANZINE

“\_ *Escute, Mino, o fanzine serve pra duas grandes coisas...*

\_ ... *Mostrar ao mundo o que você pensa e, principalmente, se divertir fazendo isso.*”  
(FERNANDES, 2018)

Em todo o trabalho são diversas as implicações que minhas experiências encarnaram para o nascimento e continuação dessa dissertação, pois “a língua da experiência não só traz a marca do falante, mas também a do ouvinte, a do leitor, a do destinatário sempre desconhecido de nossas palavras e de nossos pensamentos.” (LARROSA, 2021, p. 70)

Os fanzines pulsam na juventude e ela

Se constitui enquanto categoria social, no que se refere a definição de um intervalo entre a infância e vida adulta apenas no final do século XX, ganhando contornos mais nítidos no final do século XX, sendo uma invenção moderna tecida em um terreno de constantes transformações. Como uma produção social e cultural, mais do que qualquer outra categoria, tem a característica de ser irredutível a uma definição concreta e estável, pois se configura a partir de diversos estilos culturais imprimindo nos cenários que circulam múltiplas juventudes. (ADAD, 2014, p. 41)

Conforme a Lei Nº 12.852, de 05 de agosto de 2013, artigo 1º “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.” (BRASIL, 2013). Conheci os fanzines aos 17 anos, as pessoas que conheci e que li ao longo desses anos, a maioria conheceu o mundo dos fanzines vivendo as suas juventudes.

Ao ler o livro *Os fanzineiros*, de Breno Fernandes (2018) que escolheu a literatura infanto-juvenil para falar de fanzines, tomei como primordial registrar a epígrafe de início do capítulo com um trecho da história onde um dos personagens explica para seu primo a “utilidade” dos zines. E, ao tempo em que vou escrevendo o presente parágrafo, reflito que a Gerciane de anos atrás, do ensino médio, aprendeu sobre fanzines colocando a “mão na massa”, hoje, juntamente com a experiência da prática, eis que venho tornando-me pesquisadora, movida pela paixão que foi despertada em uma jovem que viveu no interior do Maranhão e que hoje essa paixão está se transformando em uma dissertação.

De modo geral, os estudos relacionados ao fanzine e sua produção mencionam que seu surgimento deu-se por volta dos anos de 1930 nos Estados Unidos. Conforme Guimarães, (2005) o termo *fanzine* foi criado em 1941 por Russ Chauvenet nos EUA. A palavra surgiu da seguinte junção: *fanatic* + *magazine*, que na tradução brasileira significa “fã de revista”. Para

Magalhães, (1993, p. 09) “o fanzine é uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente.” Portanto, possui baixo custo e geralmente está à margem dos grandes mercados editoriais. Magalhães, (1993) salienta que

Os fanzines são veículos amplamente livres de censura. Neles seus autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com lucro; portanto, sem as amarras do mercado editorial e de vendas crescentes. (MAGALHÃES, 1993, p.10)

No Brasil, os fanzines pioneiros nasceram por volta de 1965 por Edson Rontani, nessa época as produções amadoras eram chamadas de boletins, só em torno de 1970 o termo *fanzine* iniciou sua popularização. O autor Magalhães, (2009, p. 107) define os fanzines como “um produto de grupos marginalizados cultural e geograficamente, bem como porta-voz de um tipo de cultura que denominamos genericamente de *underground*, contracultura ou independente.”. Pois, os zines são reconhecidos como “marginais” por não fazerem parte das grandes mídias editoriais.

O fanzine tem como mola propulsora a condição de aficionado do(s) autor(es)/ editor(es), o que confere a esta mídia artesanal um diferencial em relação às publicações comerciais – o descomprometimento com uma clientela, pois antes de mais nada, o fanzine é feito para agradar a quem o faz. (SOUSA & TAVARES, 2022, p. 83)

É interessante que ao incorporá-lo em suas práticas tanto fora quanto dentro da escola, acrescenta-se também nossas ressignificações além de saber o básico de seu manuseio e compartilhamento, prosseguindo com a bibliografia temos que o fanzine

São projetos pessoais que se concretizam através da publicação em máquinas fotocopadoras (chamada de “xerox”) ou gráficas rápidas. Com tiragens pequenas, que podem variar de 10 a 3.000 exemplares, são pequenas mídias e, se comparadas aos veículos da grande imprensa são mídias minúsculas. É um veículo de comunicação que serve como suporte para uma mensagem com potencial de tornar-se vetor de uma rede interlocutores acerca de determinado assunto. É também uma obra de arte em si, dado o seu caráter pessoal, artesanal e crido dentro de uma proposta estética. (MEIRELES, 2008, p. 10 *apud* MUNIZ, 2010, p. 15-16).

No mundo dos fanzines alguns termos são comumente utilizados: fanzine também pode ser chamado de “zine”; fanzineiro(a) = quem faz o fanzine; fanzinoteca = biblioteca de fanzines; e-zine = zines virtuais. Para Sno, (2022, p. 15) “zine é um veículo de comunicação, assim como

o jornal, revista, televisão, rádio, cinema, gibi, etc. Porém, é uma publicação independente, quer dizer que qualquer um pode publicar”. Sousa, salienta que

Pesquisar as possibilidades pedagógicas do fanzine significa buscar entender de que forma essas mídias alternativas podem ampliar o conhecimento e a autonomia do indivíduo, tanto a linguagem quanto a forma livre, desenvolvendo no alunado o gosto pela ação e autonomia, em que a criatividade é um dos alicerces motivadores da construção de conhecimento. (SOUSA, 2022, p. 07).

Para Galvão, (2010, p. 84) “os fanzines são trabalhos feitos por leitores, por consumidores de mídias e de signos, para os seus pares, para aqueles que compartilham dos mesmos códigos, as mesmas sensibilidades”. Assim, o fanzineiro trabalha na criação de seu zine e compartilha com outras pessoas o seu trabalho. Este autor me atravessa ao dizer:

Perguntar-se sobre o que é um Fanzine é um ato de se questionar como uma produção alternativa amadora – não vista por todos – pode ter tamanho poder para divulgar ideias. Constituindo o principal veículo de comunicação utilizado por diversos movimentos alternativos de juventude, como o punk, o Anarcopunk, HQs, ficção científica, poesia e uma infinidade de grupos que não tem espaço na grande mídia. Então, o Fanzine é uma mídia minúscula, que veicula o que o oficial exclui, podendo encontrar desde receitas de comida vegetariana até receitas de bombas caseiras. (GALVÃO, 2005, p. 18).

Pensar o fanzine como uma mídia minúscula nos lembra da reflexão que se faz acerca de uma educação menor e da literatura menor, pois “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em língua maior [...] Literatura menor: subverter uma língua, fazer com que ela seja o veículo de desagregação dela própria”. (GALLO, 2003, p. 75).

São três as características principais a serem observadas, para que possamos identificar uma obra como literatura menor. A primeira dessas características

É a *desterritorialização da língua*. Toda língua tem sua territorialidade, está em certo território físico, em certa tradição, em certa cultura. Toda língua é imanente a uma realidade. A literatura menor subverte essa realidade, desintegra esse real, nos arranca desse território, dessa tradição, dessa cultura. Uma literatura menor faz com que as raízes aforem e flutuem, escapando desta territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas. A literatura menor nos leva sempre a novos agenciamentos. (GALLO, 2003, p. 75-76).

Sua segunda característica

É a *ramificação política*. Não que uma literatura menor traga necessariamente um conteúdo político expresso de forma direta, mas ela própria, pelo

agenciamento que é, só pode ser política. Sua existência é política: seu ato de ser é antes de tudo um ato político em essência. Uma literatura maior, estabelecida, não é política, necessariamente. Até pelo contrário, pois comumente aparece-nos como um agenciamento apolítico (como se isso fosse realmente possível!). A literatura maior não se esforça por estabelecer elos, cadeias, agenciamentos, mas sim para desconectar os elos, para territorializar-se no sistema das tradições a qualquer preço e a toda força. Para a literatura menor, o próprio ato de existência é um ato político, revolucionário: um desafio ao sistema instituído. (GALLO, 2003, p. 76).

#### E a terceira característica das literaturas menores

É talvez a mais difícil de entender e para se identificar, em alguns casos. Mas literaturas menores tudo adquire um *valor coletivo*. Os valores deixam de pertencer e influenciar única e exclusivamente ao artista, para tomar conta de toda uma comunidade. Uma obra de literatura menor não fala por si mesma, mas fala por milhares, por toda a coletividade. Os agenciamentos são coletivos. Mesmo um agenciamento singular, fruto de um escritor não pode ser visto como individual, pois o um que aí se expressa faz parte do *muitos*, e só pode ser visto como um se for identificado também como parte do todo coletivo. Não há sujeitos individuais, apenas agenciamentos coletivos. Isso é facilmente identificável literal e formalmente em certas obras, mas fica dificultado em certas outras, de cunho bastante introspectivo, e até autobiográfico [...] remetendo-se a todo um leque de problemas inquietações da comunidade minoritária da qual o singular artista faz parte. (GALLO, 2003, p. 76-77).

Não é à toa que Magalhães (2018, p. 31) fala do fanzine eclodindo de dentro de um movimento juvenil minoritário: “A eclosão do movimento punk na década de 1970 na Inglaterra gerou uma verdadeira onda de fanzines dirigidos à música ligada a essa expressão contracultural.”

Os fanzines punks trouxeram ideias novas e contestadoras à já desgastada contracultura da década de 1960. Sua importância se deve não só por ter criado uma onda irrefreável de novas publicações, mas por ter massificado o termo fanzine, que ganhou popularidade e passou a denominar de forma abrangente os boletins de fã-clubes ou as revistas de aficionados. (MAGALHÃES, 2018, p. 32)

Os zines nos últimos anos “Os fanzines têm sido cada vez mais reconhecidos no Brasil, porque, não só na área da educação, mas na de artes em feiras e eventos, têm sido propagados como revistas de autoralidade artística.” (FRANCO e ANDRAUS, 2021, p. 71), pesquisando na *internet* a palavra *autoralidade*, o seu significado remete a “palavra relativa ao termo "autoral", que significa ao relativo a autor de obra literária, artística ou científica. Que tem a cara do autor. A identidade do autor na mensagem.”

Um outro pensamento acerca da conceituação do fanzine que torna-se relevante para essa pesquisa é de Sobreira Júnior (2015, p. 3655), ao dizer que fanzine “é um tipo de produção textual similar a uma revista ou jornal, entendendo-o como dissidente dessas formas gráficas e, portanto, possuem características parecidas na sua constituição, tais como edição, diagramação, impressão.” Para complementar, um outro conceito, diz que

Os Fanzines são o resultado da iniciativa e esforço de pessoas que se propõem a veicular produções artísticas ou informações sobre elas, que possam ser reproduzidas e enviadas a outras pessoas, fora das estruturas comerciais de produção cultural (GUIMARÃES, 2005, p. 12).

Quando o papel é usado para dar suporte a recortes de revistas e jornais, colagens, desenhos, palavras escritas, borradas, pintadas, a textos, imagens e tudo isso juntado transforma-se em um trabalho com uma variedade de linguagens, e que vai muito além de que um papel todo escrito e colado, porque aí está uma produção com vários sentidos, com várias subjetividades e expressões de liberdade. Desta forma, os fanzines se transformaram em publicações reflexivas, analisando os diversos aspectos das artes de forma crítica e independente. (MAGALHÃES, 2009).

Em um simples papel ou em uma tela de computador (importante dizer que saiu do papel e foi para o computador e para a *internet* transformando-se numa mídia virtual) ao produzir um zine, um misto de oportunidades se cria e recria e ganha vida conforme a visão, arte e criação de quem o faz. Magalhães, (2016, p. 77) diz que “no fanzine experimentam-se as novas linguagens, promovem-se ousadias conceituais.”. Desse modo, como fanzineira, afirmo que no processo de trabalhar uma publicação amadora e autônoma são abertas portas e janelas para escaparmos da prisão de não ser criativo e das bolhas de vidro e deixamos falar as nossas vozes que na maioria das vezes são reprimidas, ou seja, o fanzine pode ser considerado resistência a vários tipos de prisões, desde aquelas que reprimem as nossas subjetividades quanto à de sistemas opressores. Magalhães, (2016, p. 77) afirma que “enquanto manifestação espontânea e democrática de grupos, muitas vezes formados por jovens, o fanzine faz ainda a legitimação das linguagens populares, nem sempre percebidas pelos círculos oficiais” tornando possível “conhecer quem são os jovens e o que pensam sobre determinados assuntos, constitui-se de elemento chave para a compreensão das múltiplas e diversas realidades desses sujeitos.” (OLIVEIRA & SANTOS, 2021, p. 27-28).

De acordo com a reflexão feita por Andraus e Neto, (2010, p. 35) os fanzines “favorecem um processo criativo vantajoso aos seus criadores e leitores.”, portanto, os autores

ressaltam o grande potencial que os zines possibilitam ao desenvolvimento de criatividade de quem é autor(a) (fanzineiro(a)) e de quem é leitor(a), além disso, há uma diversidade de possibilidades de autonomia, liberdade de ideias, fortalecimento de laços de amizade na troca de zines em todo o processo de construção de um fanzine, visto que pode ser trabalhado coletivamente.

Dessa maneira, saliento a importância de enxergar “a riqueza que é trabalhar com os zines, as possibilidades interativas, interdisciplinares, além do rico processo psíquico que se dá ao colocarem as “mãos na massa”, já que o trabalho também pede bastante intervenção manual.” (ANDRAUS & NETO, 2010, p. 41-42). Assim, os autores ressaltam a magnitude e o potencial de laborar/inventar com fanzines.

O autor Perissé, (2009, p. 36-37) afirma que “a arte educa na medida em que, atraindo nossa visão, encantando nossa audição, agindo sobre nossa imaginação, dialoga com a nossa consciência.”, então, a criação de fanzines em sala de aula torna-se, portanto, uma arte educadora. A/o jovem ao deparar-se com o novo, no caso, o fanzine, vai estar aberto para inúmeras possibilidades de experiências, conhecimento, invenção e caminhos para a produção de criatividade e linguagens no desenvolvimento dessas revistas artesanais, ampliando, assim, a capacidade de autonomia, autoria e criação. O trabalho com fanzine em sala de aula auxilia no processo de aprendizagem pois, segundo Pinto, (2020, p. 15) “pode ser um valioso exercício de leitura e escrita, e principalmente possibilita ao aluno se tornar o autor de sua obra e de se fazer ouvir”. Com a seguinte afirmação reitero a importância de levar para a sala de aula o universo dos fanzines.

Conforme Martins & Adad, (2014, p. 82) “a escola é um espaço de produção de subjetividades, visto como o lugar da educação, em que diversas subjetividades manifestam-se a todo instante”. Dessa maneira, o fanzine como dispositivo de potencialidades criativas é possível ser um veículo de comunicação para se conhecer as subjetividades de seus autores, de crianças e jovens que vivem no espaço escolar e, assim, mostrar o que eles pensam, como eles veem e vivem o espaço a sua volta, as suas visões de mundo e/ou as suas linguagens. Dessa maneira, faz-se necessário tanto o profissional da educação, quanto a escola serem estimulados a desenvolverem um processo de potencialização da criatividade, visto que a escola ao encorajar e valorizar as ideias dos educandos está sujeita a vir a ser um espaço impulsionador de novas pessoas criativas, autoras, autônomas e confiantes de si mesmas.

Diante de todo o exposto, avalio como relevante a prática de produção de fanzines para os jovens da escola pública, pois o fanzine em sala de aula é um dispositivo que fortalece e estimula a capacidade de criar, de autonomia, de subjetividade e autoria. Os jovens no contato

com o fanzine terão a possibilidade de “gritar” nessa produção o que eles veem e leem das suas experiências de mundo, assim como irão também produzir novos conceitos e novas formas de resistências de ser jovem, pois o próprio fanzine é uma forma de resistência. O fanzine também em sala de aula abre caminhos para novas práticas educativas que possibilitem uma interação mais próxima com os educandos.

## 2.1 FANZINE NA EDUCAÇÃO

Diário de Itinerância: 15 de fevereiro de 2023  
Gerciane Lima

---

Entre remédios, insônia, sono desregulado, vontade de chorar, mas sem conseguir chorar, com um cansaço mesmo sem ter feito esforço físico, com medo, ânsia, sentimento de culpa, com o prazo quase extinguindo, pressão, falta de dinheiro, com muitos erros nesse começo como jovem pesquisadora. Remexo uma página antiga no *Facebook* e encontro imagens das oficinas de fanzines e sinto um fôlego para poder ir dissertando essas palavras.

Início esse tópico com um diário que escrevi refletindo que “é habitando o mundo e seus riscos de queda, de perda, que o corpo aprendente vai percebendo o quanto em nós o mundo habita” (ADAD & SILVA, 2014, p. 467), na educação o meu corpo teve muitas quedas e tremores, onde passei a conhecer meus limites e modos de resistência e de invenção, ao olhar a fotografia onde eu estava olhando uma revista antiga em busca de imagens e/ou palavras e letras de diferentes fontes e tamanhos, passo a compreender alguns movimentos de entrada que os zines passaram a habitar em mim, sendo uma experiência que ficou encarnada onde hoje passo a crer que “aprender é inventar mundos – e não só se adaptar a certo mundo existente.” (KASTRUP, 2012 p. 53). Neste caso, o fanzine na educação pode contribuir para uma aprendizagem inventiva que remete à invenção de mundos, à invenção de novas realidades. Trata-se de uma ideia que às vezes só entendemos aos poucos, é preciso que ela ressoe em nós. Assim,

A força criativa dos fanzines se mostrou mais importante que a realização das próprias publicações. Com os fanzines, a liberdade de expressão pode se manifestar em plenitude, a experimentação gráfica rompe os cânones das cartilhas editoriais e os jovens têm seu veículo para fazer circular suas ideias.

Tantas possibilidades expressivas não poderiam passar ao largo dos processos pedagógicos, e não passaram. (MAGALHÃES, 2013, p. 64)

É notável a intrínseca ligação dessas publicações com as juventudes, pois em diversos contextos os zines passaram a habitar o meio das/os jovens, seja com as juventudes das décadas de 80, 90, e com as juventudes que passam a ter contato, a consumir e a produzir, disseminando suas visões, ideais, sonhos, suas criatividade e invencionices, apesar de nesse trabalho haver um olhar voltado para esse público, saliento que desde crianças a adultos podem desfrutar de todo o universo presente no mundo dos zines. Ao passo que nas últimas décadas aos poucos esse mundo foi adentrando ao chão da escola. Henrique em seu livro “A mutação radical dos fanzines”, salienta que

Fonte de investigação inesgotável, o fanzine como fenômeno editorial tem sido, nos últimos anos, cada vez mais objeto de estudo no meio acadêmico. Professores e estudantes de graduação e pós-graduação de universidades de todo o país têm se debruçado sobre essas pequenas publicações, produzindo artigos, monografias e dissertações sobre vários aspectos de sua produção. (MAGALHÃES, 2016, p. 05)

Alguns professores que vivenciaram o mundo dos fanzines e seus rebuliços, acabaram levando suas experiências para a sala, houve fanzineiros que tiveram certa relutância em relação à entrada dos zines no ambiente escolar, pois possuindo um caráter transgressor, contracultural, livre de amarras de grandes mídias editoriais, poderia correr o risco de uma captura de sua essência, mas não teve jeito e aos poucos o compartilhamento de experiências zinescas foi ganhando espaço e chegou na escola, assim, ganhando admiradores e mais fanzineiros foram nascendo. Apesar disso,

A introdução dos fanzines nos processos educacionais tem ocorrido nas duas últimas décadas ainda de forma incipiente, com desconhecimento dessa proposta por parte de muitos educadores e dos segmentos da sociedade sobre o que é um fanzine, que mesmo entre professores, precisa ser divulgado e explicitado enquanto sua potencialidade de uso educacional e cultural. (LACERDA, 2021, p. 216)

Trazendo para o contexto dos dois últimos anos, a pandemia trouxe encontros, reuniões, trabalhos e aulas no remoto, assim, entre 2020 e 2021, período onde as restrições em relação ao combate do coronavírus foram de modo intenso, o que os jovens produziram na (ou a) escola relacionado a fanzines? produziram *lives*? Mini-cursos? Palestras sobre zines? E-zines?

Encontros por plataformas digitais? Essas são algumas perguntas que tem me mobilizado, mediante as mudanças que minha pesquisa tem tomado.

Nas últimas duas décadas o movimento de trazer o fanzine para o espaço escolar foi ganhando frequência, professores que em sua juventude e em outras ocasiões tiveram o contato com essa produção, passaram a perceber que pontes poderiam ser construídas das visões de mundo de jovens, crianças e adultos na ampliação de conhecimentos e que poderia torna-se um primoroso recurso pedagógico no ensino e aprendizagem, contato que haja o cuidado, como ressalta Nascimento (2010, p. 121), de “não pedagogizá-lo, sem tomar “para si a tarefa da imposição e do controle do sentido ‘correto’”.

Sno (2022, p. 48), ressalta que “o importante é que o zine, mesmo em ambiente escolar, não perca seu espírito de liberdade, contestação e de um autêntico veículo de expressão”, portanto as práticas dos fanzineiros que atuam na educação devem ter o cuidado de não engessar ou não colocar amarras no fazer zineiro. Nas experiências e leituras que tenho realizado, noto o cuidado de evidenciar a ideia que expressa o autor citado.

Exemplo de educador que em sua juventude produziu zines e teve contato com outros fanzineiros e que em sua docência, trabalhou o projeto de extensão com os estudantes do Instituto Federal, foi o meu ex-professor de filosofia. Dessa forma, ao ler livros, dossiês, artigos e postagens relacionadas a essa temática, vislumbro que parte dos docentes que em algum momento teve contato com esse contato, passaram a utilizar em suas aulas o fanzine como dispositivo.

Nos entrelugares que existem entre práticas educativas e os fanzines, abro espaço para o diário de itinerância.

Diário de Itinerância: 16 de março de 2023  
Gerciane Lima

---

Deslizando a tela de vídeos aleatórios no *Instagram*, encontrei um vídeo onde o ilustre músico cearense, Belchior dizia o seguinte: “Não me sigam! que eu também estou perdido! Ou façam ou descubram o próprio caminho, façam como eu, inventem! Ou melhor, não façam como eu, inventem! (Belchior) e essa frase literalmente “alugou um apartamento na minha cabeça” gíria que ouvi em conversas juvenis. Pois, bem, ao longo de período de mestrado, estive muito perdida, então tive que buscar caminhos inventados para me encontrar, me perder e me reencontrar nesse pesquisar, onde as desterritorializações fizeram-se latentes, assim de Belchior vou para a poesia de Manoel de Barros que disse “tudo que não invento é falso”, assim invento caminhos para que

a minha pesquisa seja viva, seja encarnada, seja tocada e que talvez abra outras invenções para outras pesquisas.

Os relatos de experiências de oficinas com produção de fanzines tornam-se valorosos recursos para a literatura voltada a esse tema, e torna-se perceptível um aumento de produção de artigos de variadas disciplinas que vão desde a Educação Básica, à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ao ensino superior, mas, além disso

A frequente produção de zines na escola acaba por dar vazão à elaboração dos problemas que atravessam a própria escola. Os estudantes expressam, em suas criações, os envolvimento, dilemas, críticas e sentimentos que atravessam sua experiência escolar, tal como ressalta da análise dos zines e das aproximações informais nas oficinas. Sendo assim, a Fanzinoteca e suas atividades trazem à escola um dispositivo de participação política que modaliza múltiplos envolvimento e faculto o exercício de diversas competências e capacidades, além de facilitar a comunicação na diferença (THÉVENOT, 2014). (PINTO & SOUZA, 2021, p. 178).

Por outro lado, tal produção costuma

Trazer para a escola um trabalho pedagógico que utiliza a arte como prática reflexiva, como processo de produção de subjetividades, como produção de conceitos. Ou seja, nos métodos e nas técnicas, nas rotinas construídas, nos exercícios, nas brincadeiras e no riso [provocados pelos fancines] estão conhecimentos implícitos que permitem nova compreensão de mundo, condições favoráveis à produção de outras formas de pensar o mundo e, quem sabe, até mesmo à transformação das diversas situações enfrentadas no cotidiano da escola. (SANTOS & SANTOS, 2014, p. 129)

Dayrell, 2007, afirma que

Aliada às expressões culturais, uma outra dimensão da condição juvenil é a sociabilidade. Uma série de estudos sinaliza a centralidade dessa dimensão que se desenvolve nos grupos de pares, preferencialmente nos espaços e tempos do lazer e da diversão, mas também presente nos espaços institucionais como a escola ou mesmo o trabalho. (DAYRELL, 2007, p. 1110-1111)

Cursando o mestrado de maneira remota, acompanhei a disciplina de Fundamentos Antropológicos da Educação ministrada por minha orientadora na graduação em Pedagogia, correspondente ao período 2021.2, mas ministrada apenas no primeiro semestre de 2022, pois devido à pandemia o calendário acadêmico da graduação teve atraso. Utilizamos o fanzine em sala de aula quando então propusemos o seguinte tema “Como opera a cultura quando a escola é de vidro” tomando como aporte teórico os estudos do livro “Cultura: um conceito antropológico” do autor Roque Laraia e o conto infantil da escritora Ruth Rocha, “Quando a escola é de vidro”. Dessa forma, após uma exposição dialogada sobre a produção de fanzines, a turma dividiu-se em quatro grupos que ficaram responsáveis em confeccionar um zine com a

temática proposta. Dessa forma, foram utilizados tanto plataformas digitais quanto a produção manual, que depois foi transformada em modelo PDF.

Nessa segunda experiência, acompanhei a turma e aqui eu já estava usando a plataforma Canva, aprendendo a utilizar os *designs* disponíveis para criar e-zines. Uma parte da turma ao produzir os zines fez uso essa plataforma. As imagens a seguir correspondem às capas dos zines dos grupos:

Imagens 11: Capas dos e-zine produzido na disciplina



Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem 12: Capa dos e-zine produzido na disciplina



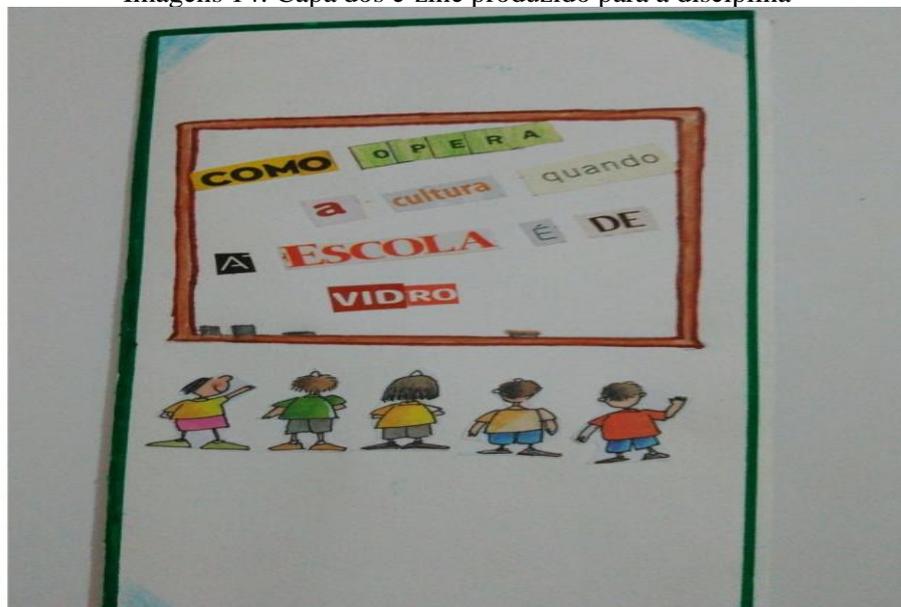
Fonte: acervo da pesquisadora

Imagens 13: Capa dos e-zine produzido para a disciplina



Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagens 14: Capa dos e-zine produzido para a disciplina



Fonte: acervo da pesquisadora.

## 2.2 COMO FAZER UM FANZINE

Em alguns trabalhos acadêmicos encontram-se dicas e passo a passo para a confecção de seu zine tanto individual quanto coletivo, outro espaço usado com frequência para tutoriais de confecção estão presentes em canais e vídeos no *You Tube*. Nesse tópico, apresento alguns passos que podem auxiliar no manuseio com a folha, vale ressaltar que há diversos formatos e tamanhos de zines manuais, um dos últimos formatos que aprendi foi o X-book que, ao abrir a

folha, o zine fica em formato de X, porém as imagens a seguir são com dobraduras de papel mais simples e que formam um zine de oito páginas.

Segundo Pinto, (2020, p. 12) “a forma mais simples de se fazer um original de fanzine é através da montagem de recortes de imagens, texto manuscrito, datilografado ou digitado colado numa folha de papel sulfite e depois reproduzido em fotocópias.” Esse meio de produzir um zine é capaz de estimular as habilidades do fazer manual dos alunos, processo que vai desde a escolha do tema, dos recortes, da edição e divulgação que do início ao fim do trabalho acrescentam vastos conhecimentos manuais e culturais.

No livro Fanzine, Guimarães, (2005) explica que

A produção de um Fanzine abrange as etapas que começam com a iniciativa de editar, passa pelo trabalho de definir linha editorial, conseguir o material a ser editado, manter contato com colaboradores, montar a edição, conseguir a impressão até chegar ao resultado final que é a edição impressa. (GUIMARÃES, 2005, p. 22)

Assim, segue o passo a passo para se construir um fanzine de oito páginas.

Para esse modelo de zine é necessário uma folha A4 à qual você irá dobrá-la ao meio, assim ela torna-se do tamanho de uma folha A5. Você deve dobrar a folha no meio mais uma vez, então a folha ficará no tamanho A6 com oito páginas. Esse modelo é para um pequeno livrinho. Com a folha dobrada, então é hora de numerar as páginas, para que durante a produção você não se perca, pois nesse formato há a capa e a contra-capas. No cantinho da folha você coloca o número de páginas conforme o exemplo da imagem abaixo.

Imagem 15: numerando a capa do fanzine



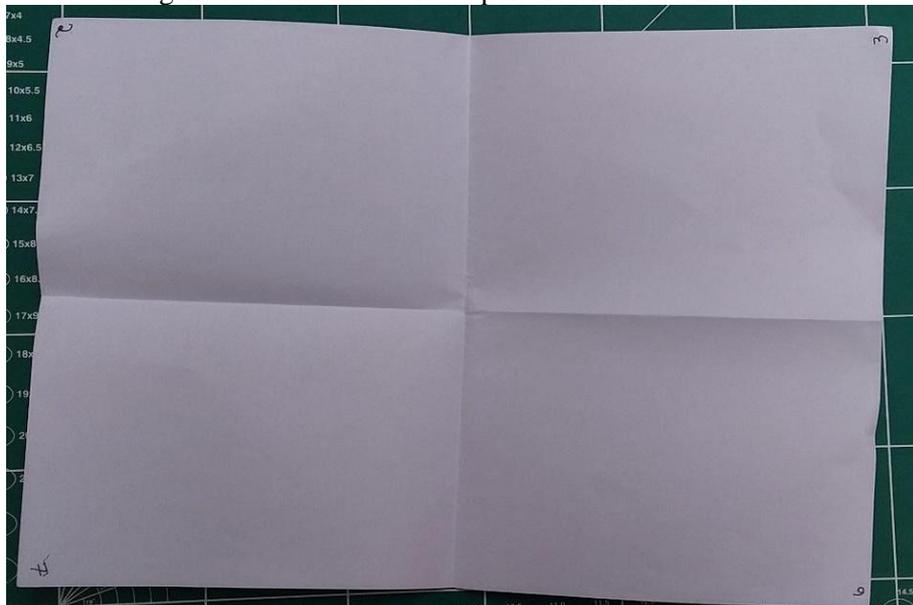
Fonte: acervo da pesquisadora.

Imagem 16: páginas numeradas



Fonte: acervo da pesquisadora.

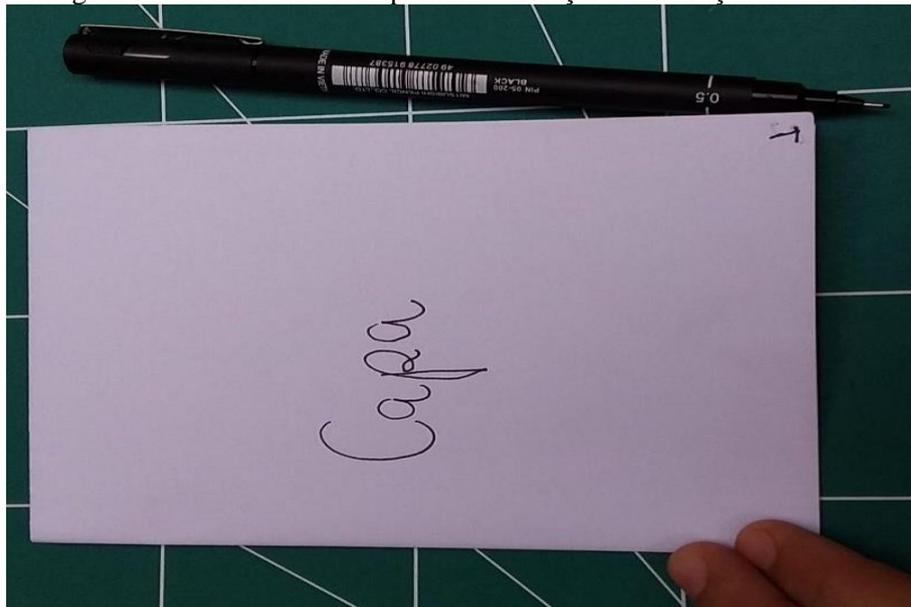
Imagem 17: folha A4 aberta depois de dobrada e numerada



Fonte: acervo da pesquisadora.

Ao numerar todas as páginas e abrir a folha os números vão ficar distribuídos na frente e verso, os números irão orientar no trabalho de criar a capa, o corpo e a contracapa do fanzine.

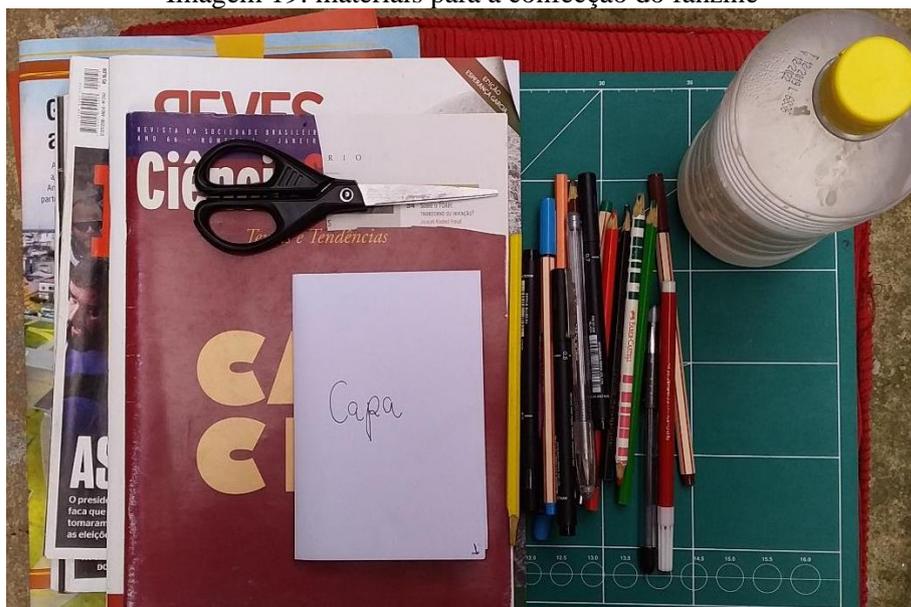
Imagem 18: folha dobrada no ponto de começar a construção do fanzines



Fonte: acervo da pesquisadora.

Os materiais a serem utilizados são canetas, cola, tesoura, lápis, borracha, revistas, jornais dentre outros. Os jornais e revistas servirão para recortes de imagens, palavras e/ou frases e textos conforme o fanzineiro decida quais recursos ele irá utilizar.

Imagem 19: materiais para a confecção do fanzine



Fonte: acervo da pesquisadora.

Com os materiais em mão é hora de usar da criatividade e imaginação para dar vida e voz ao seu fanzine.



Há também outros modelos de formatos de fanzines, que vão desde o modelo *folder* ao tamanho de uma folha A5. Cabe ao autor escolher o tamanho e formato que mais lhe agradam.

### 2.3 DO ZINE DE PAPEL AO E-ZINE

O fenômeno *fanzine* ampliou-se e ultrapassou os limites do papel impresso, “não ficaram alheios ao nascimento de uma nova forma de elaborar e se expressar pela linguagem no fluxo da era digital e têm usado esses instrumentos de tecnologia no seu cotidiano de resistir para existir.” (LACERDA 2021, p. 215).

O que é e-zine?

E-zine, webzine, cyberzine, zine eletrônico, zine virtual, revista eletrônica, e-magazine, muitos são os nomes pelos quais costumamos identificar essa prática discursiva. Na verdade, todos esses rótulos acabam remetendo a um só evento comunicativo: o ato de veicular, através da internet, produções artísticas ou divulgar informações sobre elas fora das legitimadas instâncias comerciais de produção cultural. São, portanto, edições eletrônicas, que abordam todo tipo de assunto, especialmente os que se referem a histórias em quadrinhos, experimentações gráficas, bandas musicais independentes, conto, poesia, ficção científica, entre outros. Resulta da expansão e migração do (fan)zine para o ambiente virtual. (ZAVAM, 2007, p. 94).

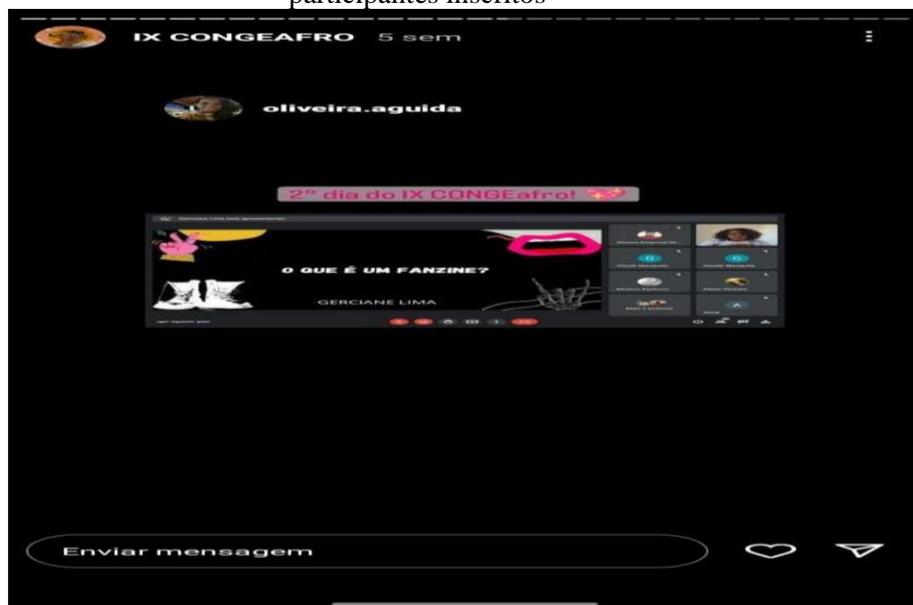
O computador logo deixou de ser apenas um instrumento para a produção dos fanzines e se tornou seu próprio veículo.

Foi em 1995 que as produções independentes começaram a explorar as muitas possibilidades da informática. O ‘fanzine digital’ *Rhereck Magazzine*, lançado pelo cartunista Célus, circulou apenas em disquete, para ser lido na tela do computador. Este fanzine tinha como tema principal as histórias em quadrinhos, mas fazia um passeio por música, fantasias sadomasoquistas e cartum. (MAGALHÃES, 2016, p. 20-21).

Em relação ao zine virtual, compartilho outra experiência que tive no momento de ensino remoto em que experimentei as telas e plataformas para as criações de oficinas com zines. Em novembro de 2022 fiz a inscrição para participar do IX Congresso sobre Gênero Educação e Afrodescendência – CONGEAFRO, do núcleo de estudos e pesquisas Roda Griô, com o tema Narrativas e diásporas para aprender a ser-existir hoje. Este evento foi on-line e ministrei uma oficina de produção de fanzines que resultou em um e-zine coletivo feito durante

o tempo da oficina, assim de 2021 para cá tenho tido experiências no remoto e estou aprendendo a manusear as ferramentas que são suportes para as criações virtuais.

Imagem 22: *print* da divulgação da oficina no *Instagram* e a sala da sala da oficina com os participantes inscritos



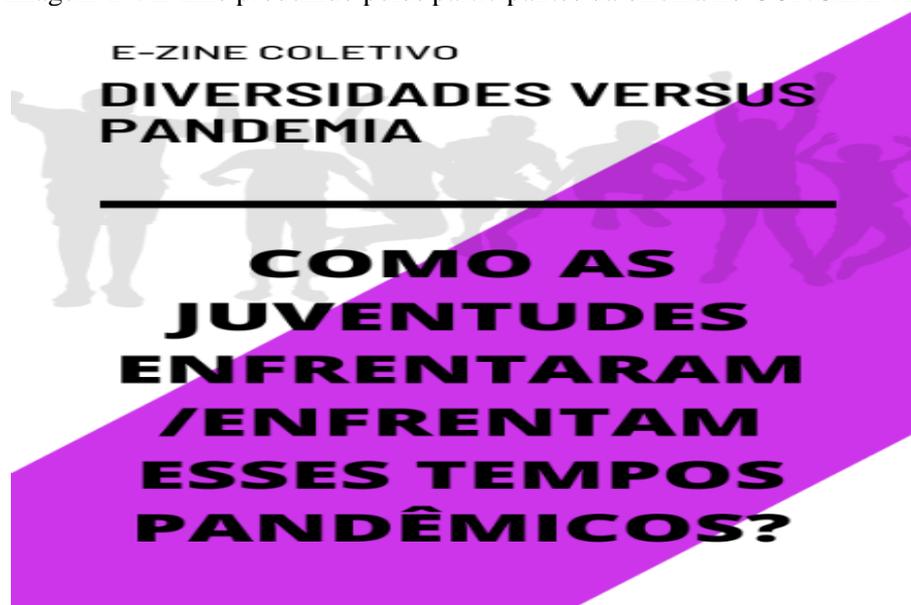
Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem 23: *Print* da divulgação da oficina no *Instagram* e a sala da sala da oficina com os participantes inscritos



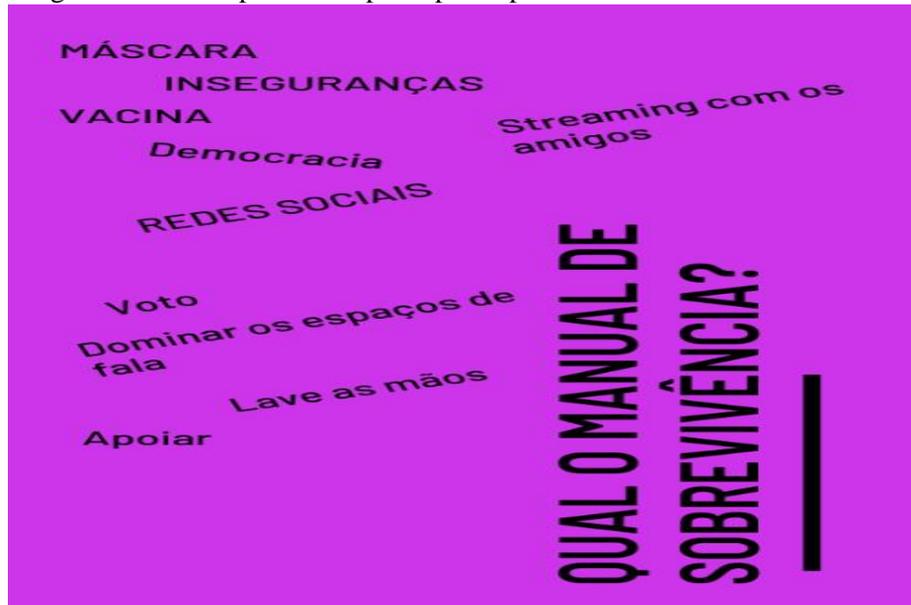
Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem 24: E-zine produzido pelos participantes da oficina no CONGEAFRO



Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem 25: E-zine produzido pelos participantes da oficina no CONGEAFRO



Fonte: acervo da pesquisadora

Imagens 26: E-zine produzido pelos participantes da oficina no CONGEAFRO



Fonte: acervo da pesquisadora

Na realização do estágio docência em 2021, no ensino remoto, acompanhei a minha orientadora na disciplina Sociologia da Educação II. No início das aulas, elaboramos um questionário no *Google Forms*, com a finalidade de conhecermos um pouco da realidade das/os estudantes da turma mediante a situação que a pandemia nos impôs. Dessa forma, recortei algumas respostas que se apresentam em gráficos e em um quadro.

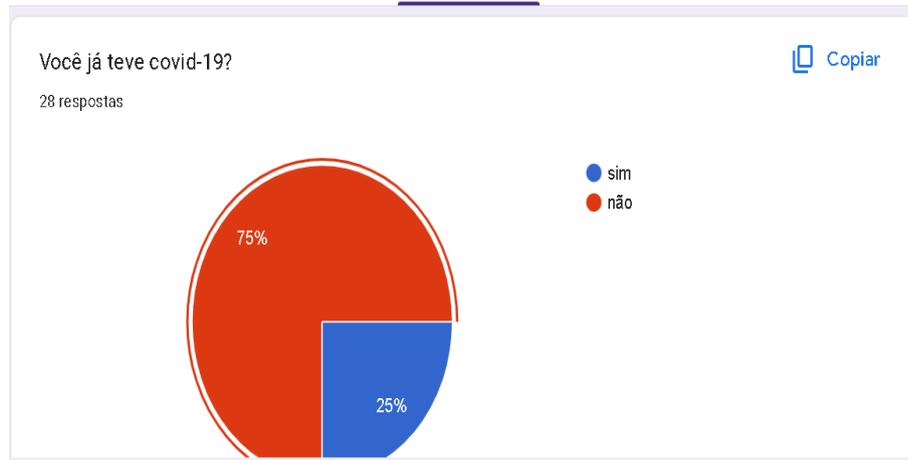
À minha pesquisa, por estar sendo construída durante a pandemia e a pós-pandemia, compreendo como indispensável apresentar as produções tanto relacionadas com a produção de fanzines quanto as experiências que o ensino remoto e a pandemia trouxeram-nos.

Imagem 27: Gráfico das respostas do questionário

questionário - Sociologia da Educação II

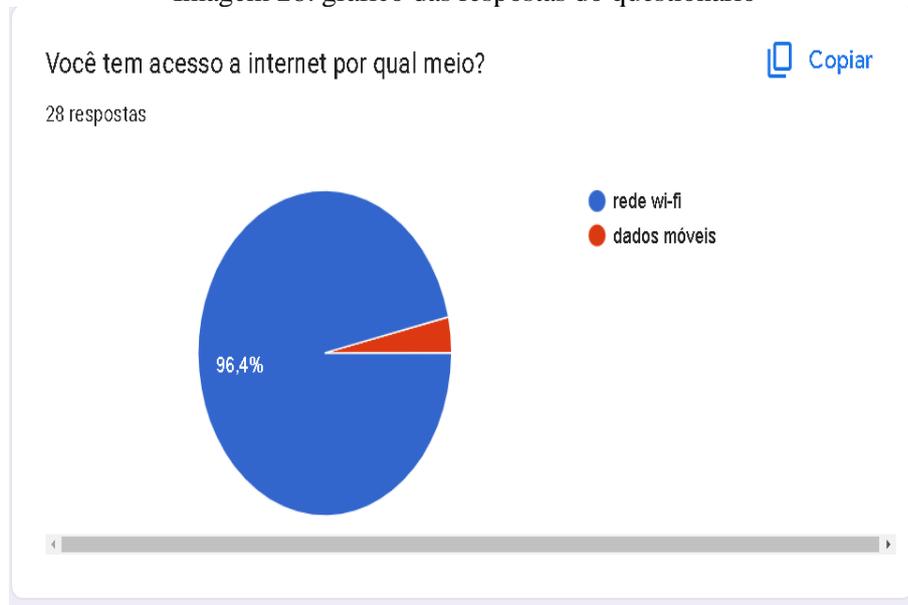


Perguntas Respostas 29 Definições



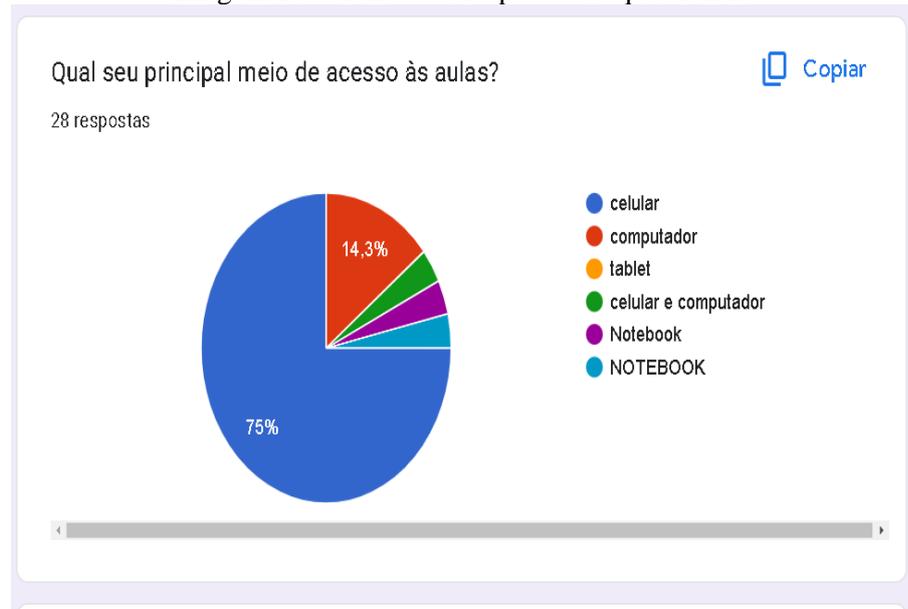
Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7\\_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics](https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics)

Imagem 28: gráfico das respostas do questionário



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7\\_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics](https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics)

Imagem 29: Gráfico das respostas do questionário



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7\\_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics](https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics)

A seguir, o quadro contém as respostas para a pergunta do formulário “Você tem acesso a computador? Você tem habilidades com as TICs? Quais?”

Não
Sim
tenho acesso a computador mas não sei o que são TICs
Tenho sim, não tenho habilidades com as TICs
Tenho acesso ao computador
Eu tinha acesso, porém meu computador não presta mais. Eu uso mais o celular, faço trabalho, slide, pdf, edição, tudo por ele, inclusive assistir as aulas.
Não tenho. Eu sempre faço as coisas pelo celular, slide, documentos, trabalhos, pesquisa, mapa conceitual e assisto as aulas por ele também.
Sim, celular, notebook, Pc de mesa
Tenho acesso mas não sei o que são TICs
Tenho um notebook, sei o básico, word, power point etc.
Sim, as habilidades são as básicas como por exemplo: transformar arquivo em PDF e enviar
Sim, sei acessar o word ,power point, canva e pdfs.
Sim, tenho muita facilidade em lidar com o Power Point e o Word.
Não
Não tenho computador e não tenho habilidade nenhuma , nem com celular direito .

SIM, A GENTE SE VIRA COMO PODE, PESQUISA ALI, PESQUISA AQUI, E ASSIM DA CERTO
Sim,não tenho muita habilidade com TIC's
No momento não tenho acesso a computador . Apenas word
Sim, em fazer slide.
Não.
Sim
Sim.

A próxima pergunta do formulário é a seguinte “Como foi sua experiência no ensino remoto do período 2020.2?”

Foi dificuldade
Tranquei
Média
Foi ruim, mas deu certo
Tirando as dificuldades, foi bem.
Foi boa na medida do possível
Ruim mas consegui
Tranquei
No começo foi bem complicado, mas consegui acompanhar.
Muito boa, achava que não me sairia bem, mas me superei.
Complicado
Foi boa, gostei dos professores e aprendi muito com eles
Um pouco conturbado. Tive que fazer algumas adaptações nos meu horários para conseguir estudar , mas deu tudo certo.
Foi um pouquinho aperreado
Foi boa apesar de algumas dificuldades.
Foi interessante
Foi boa apesar das dificuldades em relação ao acesso à internet, consegui absorver muito conteúdos.
diferente, mas consegui me sair bem
Não foi uma das melhores mas consegui encerrar o período com boas notas
Foi boa , apesar de certas dificuldades como a falta de energia as vezes internet.

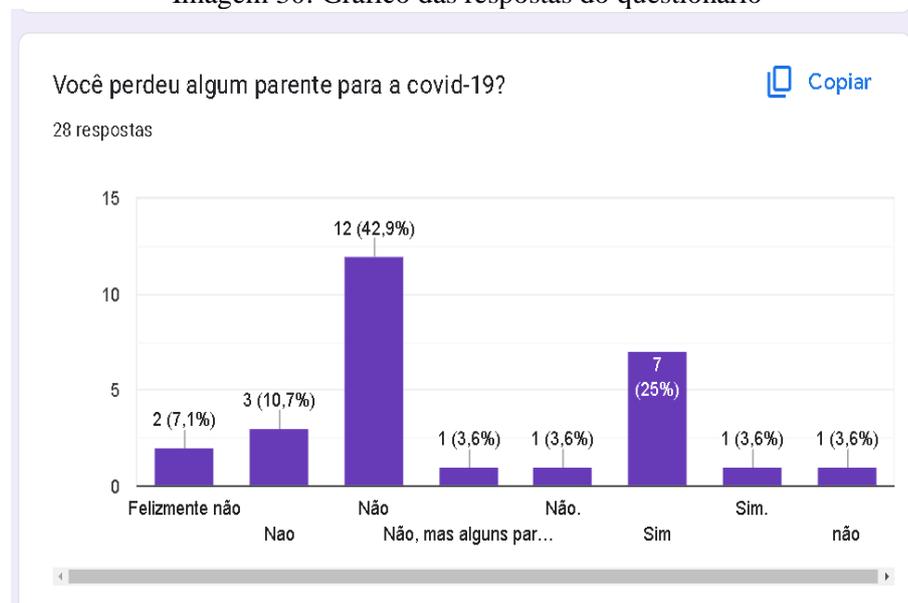
Não foi muito boa, pois eu nunca tinha tido uma experiência com aulas on-line, e também a dificuldade de entender os assuntos passados, os trabalhos passados pelos professores pois muitos não explicavam direito sobre os mesmos e isso dificultava bastante e muitas vezes a falta de conversa para tirar as dúvidas.
Foi complicada
foi um período de adaptação, teve algumas dificuldades , mas pra mim foi bem tranquilo
Eu gostei.
Poderia ter sido melhor
Um pouco dificultoso porém necessária e proveitosa.
Boa.
Foi boa apesar das dificuldades.

Quais dificuldades você tem enfrentado durante a pandemia?

Distanciamento
não consigo nem listar
Eu diria uma socialização melhor
Dificuldades no ambiente universitário por conta do ensino remoto, ansiedade social, cansaço social.
Em questão de aulas, é só a questão de internet que cai. Eu não tenho computador então tudo eu faço pelo meu celular, inclusive meus trabalhos acadêmicos. Outra dificuldade é que em casa é muito barulhento, as vezes não assisto aula bem.
A questão de aulas né. As vezes não tenho internet e eu não tenho computador então tenho que fazer tudo pelo celular. E minha casa é muito barulhenta no horário de aula
Sistemas on-line, ansiedade social, crises de Pânico
Vai de problemas em se comunicar até o isolamento por opção e ódio da raça humana
Ficar em casa sempre, o próprio ead.
A falta de um contato mais próximo com outras pessoas, toda a questão do isolamento.
Ficar em casa e desemprego
Alem do isolamento social, as aulas remotas
Me tornei uma pessoa mais ansiosa.
O distanciamento
De ficar longe das pessoas que eu gosto e de estudar longe da sala de aula.
Sair sem se preocupar com o vírus
Assistir aula em EAD ,ter que restringir o contato com pessoas queridas.

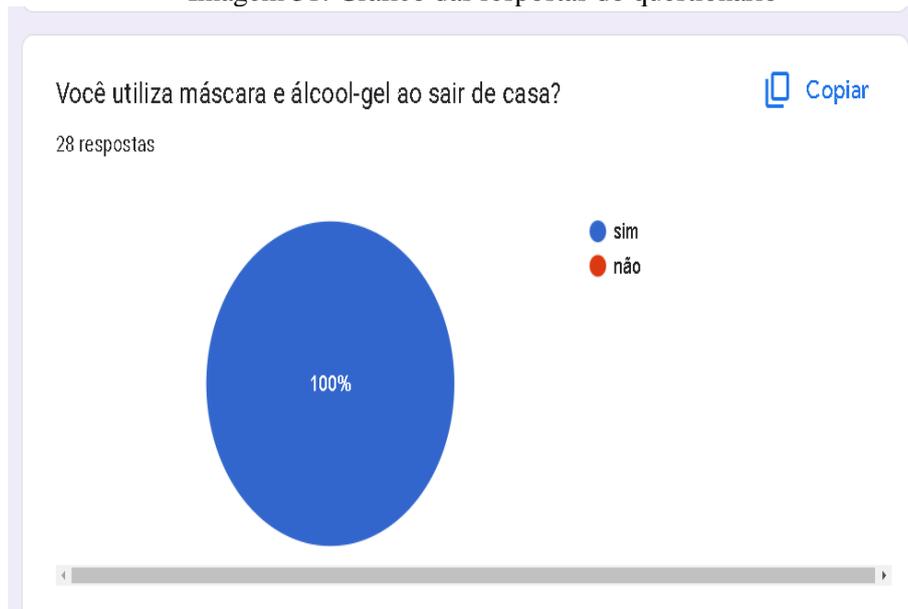
a falta de socialização acabou me deixando doente da mente.
Ansiedade, início de depressão.
Dificuldade no aprendizado pois tenho déficit de atenção e aulas on-lines tem muito barulho em casa.
Ver alguns familiares e amigos.
dificuldade em ter que fazer tudo on-line, principalmente estudar
Lidar com as coisas da Universidade, normalmente são muitas atividades.
Contatos social, piora da síndrome do pânico
Acesso a Internet
Adaptação ao EAD.
Dificuldades para estudar de forma remota.

Imagem 30: Gráfico das respostas do questionário



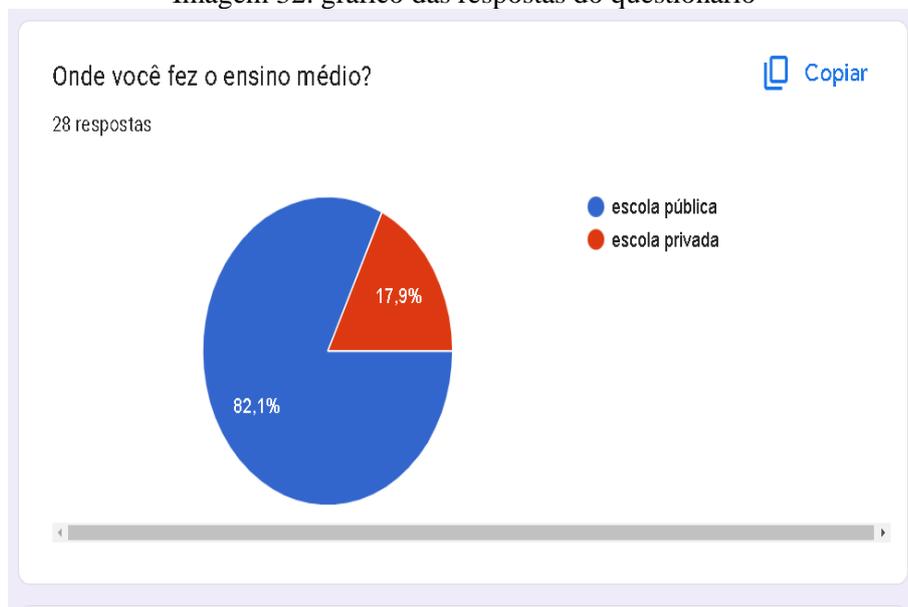
Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7\\_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics](https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics)

Imagem 31: Gráfico das respostas do questionário



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7\\_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics](https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics)

Imagem 32: gráfico das respostas do questionário



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7\\_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics](https://docs.google.com/forms/d/16Kk-7_-DFuf9DkrNe8DXEL6WRni-FwoHi9r-LO4JLkY/viewanalytics)

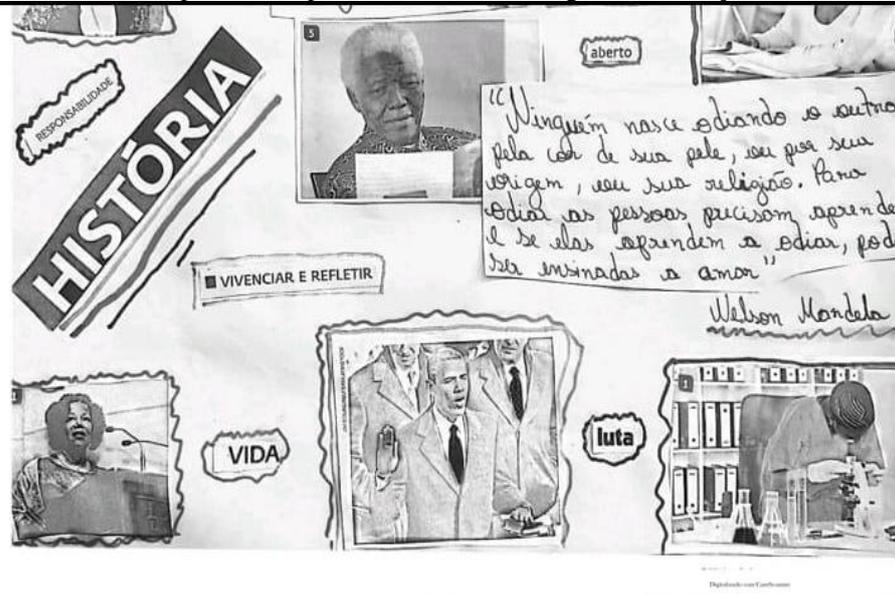
E para finalizar o questionário “Quais as suas maiores dificuldades?”

O ensino remoto em sua totalidade
Creio que seja ansiedade
tela de celulares e computadores e caixas de áudio e som, as duas me dão dor de cabeça
Aprender via EAD

No momento, encontrar um momento e lugar certo e silencioso para estudar.
Concentrar durante a aula
Interpretação, socialização, problemas com caixas de som e brilho da tela e às vezes problemas de comunicação (por conta da ansiedade mal controlada eu enrolo até as palavras mais simples)
Aprender em aulas remotas.
Em lidar com a frustração quando algo dá errado na primeira vez, sendo que a tentativa que leva ao êxito.
Excesso de conteúdo
Acessar as aulas por conta da internet porque as vezes o sinal fica fraco.
Tenho muita dificuldade em me comunicar, sou extremamente tímida e isso acaba me prejudicando em várias situações.
Aprendizagem
Minha maior dificuldade é me organizar sou um pouco bagunçada.
Tempo pra estudar e leitura por não tenho muita prática e nem gosto pra leitura
Formatar os meus trabalhos acadêmicos nas normas da abnt e assistir aula pelo celular já que não tenho computador, a internet que as vezes para de funcionar e quando ocorre queda de energia.
leitura, as vezes a interpretação fica confusa e acaba me complicando, pois perco a concentração muito rápido.
Tenho dificuldade em apresentar trabalhos orais devido a grande ansiedade. E às vezes dependendo da didática do professor eu tenho dificuldade de aprender o conteúdo da disciplina.
Minha maior dificuldade é a falta de concentração, às vezes preciso ler os textos 2 , 3 vezes para entender
Dificuldade para prestar atenção na aula pois qualquer barulho me incomoda e também tenho dificuldades em alguns assuntos que são passados.
A falta de um notebook para fazer apresentações de seminários, rodas de conversas, para fazer leitura de um livro, para entrar no sigaa.
acredito que seja a compreensão de assunto pela plataforma on-line
Conseguir conciliar e resolver todas as atividades (quando tem muitas).
Ead
Acesso a aparelhos que me auxiliem nos estudos.
Adaptação ao ensino remoto.
Acesso a uma internet de qualidade, dificuldades em assistir aula e realizar os trabalhos acadêmicos pelo celular.

Em seguida, as imagens correspondem a partes dos fanzines que foram produzidos pela turma. As temáticas envolveram os sujeitos jovens, tais como, as violências a exemplo dos racismos, sexismos, misoginia, LGBTfobia dentre outros.

Imagem 33: Fanzine produzido pela turma de Sociologia da Educação II, 2021.



Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem 34: Fanzine produzido pela turma de Sociologia da Educação II, 2021.



Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem 35: Fanzine produzido pela turma de Sociologia da Educação II, 2021.



Fonte: acervo da pesquisadora

Imagem 36: Fanzine produzido pela turma de Sociologia da Educação II, 2021.



Fonte: acervo da pesquisadora

Nessa primeira oficina de modo *on-line* que apresentei os fanzines, eu ainda não possuía habilidades com o manuseio de plataformas que pudessem ser úteis na criação de e-zines, portanto apresentei à turma alguns modos de dobraduras de papel, assim a turma fez de modo manual, a opção de preto e branco que remete à reprodução de cópias da matriz do zine foi feita através do aplicativo de escanear imagens.

### **3 CAMINHOS QUE LEVARAM AOS E-ZINES PRODUZIDOS POR JOVENS E/OU QUE TIVERAM SUAS PARTICIPAÇÕES NOS MEIOS DIGITAIS.**

A metodologia da pesquisa baseia-se na netnografia que “foi desenvolvida na área da pesquisa de *marketing* e consumo, um campo interdisciplinar aplicado que está aberto ao rápido desenvolvimento e à adoção de novas técnicas.” (KOZINETS 2014, p. 10). Essa abordagem expandiu-se para outros campos e ultimamente tem contribuído em pesquisas na área da educação, portanto,

A abordagem netnográfica é adaptada para ajudar o professor a estudar não apenas fóruns, bate-papos e grupos de notícias, como também blogs, comunidades audiovisuais, fotográficas e de pod-casting, mundos virtuais, jogadores em rede, comunidades móveis e websites de redes sociais. (KOZINETS, 2014, p. 11)

Nesse processo de desterritorialização que a pandemia foi causando, durante o qual a sociedade passou a viver mais tempo *on-line*, com cliques, visualizações, postagens, *lives*, curtidas compartilhamentos, comecei a dar passos pelos meios virtuais e nas minhas buscas por perfis relacionados com fanzines, entrei no *Facebook* e encontrei o perfil de Marcio Sno. Então, olhando suas publicações, percebi a riqueza de informações sobre seu trabalho com oficinas e com sua produção independente entre desenhos, zines, micro zines e o Encostinho, personagem de sua criação confeccionado com feltro. Vi a divulgação de seu livro contando suas experiências com oficinas de produção de fanzines. Entrei em contato com ele via *Messenger* e encomendei o livro. Passados alguns dias recebi o livro pelos correios e comecei a lê-lo, depois disso procurei o perfil dele no *Instagram* e comecei a acompanhar seu trabalho e, também, a assistir a vídeos que ele produziu ao longo da pandemia. As imagens a seguir são de seu perfil no *Facebook* e *Instagram*, onde ele publica seu trabalho.

Imagem 37: *Print* do perfil no *Facebook* do fanzineiro, Márcio Sno.



Fonte: <https://www.facebook.com/marciosno>

Imagem 38: *Print* da conta de *Instagram* do fanzineiro, Márcio Sno.



Fonte: <https://www.Instagram.com/marciosno/?hl=pt-br>

Imagem 39: Cartaz divulgado no *Facebook* de Márcio Sno com imagens do personagem Encostinho



Fonte: <https://www.facebook.com/marciosno>

Eu não conhecia o trabalho de Márcio Sno até ano passado e foi pesquisando perfis relacionados a fanzines no Facebook que encontrei o seu perfil. Tornamo-nos amigos virtuais, o que me permitiu conhecer seu trabalho por outros canais virtuais. E a partir disso, fiquei sabendo que ele organizou o documentário “Fanzineiros do século passado”, a primeira vez que assisti foi no IFMA na primeira edição do projeto de extensão Fanzine e Leitura de Mundo. Sobre esse autor, escreve Magalhães, 2018:

Na perspectiva do estudo e da pesquisa sobre fanzine, destacamos o trabalho memorável de registro da cena independente realizado pelo paulista Márcio Sno, que lançou em 2011 o vídeo-documentário *Fanzineiros do século passado*, com subtítulo “As dificuldades para botar o bloco na rua e a rede social analógica”. O vídeo trouxe entrevistas com uma seleção de representativos editores de fanzines do país. O sucesso foi tamanho que sua continuação se fez imperativa. O documentário era para ser uma obra única, mas, à medida que foi entrevistando os editores, Márcio percebeu que esse universo das edições independentes comporta várias nuances, sendo praticamente impossível abordar todos os seus aspectos de forma consistente numa única produção. A divisão em capítulos foi a solução. Em 2012 saiu o segundo volume do que viria a ser uma trilogia de documentários, esta edição abordando “o fanzine a serviço do rock, os fanzineiros desse século e os estímulos para a produção impressa”. Já o terceiro volume, lançado em 2013, tratou do fanzine e o rock independente dos anos 1990, na sala de aula, como objeto de pesquisa e divisor de águas, além de investigar sobre o futuro desse tipo de edição. (MAGALHÃES, 2018, p. 98-99)

Imagem 40: Capa dos três capítulos de Fanzineiros do século passado



Disponível em: <https://canalriff.com/2016/02/17/entrevista-a-saga-fanzineira-de-marcio-sno/>

A partir desse perfil, encontrei dois perfis que me ajudaram a encontrar o perfil da Fanzinoteca. Um é o perfil público do professor universitário e fanzineiro, Gazy Andraus. Eu já tinha lido alguns de seus artigos em dossiês e livros, então comecei a segui-lo no *Instagram* e olhar suas postagens, que me direcionaram ao outro perfil que é o da editora Marca de Fantasia. As imagens a seguir são do perfil do *Instagram* de Gazy Andraus e da editora. A Marca de Fantasia é uma editora independente, criada em 1995 por Henrique Magalhães e boa parte do acervo das produções envolvendo fanzines que venho estudando eu encontrei disponível em seu site.

Imagens 41: *Print* do perfil no *Instagram* do fanzineiro Gazy Andraus

Fonte: <https://www.Instagram.com/gazyandraus/?hl=pt-br>

Imagem 42: *Print* da conta aberta do *Instagram* do fanzineiro Gazy Andraus

Fonte: <https://www.Instagram.com/gazyandraus/?hl=pt-br>

Imagens 43: *Print* do *Instagram* e do site da editora Marca de Fantasia

Fonte: [https://www.Instagram.com/marca\\_defantasia/?hl=pt-br](https://www.Instagram.com/marca_defantasia/?hl=pt-br)

Imagem 44: *Print* do site da editora Marca de Fantasia

Fontes: // <http://www.marcadefantasia.com/>

Esses perfis citados foram essenciais para que as buscas me encaminhassem para o *Instagram* que passou a ser o território onde encontrei suporte para uma pesquisa documental, que me direcionou para o acervo dos e-zines produzidos por jovens que tiveram suas contribuições no período da pandemia. No *Instagram* @fanzinotecamacae encontrei postagens dos trabalhos realizados mesmo diante do isolamento social, em que os meios virtuais contribuíram de modo significativo para os trabalhos envolvendo as juventudes que participam do espaço da fanzineoteca e convivem com fanzines e-zines. Dessa forma, no site do IF de Macaé, RJ, pesquisei as notícias dos trabalhos que foram produzidos durante o período 2020-

2021 os quais realizei *downloads* dos documentos (e-zines) que serão analisados, no perfil do *Instagram* observei as postagens e compartilhamentos desses documentos e no *You Tube* assisti vídeos relacionados as produções dos e-zines.

Os “nossos mundos sociais estão se tornando digitais” (KOZINETS, 2014, p. 09). Dessa forma, foi preciso traçar um caminho procurando vários perfis e arrobas “@”, olhando sites, vídeos e redes sociais para chegar à Fanzinoteca de Macaé que

No período de pandemia a equipe do projeto Fanzinoteca ampliou ações nas redes digitais sem perder seu foco de promover as criações artesanais com linguagem e estética típica dos fanzines, inspirados pelo lema FAÇA VOCÊ MESMO. Entre as ações desenvolvidas, destacamos: 1) Cartilha AUXÍLIO EMERGENCIAL, desenvolvida em parceria com as assistentes sociais do campus Macaé com desenhos produzidos pelos estudantes com produção mediada via grupo de whatsapp; 2) Ezine Vamos Vencer o Coronavírus, produzido em parceria com pesquisadoras da UFF de Rio das Ostras com apoio da Secretaria Municipal de Saúde de Rio das Ostras. Também produziu-se um audiovisual com participação de crianças; 3) E-zine Traços de Memória 3, em parceria com o projeto Em Cada Canto um Conto, trazendo relatos de vida e lendas, transliterados do código oral para o escrito; 4) E-zine PEIBÊ 7, publicação premiada com o Troféu Angelo Agostini, trazendo HQs autorais e experimentais dos estudantes do IFF e de autores veteranos do fanzinato nacional. Além do zine, produziu-se um audiovisual com depoimentos dos autores envolvidos; 5) Vídeos e Audio-Resenhas para Redes Sociais com Leitura e resenhas de zines feministas, produzido em parceria com o projeto NUGEDIS do IFF Macaé e outras iniciativas de promoção da cultura independente com a participação de estudantes e servidores do campus. O projeto, ainda que limitado em suas ações que privilegiam a experiência analógica de produção de mídias táteis e predominantemente voltado para ações de articulação com ensino pesquisa e extensão, desenvolvidas no espaço do acervo de publicações – a Fanzinoteca – adaptou-se à excepcionalidade da pandemia, mantendo o envolvimento da comunidade interna e externa com relevante volume de produções voltadas à cultura do fanzine e promoveu ações educacionais impacto relevante no enfrentamento da covid-19, com visibilidade em âmbito nacional. (SOUZA & OLIVEIRA, 2021)

Ao longo do trabalho e dos caminhos na pesquisa, tenho feito uso de diários de itinerância, onde escrevo sobre minhas inseguranças, sentimentos, avanços e minhas implicações. Dessa forma,

Em alguns trechos do Diário de Itinerância o leitor poderá interrogar-se sobre o porque de determinadas narrativas, descrições, reflexões (digressões, transgressões, devaneios), estarem ali, aparentemente desconexas frente ao tema pesquisado. Embora me prendendo ao tema da pesquisa, não posso me furtar de deixar transparecer minhas implicações, vinculações e transversalidades com o mundo ‘fora da pesquisa’, expor minhas ‘linhas de fuga’. As ‘linhas de fuga’ tecem uma intrincada rede de relações dos meus

compromissos existenciais e suas implicações com a pesquisa. (SOUZA, 2019, p. 172)

Os três diários a seguir demonstram alguns percursos que fiz com o retorno a cidade de Teresina e à UFPI, no último retratei o dia em que descobri que estava com depressão e ansiedade, e a partir da descoberta do adoecimento, do processo de trancamento de matrícula, do começo do processo de tratamento tanto medicamentoso quanto psicológico foi que iniciei os caminhos virtuais em busca dos trabalhos com zines virtuais e que me levaram à Fanzinoteca.

Diário de Itinerância: 14 de agosto de 2022  
Gerciane Lima

---

#### Retornos implicados de começos

Quando a pesquisa nos encarna, até a viagem para conhecer um quarto em um apartamento para alugar na capital torna-se um processo importante, pois a pesquisa faz-se intrínseca aos movimentos da/o pesquisador/a, ela pulsa, ela também acompanha os passos nos paralelepípedos próximos da Praça da Bandeira, ela anda de uber pelo quente centro de Teresina, atravessa portões, sobe escadas e enxerga vários telhados que de cima das nuvens compõem um quadro urbano, contraste de casas que resistem aos concretos prédios que se espalham nas paisagens.

A partir do diário, encontrei fugas para o que me tocava e mobilizava meu processo criativo e estão sendo compartilhadas, pois creio que a poeticidade das coisas do dia a dia ajuda nos ares da escrita e construção da pesquisa, dessa forma “ele deve permitir que trilhas ‘não-científicas’ da pesquisa possam ser expressas, embora não perca de vista a ‘cientificidade’ da própria investigação. Assim, aqui a narrativa poética encontra seu espaço e sua casa – pois, acaso resida na pesquisa, ela aflorará no diário. (SOUZA, 2019, p. 173)

Diário de Itinerância: 23 de agosto de 2022  
Gerciane Lima

---

No dia 16 de agosto de 2022 foi marcado por muita correria, um corredor danado para dar conta de arrumar minhas malas para viajar, lava, lava, lava, dobra, pega uma coisa ali, outra ali, vai no supermercado para comprar utensílios, comida e materiais de limpeza para montar uma caixa de coisas para trazer. Por volta das 23 horas eu e meu pai caminhamos rumo à rodoviária. O ônibus saiu meia noite e alguns minutos, de 2016 para 2022 tive que aprender a viajar sozinha, apenas na companhia dos incessantes e inquietos pensamentos. Passei por buracos, atravessei rios e atravessei estados, pois em um lado da ponte eu estava em Timon, cidade do Maranhão e na outra ponta da ponte eu já estava em Teresina, capital do Piauí, isso tudo dentro do “busão”. Cheguei cedo na rodoviária e depois fui em seguida para o apartamento que aluguei um quarto. Coloquei minhas bagagens no quarto e descansei um pouco para poder ir para a UFPI. Fui de moto para a universidade, essa foi a terceira vez que andei de moto pela cidade, gostei da experiência, foi como uma aventura pelas ruas, de sentir o vento e o calor do sol ao mesmo tempo. Cheguei por volta das 11:40h da manhã e fui enfrentar uma fila que era tão enorme que nem cabe aqui no texto. Depois de mais de uma hora de espera na fila eu finalmente pude entrar no Restaurante Universitário (R. U.) e almocei frango à salpicão. Retornar aquele espaço onde tantos estudantes passam de segunda a sábado por ali a fim de saciarem a fome a um custo de R\$0,80 centavos, trouxe-me recordações de tantas vezes que enfrentei a fila para almoçar e das tantas conversas com amigos e colegas de turma. Hoje, já não vi rostos conhecidos, e a impressão que tive foi que há séculos eu tinha estado ali. As mesas dividiam-se em um plástico protetor, uma das medidas para conter a disseminação do coronavírus; foi uma sensação estranha, mas ao mesmo tempo senti um sabor de poder estar ali novamente e senti-me grata. Andei por velhos corredores conhecidos, vi as velhas paredes coloridas por novos pixos e por antigos também, vi grades de ferro onde antes não havia, ando, ando, ando e do setor de música eis que vou adentrando para o centro de educação e por ali vi uma pessoa familiar em uma foto na placa, uma Gerciane de 2019 que posou para a foto da placa da turma, lá estava eu parada, sorrindo, com um blaser preto e de braços cruzados, compartilhando a placa com as/os outras/os colegas de turma. Senti felicidade e percebi que o tempo tem passado com eufórica velocidade. Ando mais um pouco e chego no mesão, espaço conhecido do CCE, e encontro uma velha amiga da minha turma de pedagogia e rápido começamos a colocar o “papo em dia”. O tempo vai passando e começo a ver pessoas conhecidas e o reencontro foi algo maravilhoso. Todas e todos de usando máscaras, ainda não explicar qual a sensação do presencial.

---

Depois de quase um mês do que se passou comigo foi que criei coragem de juntar as palavras para formar um texto que pudesse expressar um pouco do turbilhão de acontecimentos dentre poucos dias, mas que tais acontecimentos vieram transbordando-me por mais de ano e foram como açude que sangra, eles sangraram e permitiram-me experimentar sentimentos, sensações e ações nunca antes vividas. Em 17 de outubro de 2022, fui para a UFPI tentar ler um texto de livro na biblioteca setorial, meus pensamentos estavam acelerados, a preocupação tomando conta, a ansiedade tomando minha mente e meu corpo, quando recebo um e-mail da coordenação do cobrando a documentação da qualificação da pesquisa, fiquei apreensiva, com medo, e com sensação de culpa, pois há meses eu tentava, tentava, tentava e não conseguia produzir minha pesquisa, fiquei estagnada, estacionada, sem conseguir escrever e estudar mais a fundo. Eu estava com a pesquisa atrasada em vários aspectos, procurei a minha orientadora na turma onde ela ministrava aula a noite e não a encontrei, então vi uma amiga e sentei na praça de alimentação enquanto minha respiração estava pesada e meu coração estava quase na garganta, tentei respirar com calma, após isso fui embora da universidade. Ao chegar no apartamento, com o coração apertado liguei para a minha orientadora, ela atendeu-me e conversou comigo, falou de suas preocupações em relação a eu não estar conseguindo avançar no projeto de pesquisa e na escrita da dissertação, fiquei sem chão. Decidi então que no dia seguinte eu iria procurar atendimento psiquiátrico. Acordei cedo, antes das sete da manhã eu tinha pegado minha bicicleta e fui para uma clínica e marquei a consulta para aquela manhã mesmo. Quando chegou minha vez de entrar no consultório do psiquiatra um medo tomou conta de mim, eu nunca tinha me consultado com um médico dessa área, senti medo, eu estava com a mochila nas costas e usando máscara, senti o coração acelerado e ali desabei, contei das minhas fragilidades, do que passei ao longo destes dois últimos anos, no fim recebi um laudo médico de que estou com sintomas de ansiedade e depressão, onde foi-me receitado um tratamento psiquiátrico com medicamentos, psicoterapia e um afastamento de minhas atividades por 60 dias.

Estou narrando esses acontecimentos porque “minhas lembranças são aves”, (COUTO, 2009, p. 25) e decidiram fazer pouso aqui que a partir de todas essas vivências que marcaram meus últimos meses, a pesquisa mais uma vez foi tomando novos rumos, novos ares, novos ambientes de atuação. Pois, com a dor houve também uma transformação, que me faz lembrar a fênix que renasce das cinzas.

Essa é uma pesquisa encarnada, onde eu me coloco viva nela através dos diários de itinerância, das experiências narradas e da minha constituição como pesquisadora. O formulário *Google*, as oficinas descritas, os fanzines digitalizados e os e-zines, o estágio docência e como

o vivenciei de modo remoto, as buscas em sites, *Facebook* e *Instagram* e *You Tube* que a abordagem da netnografia permitiu foram os caminhos que construíram essa pesquisa.

### 3.1 SOBRE O IF FLUMINENSE E A FANZINOTECA DE MACAÉ

A cidade Macaé, segundo o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população é estimada em 266.136 pessoas e possui uma área territorial de 1.216,989 km<sup>2</sup>, pertencente ao norte do Rio de Janeiro, a cidade é conhecida como “Princesinha do Atlântico” e internacionalmente como “Capital do Petróleo”.

Com a descoberta do petróleo na Bacia de Campos, a Petrobras instalou-se na cidade e, em 1987, a parceria entre a Prefeitura, MEC/SETEC e a Petrobras possibilitou os trabalhos de construção do prédio do campus, sendo inaugurado em agosto de 1993. Hoje, os cursos técnicos ofertados são: Eletrônica, Eletromecânica, Automação Industrial, Informática, Segurança do Trabalho e Meio Ambiente, além de cursos superiores e PROEJA.

Imagem 45: Instituto Fluminense Campus Macaé



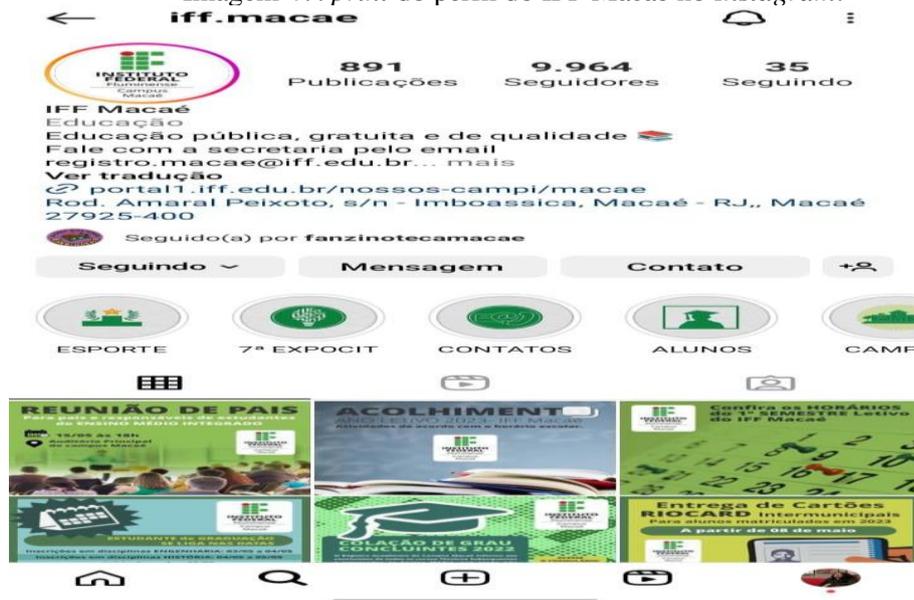
Fonte: <http://bibliotecaiffmacae.blogspot.com/p/equipe.html>

Imagem 46: IF Fluminense visto por cima



Fonte: <http://bibliotecaiffmacae.blogspot.com/p/equipe.html>

No *Instagram* do campus, o número de seguidores ultrapassa os nove mil. No perfil encontram-se acesso ao *site* do IFF e postagens com informações e divulgação das atividades desenvolvidas.

Imagem 47: *print* do perfil do IFF Macaé no *Instagram*.

Fonte: <https://www.Instagram.com/iff.macaee/>

Antes do espaço físico, o projeto de extensão coordenado pelo Alberto chamava-se IFfanzine, neologismo do I de Instituto acrescido de fanzine. Com a expansão do projeto e com o espaço físico, a marca atualmente é Fanzinoteca, o símbolo está presente nos zines

produzidos. No site da Marca de Fantasia, há uma página de apresentação e divulgação dos zines confeccionados pela fanzinoteca e que estão disponíveis para acesso.

IFanzine é um projeto de extensão na modalidade Arte e Cultura conduzido pelo designer e cartunista Alberto Carlos Paula de Souza - Beralto - no Instituto Federal Fluminense campus Macaé, Rio de Janeiro, que desde 2013 promove continuamente oficinas de criação de fanzines e HQs em instituições de ensino e eventos culturais. O envolvimento da comunidade externa e contínuo intercâmbio com artistas, fanzineiros, pesquisadores e educadores de diversas partes do país resulta em edições ecléticas, apresentando quadrinhos, cartuns, ilustrações, artigos, entrevistas e relatos de educadores que empregam zines e HQ na sala de aula. Com o desenvolvimento do projeto, criou-se em 11 de outubro de 2017 uma fanzinoteca para abrigar o acervo da produção local e de outros editores. No início de 2016 a publicação Peibê, produzida pelos extensionistas do projeto, foi contemplada com o Troféu Angelo Agostini na categoria fanzine, representando o reconhecimento do alcance do projeto, que amplia horizontes enquanto proposta de disseminação da cultura dos fanzines em uma interação entre escola e sociedade. Esse reconhecimento estende-se ao sítio da editora Marca de Fantasia, que passa a disponibilizar, em versão digital, as publicações produzidas no projeto. (Marca de Fantasia, 2018)

No zine Traços de memória, um dos e-zines apresentados no capítulo 4, há uma página dedicada a depoimentos de estudantes do IF Macaé em suas experiências de participação na fanzinoteca. Fiz o recorte de alguns trechos de suas falas em relação à fanzinoteca.

Imagem 48: recorte de um depoimento de um estudante sobre a Fanzinoteca

**parceria com o Iffanzine. A fanzinoteca é uma área com um contraste do que o IFF Macaé é, em sua grande parte, é a mais artística do campus. Essa área me permite desfrutar um pouco do meu gosto por artes visuais como ilustrações, histórias e literaturas alternativas feitas por autores autônomos, me inspirando a fazer o mesmo.**

**Pedro Gabriel Lopes Rafael**  
 E.M.I. com Técnico em  
 Eletromecânica  
 Bolsista Jovens Talentos FAPERJ  
 Projeto Integrador Resgate da  
 Literatura Oral: do conto à  
 fanzinagem!

Fonte: Fanzine Traços de Memória

Imagem 49: Recorte de um depoimento de uma estudante sobre a Fanzinoteca

pois a fanzinoteca é realmente um lugar bem único, e essas pessoas ficam meio surpresas com a quantidade e variedades de zines. É legal quando alunos lêem histórias de outros alunos e pensam "caramba, eu também quero fazer isso".

É, resumidamente, maravilhoso.

**Ana Luiza Erasmi**  
E.M.I. com Técnico em  
Eletromecânica

Fonte: Fanzine Traços de Memória

Imagem 50: Recorte de um depoimento de um estudante sobre a Fanzinoteca

Se eu pudesse resumir minha passagem pela fanzinoteca, eu diria que foi renovador. Em meio a tudo que acontece na vida cotidiana de um adolescente, estar em um lugar que te acolhe, cuida e ajuda você, faz toda diferença. Eu agradeço por ser tão privilegiado de poder estar nesse grupo, fico muito feliz de poder ajudar e continuar ajudando. Nossa família da fanzinoteca vem crescendo nos últimos anos, e eu espero, de todo coração, que continue sempre com as virtudes que ali aprendi e levarei para o resto da minha vida: companheirismo, trabalho em equipe, produtividade e muito respeito.

**Victor Hugo Noschang Paes**  
E.M.I. com Técnico em  
Eletromecânica  
Bolsista ICJ CNPq  
Projeto de pesquisa (Fan)zine: uma proposta de estratégia facilitadora do processo autoral da Educação Básica à Universidade.

Fonte: Fanzine Traços de Memória

A Fanzinoteca foi inaugurada em 11 de outubro de 2017, um dia antes que é comemorado o dia nacional do fanzine, que é 12 de outubro.

Desde seu início, em 2013, o projeto Fanzinoteca vem articulando ações que envolvem a realização de oficinas de fanzine em parceria com docentes da instituição e em escolas da rede pública dos municípios abrangidos pelo câmpus, além de editar fanzines diversos com o protagonismo dos estudantes, destacando-se o fanzine de quadrinhos Peibê, com trabalhos não só dos estudantes, mas também com contribuições de autores independentes, promovendo uma salutar interação entre jovens autores e veteranos do

fanzinato. Em 2017 o projeto conquistou um espaço físico que abriga o acervo de fanzines montado pelo projeto a partir da produção local e os doados pela comunidade de autores independentes. A corporificação da Fanzinoteca ampliou o impacto dos fanzines na instituição, pois, além de funcionar, de segunda a sexta, disponibilizando o acesso à leitura do acervo, são potencializadas as experiências de aplicabilidade dos zines como atividade avaliativa demandada por docentes com parceria da equipe da Fanzinoteca - além de atribuição de nota acadêmica, os zines dos estudantes são lançados nas feiras de publicações e passam a integrar o acervo local. (SOUSA & TAVARES, 2022, p. 83)

A Fanzinoteca funciona no Instituto Fluminense de Macaé, possuindo um espaço físico com vasto acervo de fanzines, onde são realizadas oficinas de produções de fanzines e atividades envolvendo professores, estudantes do campus e fanzineiros parceiros. A seguir, imagens do espaço físico.

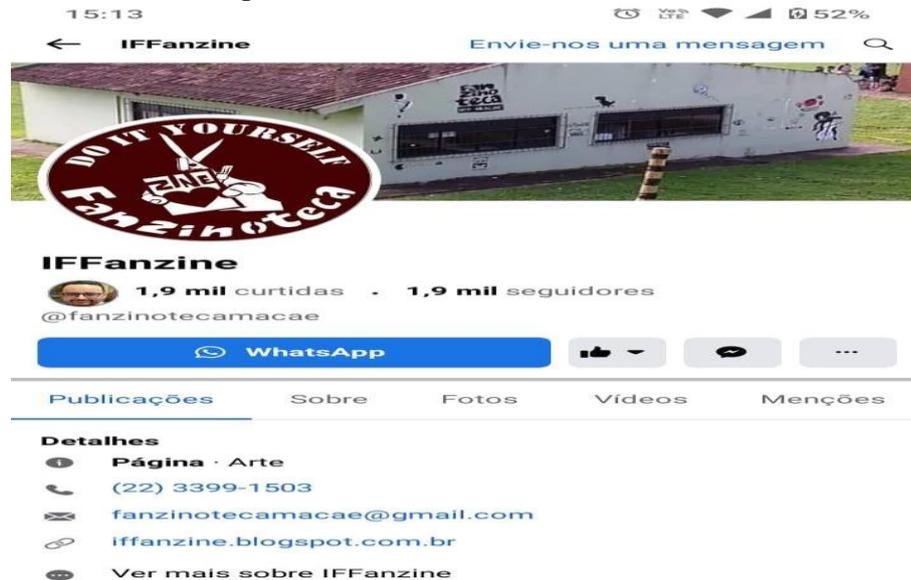
Imagem 51: Fanzinoteca de Macaé



Fonte: <http://iffanzine.blogspot.com/2018/01/campanha-de-doacoes-de.html>

Imagem 52: *Print* do perfil no *Instagram* da Fanzinoteca

Fonte: <https://www.Instagram.com/fanzinotecamacae/>

Imagem 53: *Print* do facebook da Fanzinoteca

Fonte: <https://www.facebook.com/fanzinotecamacae>

Vale ressaltar que além das atividades presenciais realizadas, a Fanzinoteca encontra-se nos meios digitais, possuindo *blog*, *Instagram* com acervos de e-zines no *Google Drive* disponível para acesso, *Facebook* e canal no *You Tube*.

### 3.2 INFORMAÇÕES SOBRE OS JOVENS ESTUDANTES DO IF DE MACAÉ DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19.

No período da pandemia, a assistência estudantil tornou-se significativa para os estudantes dos IFs. Antes da pandemia, as ações realizadas já contribuía para as condições de acesso e permanência dos estudantes, como mencionei anteriormente no primeiro capítulo da dissertação que os programas e ações da assistência estudantil que tive acesso, foram essenciais para a minha permanência e conclusão do curso técnico. O Decreto 7.234/2010, traz o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES que tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal. (BRASIL, 2010).

Em 2020, a assistência estudantil do IFF Macaé realizou uma pesquisa para o levantamento de informações acerca das condições dos estudantes e produziram um relatório com o título “Levantamento sobre condições de vida e saúde dos estudantes do IFF de Macaé durante a pandemia”, onde realizaram um questionário onde aproximadamente 317 estudantes responderam.

Apesar de não ter sido uma pesquisa formalmente institucional (no sentido de divulgação e/ou obrigatoriedade de retorno por parte dos estudantes), e de não ser nossa pretensão que ela se torne um norte para as decisões que serão tomadas pelo campus, *ela expressa uma amostra significativa que é capaz de promover muitas reflexões importantes, especialmente nesse momento..*” (RELATÓRIO sobre as condições dos estudantes do IFF Macaé durante a pandemia, 2020. Disponível em <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaee/noticias/psicologos-do-iff-fluminense-divulgam-cuidados-com-saude-mental>)

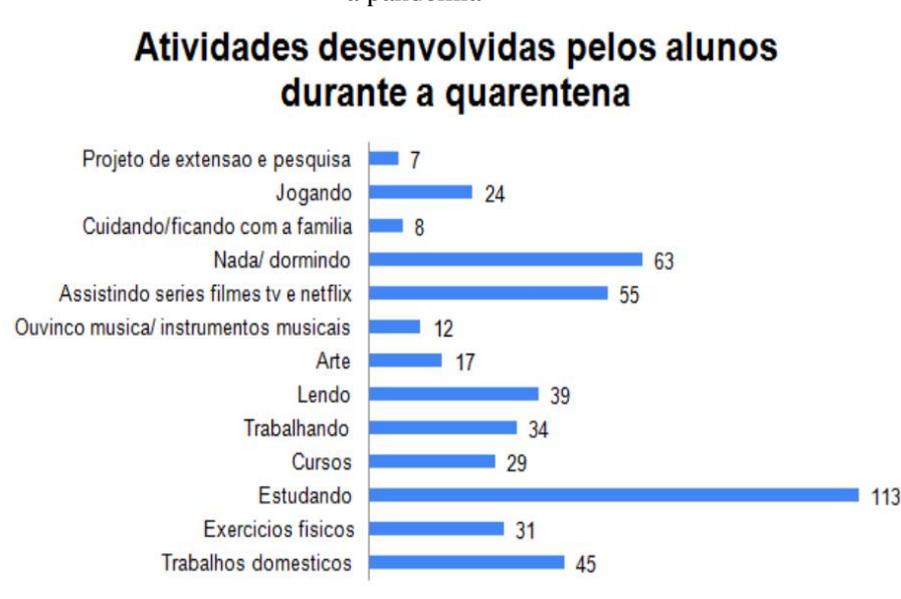
As questões presentes no questionário foram as seguintes:

1. O que você tem feito nesse período de pandemia?
2. Como tem se sentido?
3. Sua vida foi afetada por situação de desemprego seu ou de algum membro da sua família?
4. O sustento da sua família foi afetado de alguma forma? Como?
5. Você considera que a assistência estudantil do IFF Macaé está atendendo as suas demandas adequadamente?
6. Acha que podemos melhorar algo no atendimento à sua situação socioeconômica atual? Se sim, como?
7. Você considera que tem condições de estudar na modalidade remota?
8. Como é seu espaço familiar? Tem local reservado para estudo? Tem apoio familiar e condições de estudar (sem ser interrompido, por exemplo?)
9. Você considera que teria condições emocionais para conseguir se concentrar nas aulas on-line?
10. Você tem capacidade de estudar sozinho sem apoio presencial?
11. De modo geral e de acordo com sua experiência presencial no IFF, você considera que os conteúdos e as avaliações realizadas de maneira on-line seriam ofertados com uma didática adequada para o seu aprendizado? Por que?
12. Se as aulas voltarem remotamente você irá frequentar? Se não, por quê?
13. Utilize esse espaço livremente para fazer considerações que achar necessário. (RELATÓRIO sobre as condições dos estudantes do IFF Macaé durante a pandemia, 2020. Disponível em

[https://portal1.iff.edu.br/nossos\\_campi/macaе/noticias/psicologos-do-iff-luminense-divulgam-cuidados-com-saude-mental](https://portal1.iff.edu.br/nossos_campi/macaе/noticias/psicologos-do-iff-luminense-divulgam-cuidados-com-saude-mental)

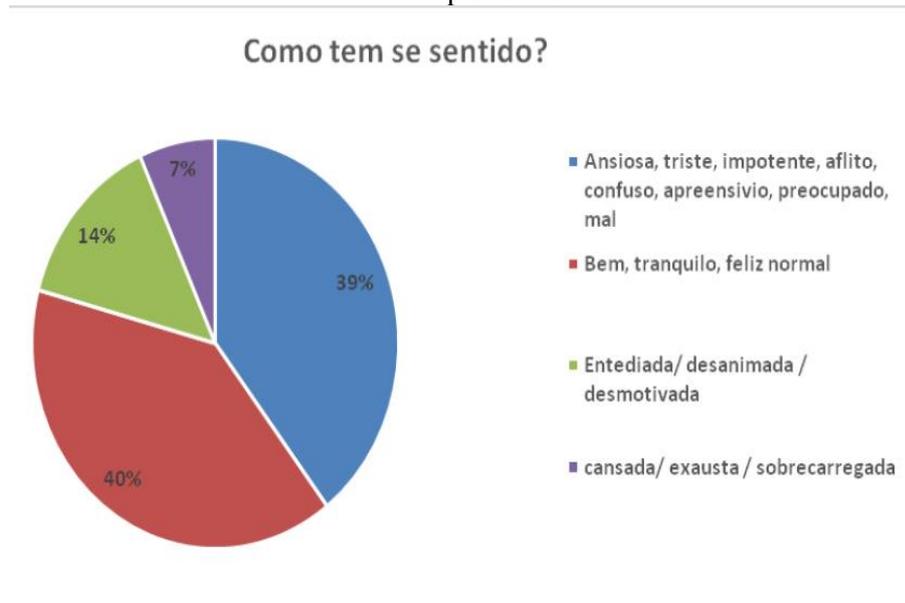
Fiz o recorte de algumas das respostas dos estudantes que foram organizadas por gráficos. Considero relevantes os questionamentos para compreender os sentimentos, as dúvidas, anseios e condições que foram vividas por estes jovens. Assim, como identifiquei-me com a maioria das respostas, pois as dificuldades que apresentaram-se durante o ensino remoto impactaram minha aprendizagem, foram diversas as vezes que pedi para meu pai parar o serviço dele para que eu pudesse assistir às aulas *on-line*, pois ele trabalha no quintal de casa onde é soldador e produz churrasqueiras e fogareiros para vender, desse modo, as batidas dele modelando o ferro, a solda e toda a produção produzem sons estridentes do martelo e/ou marreta de encontro com o ferro. Às vezes ele tinha que passar o dia sem trabalhar para que eu pudesse ter um ambiente mais silencioso, mas os sons na verdade surgiam de diversos lugares, então eu não possuía um lugar adequado para estudar. E eu ficava impaciente assistindo as aulas por horas, quando eu percebia eu estava na sala, na cozinha, ou no quarto ou no chão tentando ter atenção.

Imagem 54: resultado do questionário sobre as condições dos estudante do IFF Macaé durante a pandemia



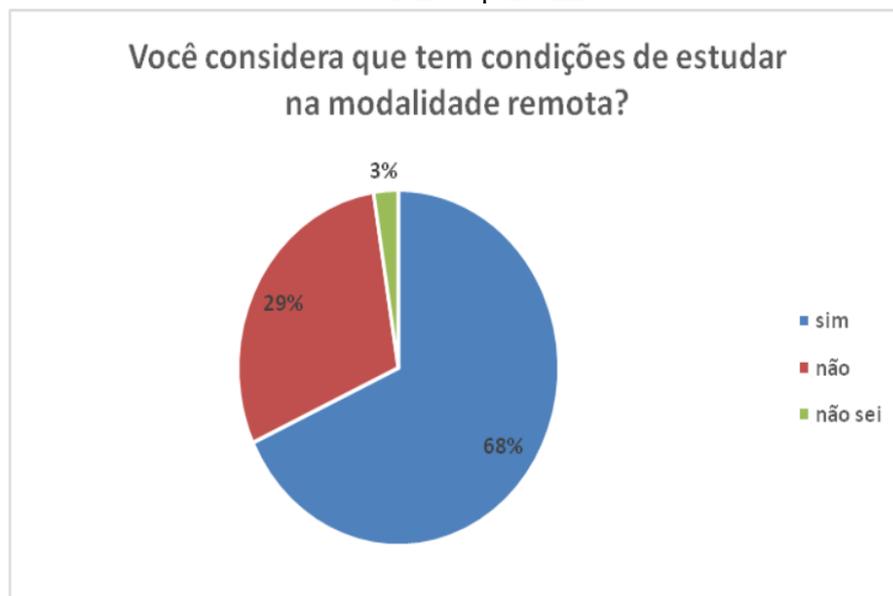
Fonte: (RELATÓRIO sobre as condições dos estudantes do IFF Macaé durante a pandemia, 2020. Disponível em [https://portal1.iff.edu.br/nossos\\_campi/macaе/noticias/psicologos-do-iff-luminense-divulgam-cuidados-com-saude-mental](https://portal1.iff.edu.br/nossos_campi/macaе/noticias/psicologos-do-iff-luminense-divulgam-cuidados-com-saude-mental))

Imagem 55: Resultado do questionário sobre as condições dos estudante do IFF Macaé durante a pandemia



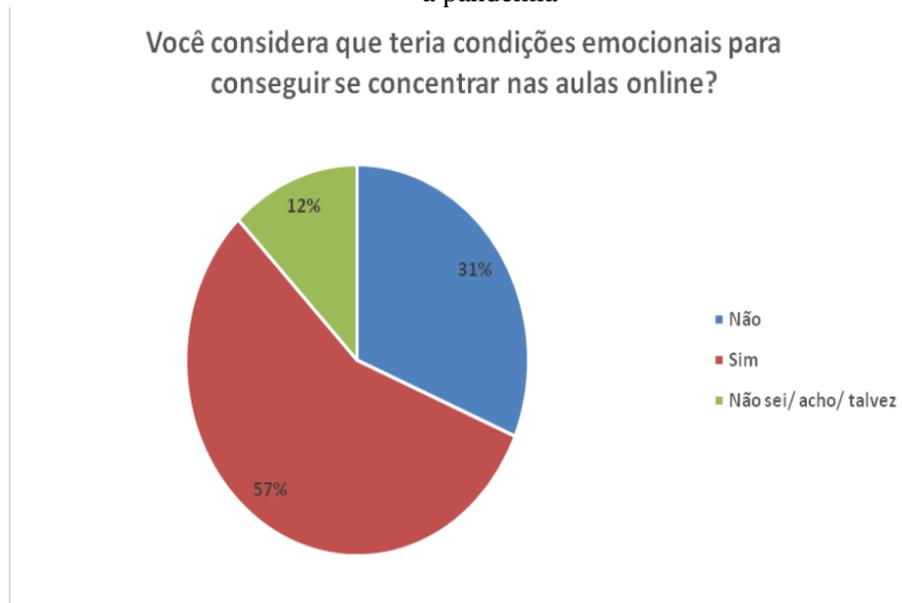
Fonte: (RELATÓRIO sobre as condições dos estudantes do IFF Macaé durante a pandemia, 2020. Disponível em [https://portal1.iff.edu.br/nossos\\_campi/macaee/noticias/psicologos-do\\_iff\\_luminense-divulgam\\_cuidados-com\\_saude-mental](https://portal1.iff.edu.br/nossos_campi/macaee/noticias/psicologos-do_iff_luminense-divulgam_cuidados-com_saude-mental))

Imagem 56: Resultado do questionário sobre as condições dos estudante do IFF Macaé durante a pandemia



Fonte: (RELATÓRIO sobre as condições dos estudantes do IFF Macaé durante a pandemia, 2020. Disponível em [https://portal1.iff.edu.br/nossos\\_campi/macaee/noticias/psicologos-do\\_iff\\_luminense-divulgam\\_cuidados-com\\_saude-mental](https://portal1.iff.edu.br/nossos_campi/macaee/noticias/psicologos-do_iff_luminense-divulgam_cuidados-com_saude-mental))

Imagem 57: resultado do questionário sobre as condições dos estudante do IFF Macaé durante a pandemia



(RELATÓRIO sobre as condições dos estudantes do IFF Macaé durante a pandemia, 2020. Disponível em <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaee/noticias/psicologos-do-iff-fluminense-divulgam-cuidados-com-saude-mental>)

Através das respostas, nota-se que a pandemia, o confinamento em casa e as diversas vulnerabilidades e incertezas afetaram a saúde mental dos estudantes, provocando ansiedade, medo, confusão, dentre outros sentimentos e adoecimentos.

Consideramos que as questões trazidas pelos estudantes que participaram dessa pesquisa explicitam mais uma vez que a implementação da modalidade remota de ensino diante do quadro que estamos vivenciando socialmente vai muito além de condições tecnológicas (como internet e computadores), ainda que obviamente são imprescindíveis. As condições de estudo dizem muito mais. Indissociável das condições de vida em sua totalidade, na qual implica significativamente a questão socioeconômica, mas também saúde, relações familiares e sociais, acolhimento e acompanhamento institucional, respeito às múltiplas diversidades, identidades e trajetórias de vida, etc. (RELATÓRIO sobre as condições dos estudantes do IFF Macaé durante a pandemia, 2020. Disponível em <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaee/noticias/psicologos-do-iff-fluminense-divulgam-cuidados-com-saude-mental>)

Como o Instituto Federal ressoa como importante espaço que além de oferecer uma educação pública, que está ligada ao ensino de jovens no ensino médio com a educação técnica e profissionalizante, mas que também oferta educação superior, EJA, dentre outros. Ao ler o documento “Orientações sobre cuidado, saúde mental e atenção psicossocial frente ao retorno às atividades regulares no âmbito do Instituto Federal Fluminense”, produzido pela equipe de psicólogos do IFF elaborou, considerei pertinente as questões propostas e as proposições que

direcionam para a reflexão para uma educação durante e pós-pandemia que é o que ainda estamos vivenciando.

Sem nenhuma perspectiva de romantizar este momento crítico desastroso que vivemos, precisamos nos dispor aprender com esta crise. Isto envolve reconhecer os aprendizados até aqui - tudo o que foi inventado e reinventado nas tentativas de recriar o Instituto durante estes meses, as questões e os diagnósticos que emergiram - e colocar insistentemente a pergunta “Como continuamos a aprender com a crise?”. Nesta linha, uma pergunta central, profundamente reflexiva e filosófica, diríamos até A Pergunta, se destaca em meio a tantas perguntas-respostas-padrão: Qual o papel do Instituto no mundo pré/em/pós-pandemia (papel da educação como promotora de saúde)? “*Que Educação queremos e como ela cria o mundo que queremos na/pós-pandemia?*” A esta pergunta este grupo responde com as seguintes proposições: - Um Instituto como um espaço de promoção de saúde mental e permanência; - Um Instituto no qual todos se reconheçam e tenham reconhecidos os seus Direitos. - Um Instituto resiliente e disposto a desenvolver resiliência: que entenda que há crises, impotências, sofrimentos, doenças, tristezas, frustrações, fracassos que fazem parte da vida e que, tem situações que exigem, mais do que a ação contundente, a espera, o recolhimento e o acolhimento. Isto é: - Um Instituto disponível a explorar os aprendizados que advêm da situação de crise; - Um Instituto disponível para explorar o momento de aproximação de alunos e profissionais. (SODRE *et al*, 2020, p. 46-47)

#### **4 SABERES, EMOÇÕES E SENTIMENTOS DE JOVENS EM E-ZINES NO PERÍODO DA PANDEMIA DA COVID-19**

Para analisar saberes, emoções e sentimentos expressos em e-zines (fanzines/zines virtuais) produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e foram compartilhados no meio digital no período da pandemia de COVID-19 entre 2020 e 2021, selecionei quatro e-zines que foram produzidos nesse período na Fanzinoteca e que estão disponíveis no *site* do IF Fluminense para *downloads*.

Os zines foram compartilhados e divulgados tanto no site do IF, quanto no *Instagram* da Fanzinoteca e, também no canal do *You Tube*. Os e-zine que selecionei possuem os seguintes títulos: Vamos Vencer o Coronavírus, Auxílio Emergencial, Traços de Memória e Peibê. Na experiência de analisar essas produções e bem como o que foi produzido durante meu estágio docência no mestrado percebi que

Na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos à ela (DAYRELL, 2007, p. 1118)

O primeiro e-zine trata-se do Auxílio Emergencial, onde foi produzido uma espécie de cartilha zine on-line, na qual há informações de forma prática e instrutiva como o que é o auxílio, quem tem direito e o passo a passo para o cadastro e onde e como receber o benefício. Essa produção tornou-se útil tanto para os jovens estudantes do IF e suas famílias quanto para o público da cidade de Macaé. A seguir, as imagens correspondem a *prints* da postagem no *Instagram* e da notícia sobre o lançamento da cartilha zine.

Imagem 58: Postagem no *Instagram* da cartilha-zine Auxílio Emergencial: que direito é esse?



Fonte: <https://www.Instagram.com/fanzinotecamacae/?hl=pt-br>

Imagem 59: *Print* do site do IF Fluminense

## NOTÍCIAS

### Campus Macaé produz cartilha sobre auxílio emergencial

Governo Federal

Publicação produzida pelas assistentes sociais e Fanzinoteca explica as condições para receber o dinheiro.

por Valdénia Lins - Campus Macaé  
Publicado 13/04/2020 09h52  
Última modificação 13/04/2020 15h33

Imprimir | Compartilhar | Curtir 1



A equipe da Fanzinoteca do Campus Macaé, juntamente com as assistentes sociais Débora Spotorno e Jéssica Oliveira, produziram uma cartilha para detalhar a Lei 13.982/2020 que disponibiliza auxílio emergencial destinado a trabalhador sem vínculo empregatício. A medida visa amenizar as consequências da crise desencadeada pela pandemia do Coronavírus.

Segundo o programador visual, Alberto de Souza, o Beralto, a ideia foi produzir um material diferenciado e com o protagonismo dos jovens, que utilizaram sua liberdade criativa para produzir as ilustrações da publicação digital. Participaram os estudantes Ana Erasmí, Keven Rocha, Gabriel Belmonte e Pedro Lopes.

Para visualizar a cartilha, [clique aqui](#).

registrado em: Campus Macaé | Fanzinoteca | IFanZine | #Coronavirus | Coronavirus | Covid-19

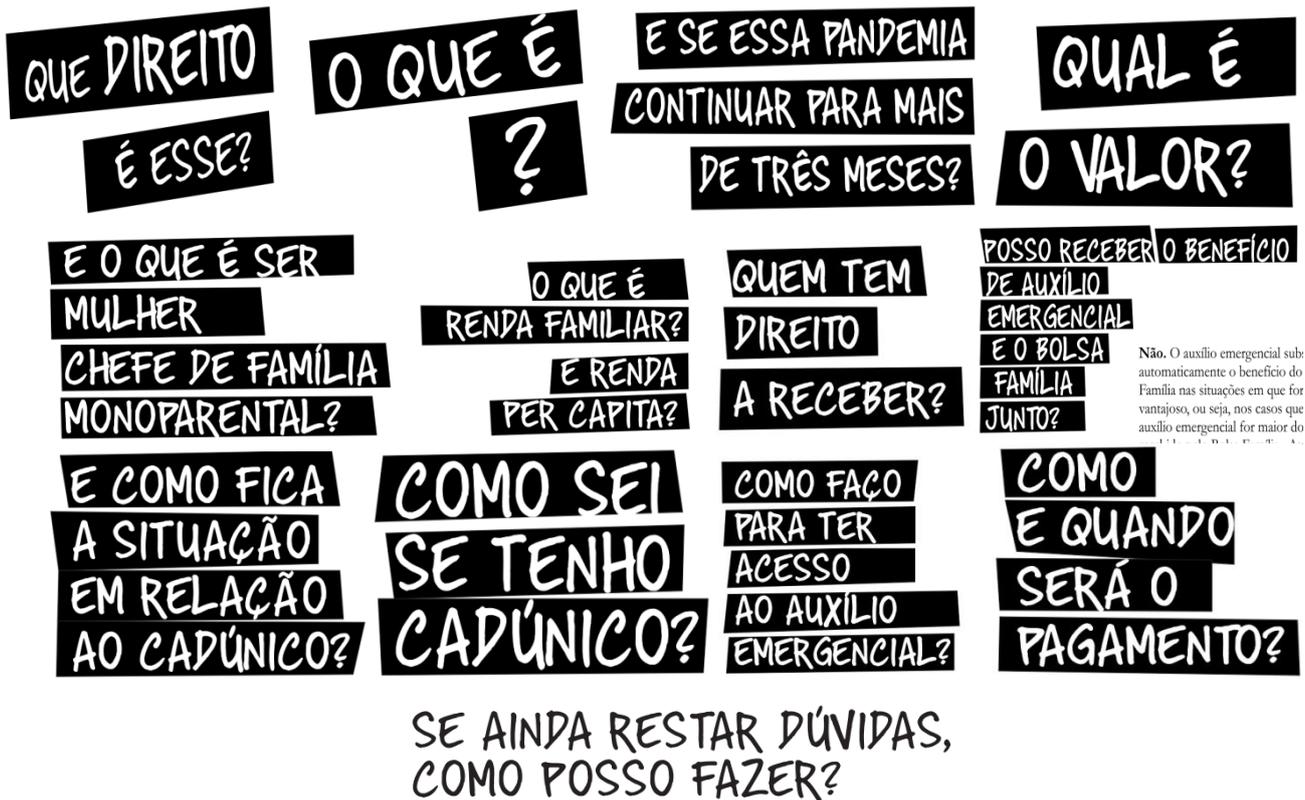
← Voltar para o topo

<p><b>Assuntos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Nossos Campi</li> <li>Cursos</li> <li>Processos Seletivos e Concursos</li> <li>Reitoria</li> <li>Seniador</li> <li>Perguntas Frequentes</li> </ul>	<p><b>Sobre</b></p> <p>O IFFluminense é uma instituição de educação pública e gratuita com oferta de Cursos de Formação Inicial e Continuada, Técnicos de Nível Médio, Educação de Jovens e Adultos, Graduação em Bacharelado, Licenciatura e Tecnologia, Pós-graduação Lato e Stricto Sensu.</p>	<p><b>Fale com o IFFluminense</b></p> <p>Rua Coronel Walter Kramer, 357 - Parque Santo Antônio - Campos dos Goytacazes, RJ - CEP 28080-565 Tel: (22) 2737-5624</p>	<p><b>Redes Sociais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Facebook</li> <li>Twitter</li> <li>YouTube</li> <li>Instagram</li> <li>Flickr</li> </ul> <p><b>Mapa do site</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Accesibilidade</li> <li>Mapa do site</li> </ul>	<p><b>e-Mec</b></p>  <p><b>ACESSE JÁ</b></p>
--	---	--	---	---

Fonte: *Instagram* @fanzinotecamacae e <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaé/noticias/campus-macaé-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

A cartilha zine possui 16 páginas e traz perguntas interessantes que iniciam o conteúdo a ser apresentado, dessa forma fiz o recorte das perguntas presentes que são as seguintes:

Imagem 60: Recorte das perguntas presentes na cartilha-zine Auxílio Emergencial: que direito é esse?



Fonte: Recortes do E-zine Auxílio Emergencial

Com a pandemia afetando a situação econômica do país, onde muitas pessoas perderam seus empregos, ficaram com a renda de suas famílias reduzidas e ficaram em estado de vulnerabilidade, e “vulnerabilidade é um conceito que remete a situações em que pessoas, famílias e coletividades se encontram diante de riscos iminentes e ausência de direitos” (LUZ, 2021, p. 184). Dessa forma, uma das medidas de auxílio para a população mais pobre do país, foi a criação do benefício auxílio emergencial em 2020, conforme o site do governo, (BRASIL, 2020) mais de 400 milhões de pagamentos foram realizados. A seguir, a capa do zine com o título, a marca do IF Fluminense e com imagens com o símbolo de interrogação e com moedas.

Imagem 61: Capa da cartilha-zine



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macae/noticias/campus-macae-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

A segunda página da cartilha tem a seguinte pergunta “O que é?” e em seguida tem uma breve explicação acerca do benefício, onde a princípio quem tinha o direito de receber teria garantido o valor por três meses. Porém, a pandemia estendeu-se além desse período e o auxílio teve que ser prorrogado, mediante a vulnerabilidade da população que por algum tempo teve como único meio de sustento o dinheiro disponibilizado. A arte da cartilha, a seguir, foi feita pelo estudante Keven Rocha, já na terceira página a arte é de Pedro Gabriel.

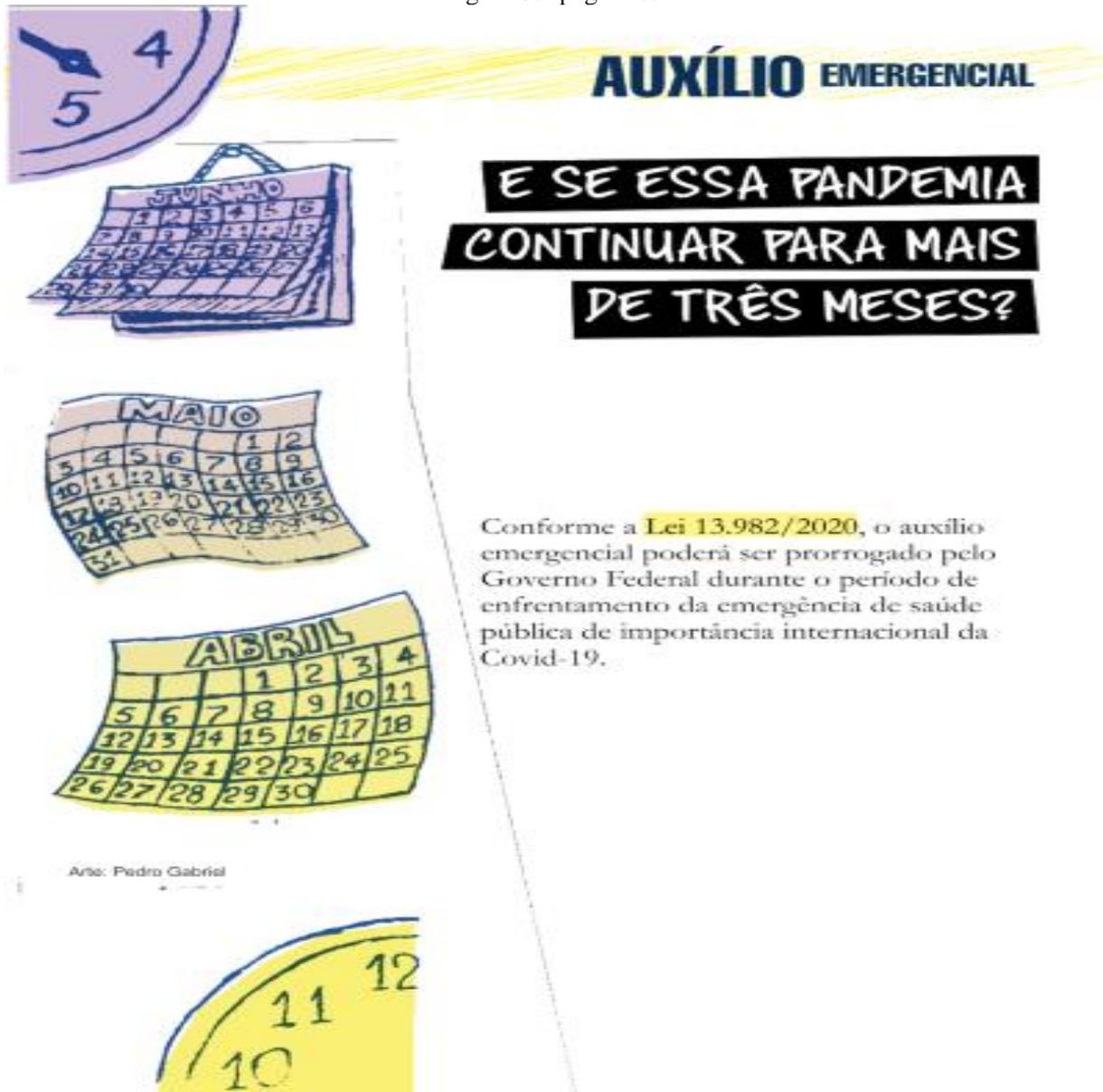
Imagem 62: Página 02 da cartilha-zine



Arte: Keven Rocha

Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macae/noticias/campus-macae-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

Imagem 63: página 03 da cartilha-zine



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macae/noticias/campus-macae-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

A página a seguir aborda o valor do auxílio emergencial sendo de R\$ 600,00 e no máximo duas pessoas da família poderiam receber, já as mães solo e chefes de família receberam o valor de R\$1200,00. Em 2020, eu e meu pai recebemos o auxílio, visto que nos encaixamos nas exigências para o cadastro e recebimento, pois eu estava desempregada e ele era e continua sendo autônomo. A arte foi feita pelo jovem que se dá pelo nome Mestre dos Magos. Observando o *Instagram* da Fanzinoteca, encontrei uma postagem em relação a este jovem, que fez parte do time de bolsistas da Fanzinoteca.

Além da cartilha zine, as artes de Mestre dos Magos (pseudônimos de Gabriel) também encontram-se na revista Zine Peibê. Nessa postagem ele se apresenta dizendo: “Meu nome é Gabriel, vulgo Mestre dos Magos o temido devorador de mangás. Eu saí do IFF Macaé já faz dois anos, mas estou retornando à fanzinoteca, pois amo este lugar de coração. Acho que posso dizer que desenhar e criar histórias é como uma paixão pra mim, tanto que fazia fanzines (sem saber) desde os 7 anos. Também gosto de crânios de animais, subir em árvores e estudar sobre dinossauros. Fora isso sou eletricitista kkk”.

Imagem 64: Print de postagem no Instagram da Fanzinoteca



Fonte: <https://www.Instagram.com/fanzinotecamacae/?hl=pt-br>

Imagem 65: E-zine Auxílio Emergencial



**AUXÍLIO EMERGENCIAL**

**QUAL É O VALOR?**

- **R\$600,00** (seiscentos reais mensais) por trabalhador. **No máximo duas pessoas por família** podem receber o auxílio emergencial de R\$ 600,00;
- As mulheres chefes de família monoparental têm direito a receber o benefício em dobro, ou seja, R\$ 1.200 (mil e duzentos reais).

Arte: Mestre dos Mignos

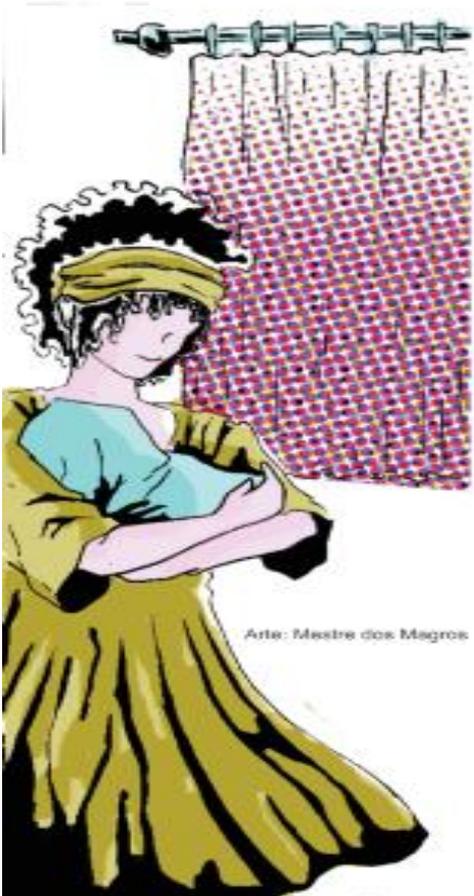
Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaee/noticias/campus-macaee-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

Ao olhar para este zine e pensar nas juventudes que tiveram que enfrentar uma pandemia que trouxe vulnerabilidade, instabilidade, desemprego dentre outras consequências, encontro nos estudos de Luz (2022) reflexões que se alinham aos saberes trabalhados acerca do auxílio emergencial, pois

Em todo o globo, a pandemia da covid-19 impactou profundamente o trabalho, por meio da desestruturação do emprego, resultando consequentemente no aumento do subemprego, do desemprego e na sedimentação de formas de ocupação da força de trabalho mediada pelo uso de diferentes tecnologias. A

adoção do distanciamento físico, como exigência sanitária imediata para prevenir o controle da doença, redefine os espaços de trabalho para salvaguardar a segurança e a saúde da população em geral. Com isso impôs o trabalho em *home office*, dificultando a distinção entre espaço público e privado e ampliando tempo destinado à ocupação com finalidade de obter renda. O forte impacto da experiência pandêmica nas juventudes abriu um debate importante no âmbito científico, político, econômico e social que se concentrou na necessidade de compreender como os jovens estavam/tinham enfrentado/criando alternativas em relação às diferentes dimensões de suas vidas, em especial, àquelas relacionadas à vida escolar e laboral. (LUZ et al, 2022, p. 107)

Imagem 66: E-zine Auxílio Emergencial



**AUXÍLIO EMERGENCIAL**

**E O QUE É SER MULHER CHEFE DE FAMÍLIA MONOPARENTAL?**

Para fins do decreto 10.316/2020, que regulamenta o auxílio emergencial, considera-se família monoparental com mulher provedora: o grupo familiar chefiado por mulher sem cônjuge ou companheiro, com pelo menos uma pessoa menor de dezoito anos de idade

Arte: Mestre dos Magros

Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaenoticias/campus-macaenoticias-sobre-auxilio-emergencial-1>

Já nas próximas duas páginas, as artes foram feitas pelo estudante Keven Rocha. Ele também está presente nos zines Traços de Memória e a Peibê. Continuando a cartilha, são apresentados os requisitos para se ter direito ao benefício como, por exemplo, ser maior de 18 anos, não ter emprego formal, dentre outros. A ilustração contém duas mãos, a do lado esquerdo representando o Governo Federal, provedor do benefício e a mão direita representa as pessoas que têm direito ao auxílio emergencial. Já a outra arte mostra uma pessoa carregando um carrinho manual com materiais que parecem papelão.

Imagem 67: E-zine Auxílio Emergencial

## AUXÍLIO EMERGENCIAL

**QUEM TEM  
DIREITO  
A RECEBER?**

**Tem direito ao benefício quem cumprir ao mesmo tempo os seguintes requisitos:**

- Ser maior de 18 anos de idade;
- Não ter emprego formal
- Não ser titular de benefício previdenciário **OU** assistencial **OU** beneficiário do seguro-desemprego **OU** de programa de transferência de renda federal, exceto o Bolsa Família;
- Ter renda familiar mensal **per capita** de até meio salário-mínimo (R\$ 522,50) ou a renda familiar mensal total seja de até 3 (três) salários mínimos (R\$ 3.135,00);
- Não ter recebido no ano de 2018 rendimentos tributáveis acima de R\$ 28.559,70 (vinte e oito mil, quinhentos e cinquenta e nove reais e setenta centavos);

Arte: Keven Rocha



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/campus-macaie-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

Imagem 68: E-zine Auxílio Emergencial

**AUXÍLIO EMERGENCIAL**

**QUEM TEM DIREITO A RECEBER?**

Também é necessário exercer atividade em pelo menos uma dessas condições:

- Microempreendedor individual (MEI); contribuinte individual do Regime Geral de Previdência Social;
- Contribuinte individual do Regime Geral de Previdência Social (INSS);
- Trabalhador informal seja empregado, autônomo ou desempregado, de qualquer natureza, inclusive o intermitente inativo, inscrito no CadÚnico até 20 de março de 2020, OU que, nos termos de autodeclaração, cumpra o requisito de cuja renda familiar mensal **per capita** seja de até meio salário-mínimo (R\$ 522,50) ou a renda familiar mensal total seja de até 3 salários mínimos (R\$3.135,00).



Arte: Kewen Rocha

Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaee/noticias/campus-macaee-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

A próxima página vem com uma pergunta que muitas famílias que recebiam o Bolsa Família à época deveriam se fazer: “Posso receber o benefício de auxílio emergencial e o bolsa família juntos?”. Lembro-me de quando foi lançado esse benefício, havia muitas dúvidas e questionamentos desde quem tinha direito e de como fazer para receber o dinheiro. Muitas famílias que, à época, não tinham acesso à internet, recorreram aos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) das cidades para que fossem realizados os cadastros. A todo momento os jornais das emissoras de TV abertas noticiavam as informações que ficavam disponíveis para a população. É interessante a didática com a qual foi construída essa cartilha,

pois foram feitas perguntas simples e objetivas que permitiram colocar de modo simples as explicações em relação ao auxílio emergencial.

Imagem 69: E-zine Auxílio Emergencial

**AUXÍLIO EMERGENCIAL**

**POSSO RECEBER O BENEFÍCIO DE AUXÍLIO EMERGENCIAL E O BOLSA FAMÍLIA JUNTO?**

Não. O auxílio emergencial substituirá automaticamente o benefício do Bolsa Família nas situações em que for mais vantajoso, ou seja, nos casos que o valor do auxílio emergencial for maior do que o valor recebido pelo Bolsa Família. Após acabar o auxílio emergencial, o valor do Bolsa Família volta a cair conforme antes. Não se preocupe, você não perde o bolsa família. Ele só fica suspenso pelo período do auxílio emergencial para você receber o valor do auxílio emergencial que é maior.

Arte: Mestre dos Magros



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macae/noticias/campus-macae-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

A seguir, as ilustrações com os símbolos de cartões do Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada (BPC) e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) representam alguns dos programas sociais onde as famílias precisam estar registradas no CadÚnico. A minha família teve acesso ao Bolsa Família, que se tornou o suporte por vários anos no auxílio das compras de alimentação. Em 2012, quando eu tinha 16 anos,

cursei dois cursos através do PRONATEC sendo que um deles foi um curso técnico em mestre de obras, no IFMA, e o outro foi de recepcionista no SENAC de Santa Inês.

Imagem 70: e-zine Auxílio Emergencial

**AUXÍLIO EMERGENCIAL**

**E COMO FICA A SITUAÇÃO EM RELAÇÃO AO CADÚNICO?**

- Quem é inscrito no CadÚnico até 20 de março de 2020: a renda (familiar e per capita) será verificada pelo cadastro do CADÚnico.
- Essa verificação será para todos os membros da família inscritos no CadÚnico;
- **ATENÇÃO:** quem já tem CadÚnico deve aguardar o governo federal consultar os dados e dar maiores informações.
- Quem não é inscrito no CadÚnico até 20 de março de 2020: quem não tem CadÚnico a renda será verificada pelo cadastro a ser realizado no site da caixa <https://auxilio.caixa.gov.br> Esse cadastro, para quem não tem CadÚnico, além do site descrito acima também é possível fazer pelo aplicativo de celular "Caixa | Auxílio Emergencial" disponível para versão Android ou IOS.

Arte: Pedro Gabriel

Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaenoticias/campus-macaenoticias/produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

A próxima ilustração mostra uma pirâmide representando a aprovação dos recursos financeiros em Brasília, que foram repassados para a Caixa Econômica Federal, banco responsável pelo pagamento aos beneficiários. No texto estão disponibilizados tanto o site quanto o número para verificação do Cadastro Único para Programas Sociais do governo (CadÚnico).

Imagem 71: e-zine Auxílio Emergencial

**AUXÍLIO EMERGENCIAL**

**COMO SEI  
SE TENHO  
CADÚNICO?**



Pode verificar isso: pelo site [http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/consulta\\_cidadao](http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/consulta_cidadao) ou pelo aplicativo de celular Meu CadÚnico, disponível para versão Andróide ou IOS. Outra opção é o contato telefônico, no número 0800 707 2003.

Por todos esses meios, para ter a informação de cadastro é preciso informar dados pessoais: nome completo, data de nascimento, nome da mãe e estado.

Arte: Pedro Gabriel

Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macae/noticias/campus-macae-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

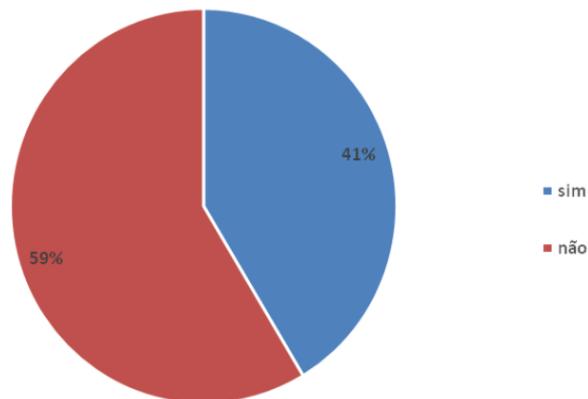
A imagem de jovens trabalhando em serviços *delivery* torna-se um marco vivido com intensidade, principalmente no período da pandemia na qual as compras *on-line* e as comidas de *fast food* e com entrega *delivery* dispararam e nas quais jovens viram um meio de sobrevivência para trazer alimentos para as suas famílias, apesar de o trabalho ser precarizado. Em uma das disciplinas optativas do mestrado que cursei, a de Sociologia do Corpo, o grupo do qual fiz parte trouxe como convidado um entregador de *delivery* e ele contou como era a rotina, as dificuldades e a desvalorização desses trabalhadores.

Durante a pandemia, ganhar a vida, mesmo em condições sanitárias inadequadas; circulando em duas rodas, trabalhando como entregador; atravessando dias em frente de uma tela de computador ou celular; são formas possíveis de percorrer uma travessia incerta e também de alimentar esperanças possíveis de agenciamento e sociabilidade pós-pandemia. (LUZ, 2021, p. 187)

A assistência estudantil do IF Fluminense, Campus Macaé, realizou um levantamento sobre as condições de vida e saúde dos estudantes do IFF durante a pandemia. No gráfico a seguir, há o registro, em porcentagem, relacionado a se a pandemia afetou com o desemprego os estudantes ou a sua família. Assim, 59 % responderam que não e 41% responderam que sim. Apesar do número de estudantes que não foram impactados com o desemprego, o número de estudantes que ficaram desempregados ou alguém de sua família, é considerado um número alto.

Imagem 72: Quadro de respostas do relatório

Sua vida foi afetada por situação desemprego seu ou de algum membro da sua família?



Fonte: relatório de levantamento sobre as condições dos estudante do IFF Macaé durante a pandemia

Imagem 73: e-zine Auxílio Emergencial

## AUXÍLIO EMERGENCIAL

### COMO E QUANDO SERÁ O PAGAMENTO?



Arte: Boratto

- Por meio de instituições financeiras públicas federais, que ficam autorizadas a realizar o seu pagamento por meio de conta do tipo poupança social digital, de abertura automática em nome dos beneficiários.
- Na hora do cadastro de quem não tem CadÚnico, nem Bolsa família, será questionado se deseja receber em uma conta bancária já existente ou abrir uma conta poupança digital para receber o benefício sem custo pela Caixa Econômica.
- Nos casos de abertura de conta poupança digital: será isentas de cobrança de tarifas de manutenção, permitirá 1 (uma) transferência eletrônica de valores ao mês (para uma conta do mesmo CPF do beneficiário), sem custos; não terão cartão físico, cheques ou ordens de pagamento para sua movimentação.
- A partir de 09/04/2020 é previsto o começo do pagamento, conforme calendário oficial divulgado pelo Governo Federal. É necessário ir acompanhando a situação no próprio site ou aplicativo.
- Beneficiários do Bolsa Família: todos que tem Bolsa Família, a partir do dia 09/04/2020 vão receber no seu calendário normal segundo o número final do NIS, vai cair no cartão do bolsa família o valor de acordo coma situação de cada um. Quem já tem o cartão do Bolsa Família não precisa baixar aplicativo nenhum e nem fazer cadastro, recebe automático.

Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macae/noticias/campus-macae-produz-cartilha-sobre-auxilio-emergencial-1>

Dessa forma, a cartilha zine contribuiu com saberes relacionados aos direitos e às formas de acesso ao Auxílio Emergencial. Visto que na época, “a pandemia de covid-19 encontra a população brasileira em situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego, desmonte das políticas sociais e intensos cortes de investimentos”. (LUZ, 2021, p. 183).

#### 4.1 E-zine Vamos Vencer o Coronavírus

Esse zine foi elaborado em 2020 mediante parceria entre o IFF de Macaé, a Fanzinoteca, a Prefeitura de Rio das Ostras e a Universidade Federal Fluminense, e teve a participação de professoras/es, do coordenador Alberto de Souza, da jovem estudante e bolsista da Fanzinoteca, Karoll Castro, da Secretaria de Saúde de Rio das Ostras. Foram distribuídas versões impressas junto com cestas básicas para as famílias do município e a versão *on-line* disponibilizada para *download*. Também foi reproduzido um vídeo do *You Tube*.

Conforme o site do IFF de Macaé o objetivo foi

Gerar diálogo e enfrentar o medo, ampliando a voz e a participação de crianças nas estratégias educativas, comunitárias e de base popular no enfrentamento da pandemia. O fanzine foi idealizado e roteirizado pela Profa. Hayda Alves, coordenadora do programa de extensão “Adolescentes e jovens do interior do Estado do Rio de Janeiro: participação, direitos e saúde”, da UFF, que promove a linguagem zineira por meio de oficinas das quais também fazem parte os professores Paula Sirelli, Nilda Sirelli, Maria Raimunda Soares e Bruno Ferreira Teixeira, além de estudantes dos cursos de Enfermagem, Serviço Social e Psicologia. (BRASIL, 2020)

Este zine realizado através da parceria entre IFF e prefeitura, contou com a equipe da fanzinoteca para a criação das artes, havendo a presença de uma jovem em sua produção, bolsista do projeto de extensão IFanzine. Para a elaboração do material foram realizadas as perguntas “que informações devem ser produzidas para as crianças sobre a pandemia da COVID-19? Como apresentá-las de forma a potencializar o diálogo ao invés do medo?” (ALVES et al, 2020, p. 43)

Possuindo 8 páginas, em uma versão preto e branco, de modo didático e ilustrativo, o zine foi distribuído tanto em impressões no papel juntamente com um kit de lápis de cor para colorir, quanto no *You Tube* no canal do Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFF. A seguir as imagens dos zines impressos, do *layout* do vídeo disponível no *You Tube* e das cestas básicas que foram distribuídas.

Imagem 74: Kit cartilha zine Vamos vencer o coronavírus com lápis de cor



Disponível em: <https://portall.iff.edu.br/nossos-campi/macaenoticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Imagem 75: Capa do vídeo disponível no You Tube



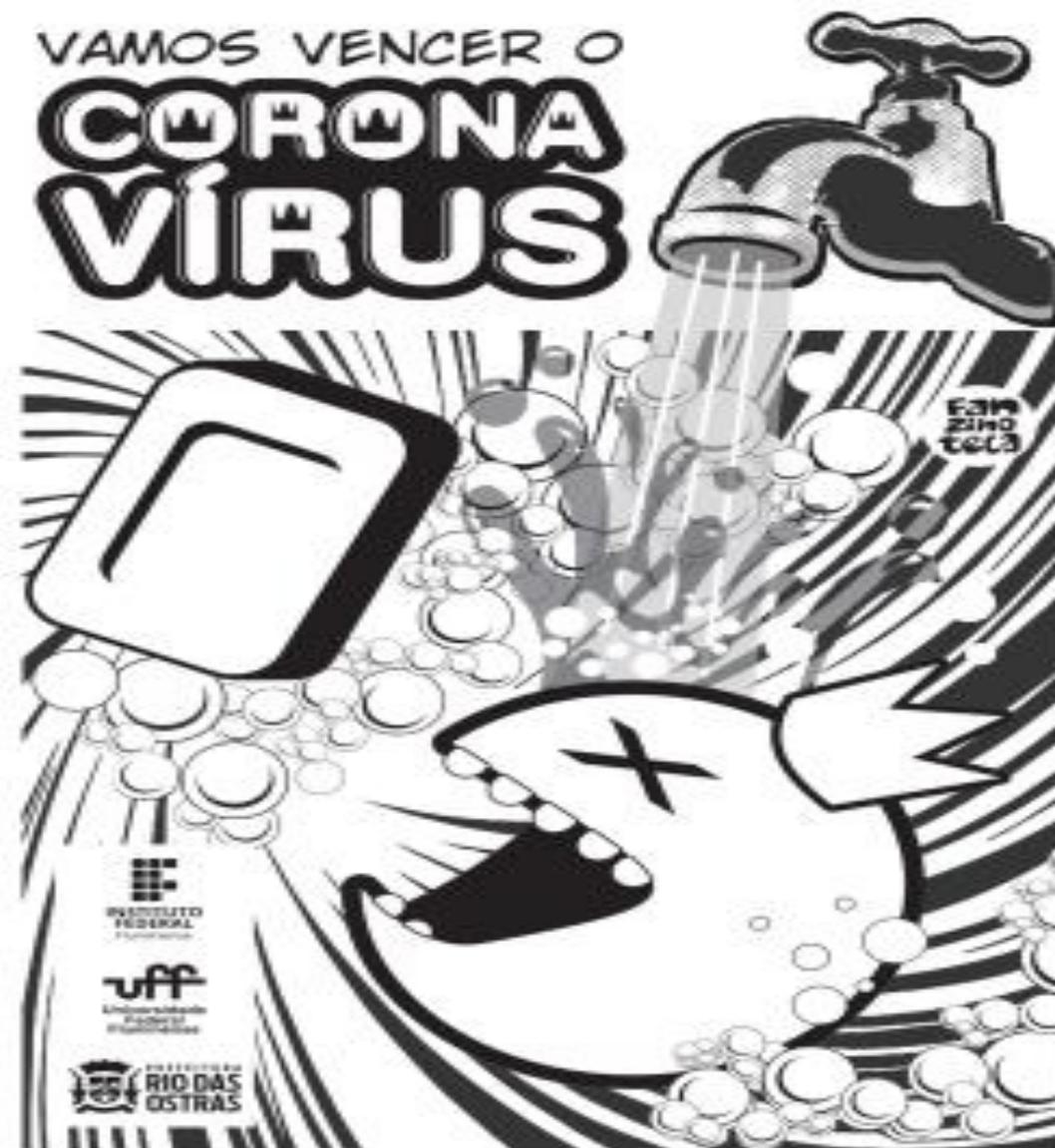
Disponível em: <https://portall.iff.edu.br/nossos-campi/macaenoticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Imagem 76: Kit com cestas básicas e com a cartilha zine



Disponível em: <https://portall.iff.edu.br/nossos-campi/macaenoticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Imagem 77: Capa do E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaé/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Na capa do e-zine acima, no canto inferior esquerdo é possível ver as logos das instituições que fizeram a parceria para a realização, sendo o IF de Macaé, a UFF e a Prefeitura de Rio das Ostras. O título do zine é *Vamos Vencer o Coronavírus*, e o layout foi produzido em preto e branco. Nas ilustrações tem uma torneira jorrando água, um sabão e diversas bolhas e uma bola com uma coroa representando o coronavírus, seus olhos estão com “X” simbolizando que com água e sabão é possível eliminar o vírus. No vídeo uma das crianças fala: “sabe por que eu gosto dessa capa? Porque é o coronavírus morrendo”

Imagem 78: Recorte da capa do E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/maca/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Na segunda página, há a presença de uma pergunta inicial que dará continuidade para o conteúdo do zine, a questão *O que está acontecendo no planeta? Pandemia?* inicia o zine. No lado direito da pergunta há um *emoticon*, palavra derivada de *emotion* + *icon* representando uma linguagem paralinguística, a expressão de espanto, susto e preocupação. *Emoticon* geralmente é um tipo de linguagem utilizadas em conversas de *chats* e em aplicativos de bate-papos on-line e que representam estados de emoções e reações, podendo ser representados por caracteres como, por exemplo, :) que representa um rosto feliz, alegre, positivo, ou :(, demonstrando o sentimento de estar triste, chateado, magoado, outro exemplo é :D, demonstrando uma expressão sorridente. Ao longo do zine essa linguagem está presente, remetendo-nos a linguagem que utilizamos em aplicativos como *Whatsapp*, *Instagram*, Mensagem de texto (SMS) dentre outros.

Imagem 79: Recortes de *emoticon* do E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/maca/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Imagem 80: *Print do whatsapp*

Fonte: acervo da pesquisadora

No vídeo produzido, o zine é apresentado pelas vozes das crianças que participaram do projeto para a criação do material, o artigo do relato de experiência, intitulado *Crianças e pandemia da COVID-19: direito à voz e à participação mediada por fanzine*, presente no Boletim Ciência Macaé, publicado entre julho e setembro de 2020, detalha a realização da pesquisa realizada com crianças e

Como recurso estratégico de comunicação, o zine visa informar, gerar diálogo e potencializar a escuta das mesmas. Efetivar os direitos de expressão das crianças sobre quaisquer assuntos que as afeta acende um debate importante na agenda pública e bastante oportuno no momento em que o ‘Estatuto da Criança e do Adolescente’ (ECA) comemora 30 anos. (ALVES *et al*, 2020, p. 38)

Outra fala interessante de outra criança é ela dizendo o motivo por ter gostado do zine, “eu gostei muito da revistinha, eu gostei da parte que a gente tinha que ligar o coronavírus e ligar o sabonete no coronavírus e também ter que ligar os pontinhos para fazer o coronavírus”. A parte de ligar os pontos no qual a menina cita, encontra-se na terceira página do zine.

Imagem 81: E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Na segunda página do e-zine, na parte inferior, há os emblemas das instituições que realizaram parceria para a construção da cartilha e o nome dos participantes envolvidos.

Imagem 82: Recorte da capa do E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Aqui as instruções de lavar as mãos, tornaram-se um protocolo geral de prevenção onde em todos os meios de comunicação a todo momento era divulgado. A mensagem até rimou “água e sabão para vencer o vilão!!”.

Imagem 82: Recorte do E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Neste zine, também encontram-se perguntas que mobilizam o movimento de explicação, assim como o zine Auxílio Emergencial, citado anteriormente. Fazendo os recortes das perguntas ficaram assim:

Imagem 83: Recortes do E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Voltando meu olhar para as perguntas, atento-me que elas vêm acompanhadas por ilustrações, duas delas sendo *emojicons* que expressam o primeiro susto, da próxima pergunta o rostinho que está chorando expõe o sentimento de tristeza e por fim o rosto de uma pessoa usando a máscara. Dando prosseguimento, após a capa, a página a seguir inicia-se com a pergunta: “O que está acontecendo no planeta? Pandemia?”

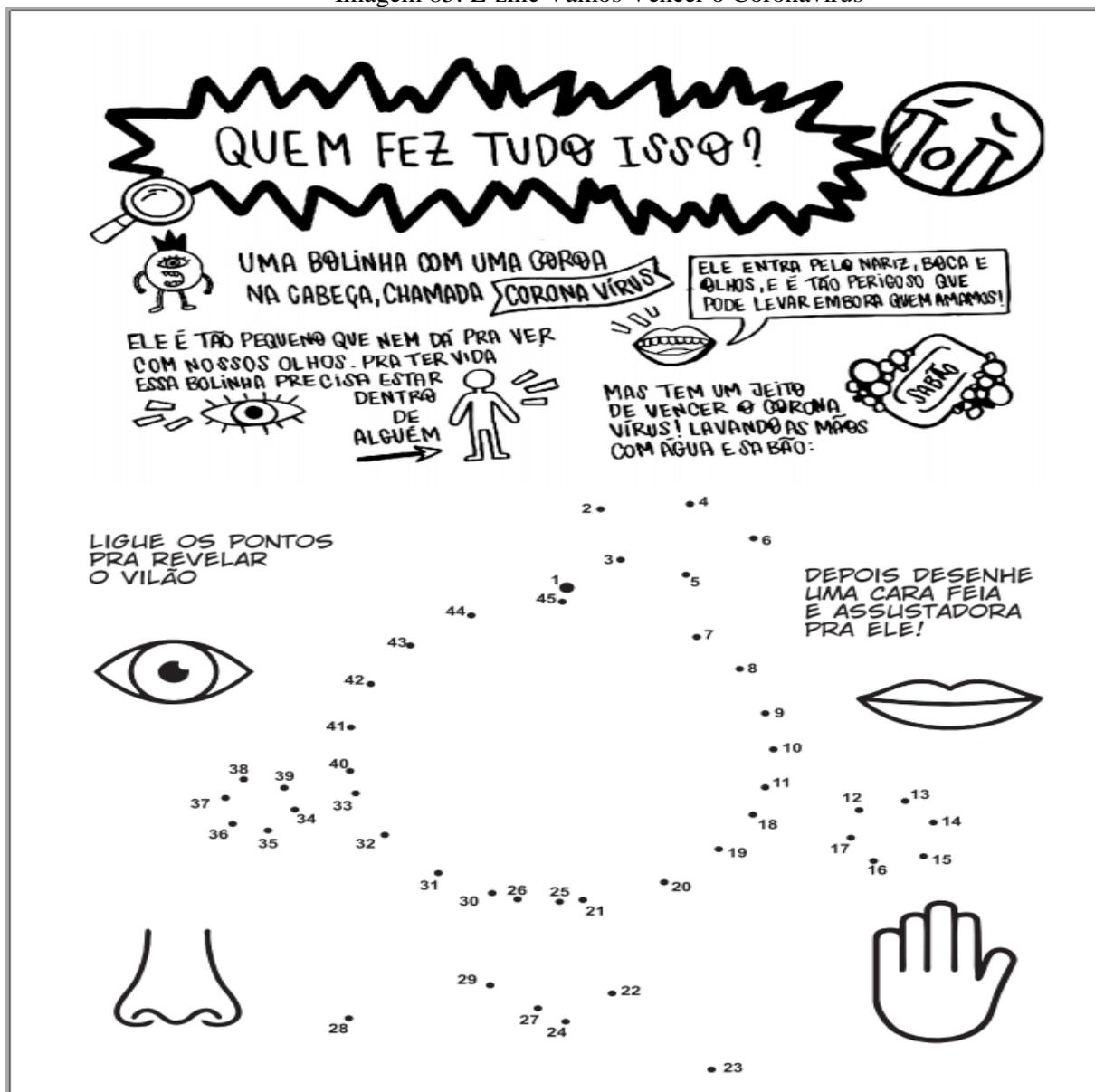
Imagem 84: Recorte do E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

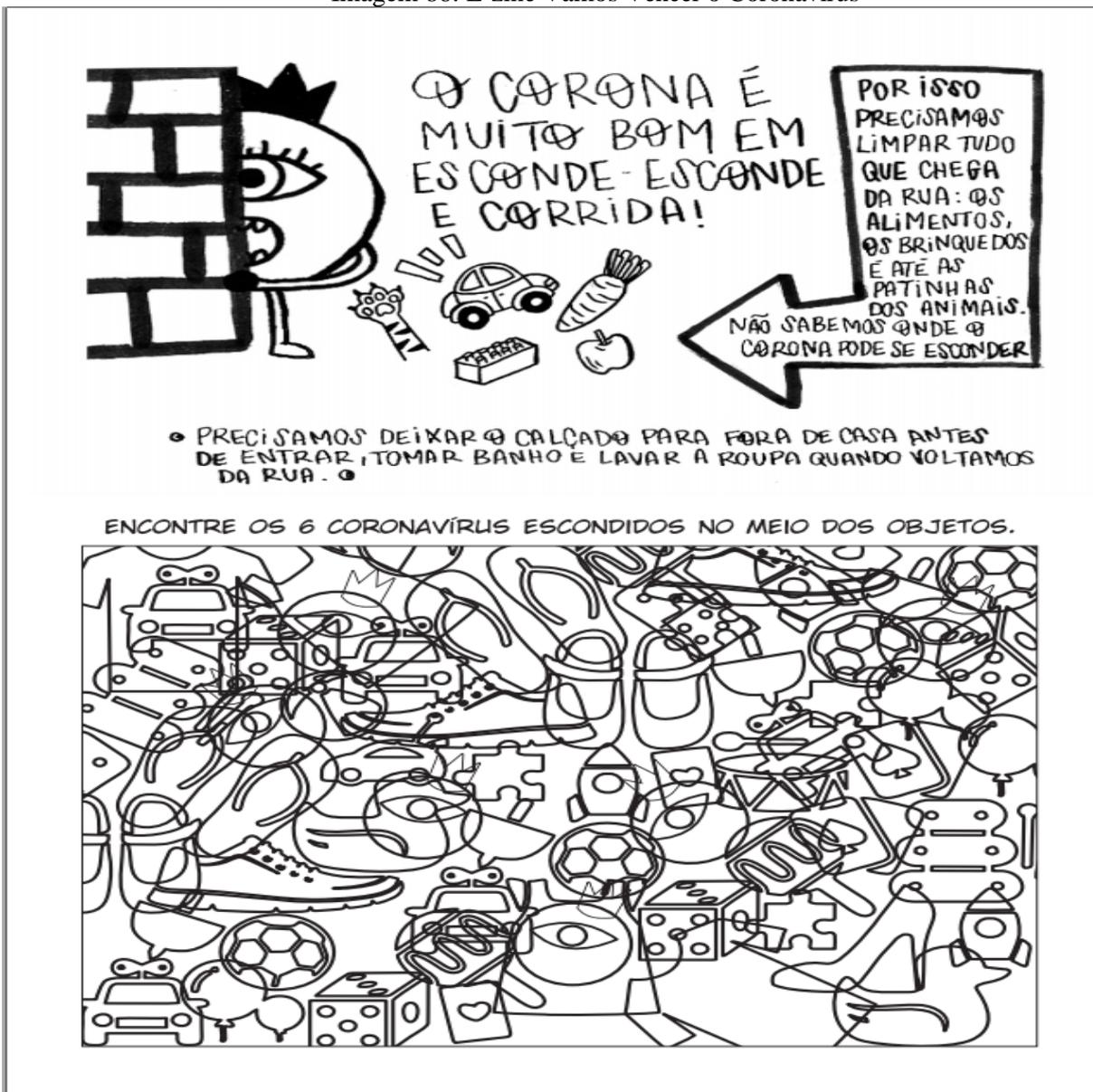
Aqui há o conceito de pandemia, as imagens representando o globo e o personagem coronavírus com uma mala representando a viagem, visto que a disseminação atingiu todos os países

Imagem 85: E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macae/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Imagem 86: E-zine Vamos Vencer o Coronavírus

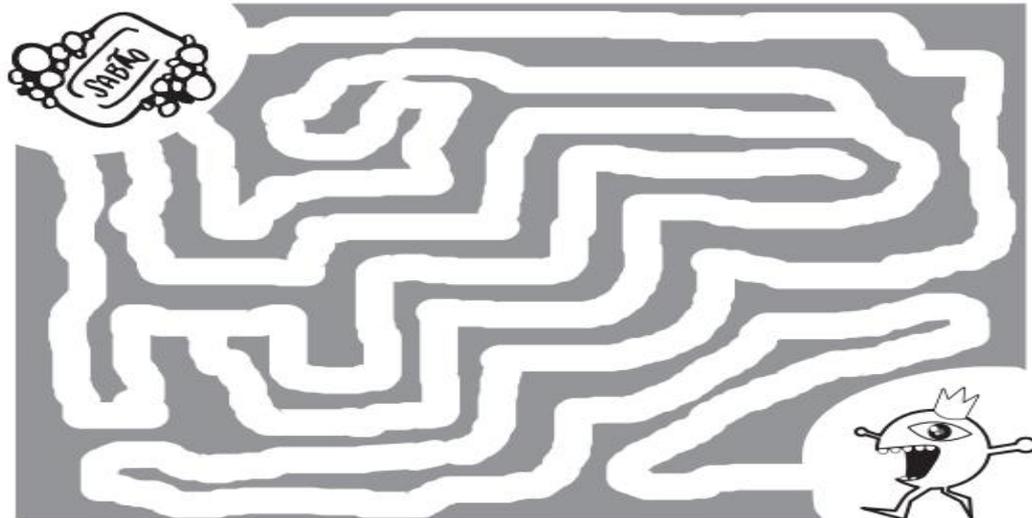


Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaе/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Imagem 87: E-zine Vamos Vencer o Coronavírus

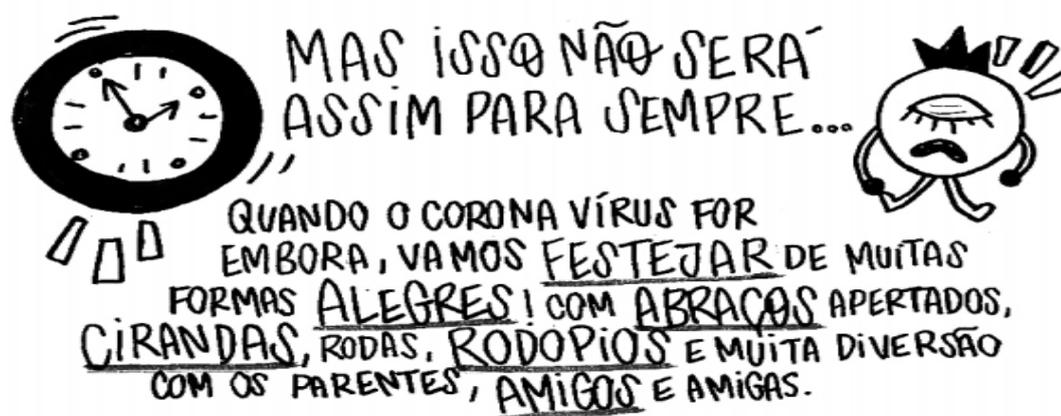


VAMOS CAPTURAR ESSE VÍRUS DANADINHO!  
ENCONTRE O CAMINHO NO LABIRINTO PRA DERROTÁ-LO!

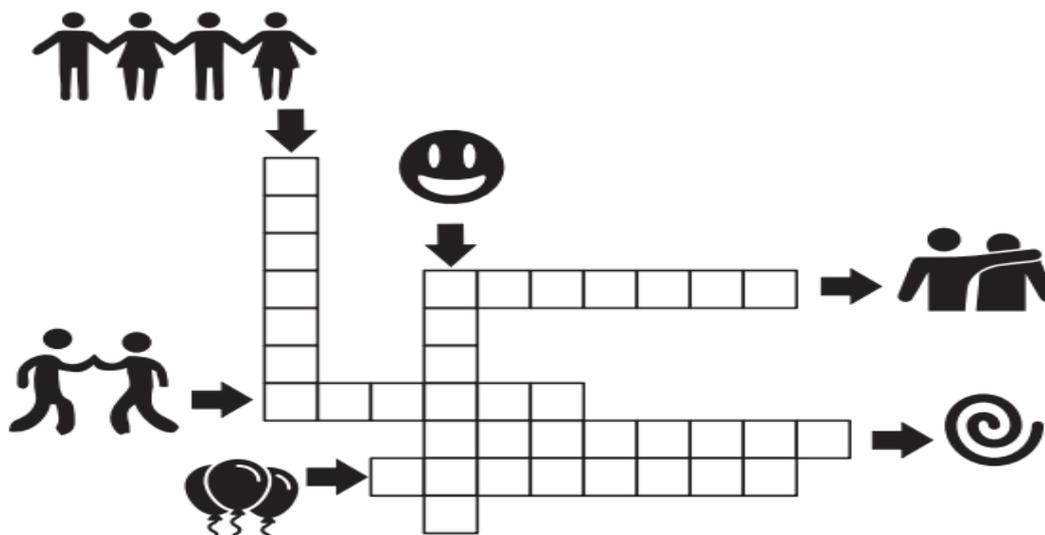


Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Imagem 88: E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



ESCREVA AS PALAVRAS-CHAVE QUE ESTÃO EM DESTAQUE NO TEXTO CONFORME OS SÍMBOLOS.



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Imagem 89: E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



SÓ UM MODELO DE MÁSCARA ESTÁ REPETIDO. ENCONTRE!



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaee/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Nessa página, é ressaltada a necessidade de todas as pessoas estarem utilizando máscaras tanto para se proteger contra o vírus quanto para quem está infectado não transmitir a doença. Observa-se a ilustração de um menino utilizando a máscara de modo correto, onde boca

e nariz estão cobertos. Em seguida há uma atividade para as crianças encontrarem o modelo de máscara repetido, e você que está lendo agora? Conseguiu encontrar?

Imagem 90: E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Na última página do zine, o design é de *lettering*, que é um tipo de arte onde as letras são desenhadas, possuindo mais de um estilo das frases que compõem a ilustração. No final, de cabeça para baixo, as respostas das atividades propostas na cartilha estão disponíveis.

Imagem 91: Recorte do e-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: <https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macae/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>

Ou seja, o susto e o pânico gerado pela figura monstruosa do coronavírus tinha efeito educativo, didático e instrutivo de como enfrentar e evitar o contágio pelos olhos, pela boca e pelas mãos, por exemplo.

Olhando para essa cartilha zine, um trecho do primeiro capítulo de Pedagogia da Autonomia auxilia para encaminhamentos reflexivos ao dizer que

O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama como lidar com certos riscos, mesmo remotos, de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes. (FREIRE, 2021, p. 23-24)

A partir desses exemplos que Freire apresenta, surgiram-me as seguintes perguntas: Quais os saberes necessários para fazer um fanzine? Quais os saberes que foram necessários para produzir essa cartilha zine?

Os saberes que a/o fanzineira(a) deve ter são em algumas dobraduras de papel, o manuseio com cola, tesoura, canetas, a escolha dos recortes, conhecimentos de editoração, o

cuidado com as margens do papel, a escolha do tema a ser trabalhado e, para isso é necessário uma pesquisa sobre o tema, isso envolve o conhecimento de quem está fazendo, pois “a elaboração dos originais da edição depende principalmente da visão do editor, sua capacidade de criar, de contatar outros criadores, de organizar todo o material disponível”. (GUIMARÃES, 2005, p. 23). Além dos conhecimentos para a confecção da boneca (fanzine matriz), é indispensável os saberes que envolvem o manuseio dos recursos de reprodução e distribuição, pois tanto no meio manual e digital é primordial, por exemplo, saber manusear a máquina fotocopadora, ou para as cópias da matriz ou para o escaneamento, já no meio digital, o uso de plataformas de *designs* e de como o e-zine será compartilhado que pode ser em *sites*, *blogs*, encaminhado via PDF por *e-mail*, redes sociais, ou por meio de *drive*.

Já na cartilha zine é possível perceber saberes que envolvem os conhecimentos sobre o coronavírus, a pandemia de COVID-19, os protocolos de segurança sanitária que são os de higiene pessoal como lavar as mãos, usar máscara e álcool gel, manter distanciamento social, saberes de como usar uma linguagem que seja acessível para as crianças, ou seja, o conhecimento de uma linguagem, simples, clara e objetiva, com o uso constante de ilustrações que ressaltam a mensagem de como o coronavírus é, de como se proteger e das emoções que ele trouxe, como medo, tristeza, doença. Ou seja, nessa cartilha há saberes dinâmicos que se unem a atividades que mobilizam a aprendizagem com conhecimento e diversão, pois esse zine está presente nas atividades de pintar, de palavras-cruzadas, de labirintos, dentre outras atividades.

## 4.2 REVISTA E-ZINE PEIBÊ

Em sua sétima edição, a revista Peibê em virtude da pandemia de COVID-19 foi lançada em 2020 na versão *on-line*, onde foi contemplada na categoria fanzine, ganhando o 37º Troféu Agostini, na categoria Melhor fanzine (de quadrinhos ou sobre quadrinhos) onde o evento foi transmitido via *You Tube*.

O zine Peibê é uma publicação organizada pelo projeto de extensão IFanzine e é mais alternativa, em um misto de quadrinistas e fanzineiros tanto profissionais quanto amadores, onde expressam suas artes. Desse modo, tanto estudantes quanto fanzineiros de diversos lugares do país, estão presentes na sétima edição. A versão digital possui 44 páginas. A seguir, a imagem é de um *print* do vídeo disponível no *You Tube*, da premiação como melhor fanzine.

Imagem 92: Print da tela do YouTube



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WYDO47Cn2Nw&t=4521s>

Imagem 93: Print da tela do YouTube



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WYDO47Cn2Nw&t=4521s>

Além da publicação da revista *on-line*, foi produzido um vídeo com o título *Faça em casa e ganhe as ruas*, o mesmo foi lançado em abril de 2020 em um trabalho de modo remoto, em consequência da pandemia. O Beralto explica que o nome Peibê foi dado pelos estudantes desde o início de sua publicação e refere-se ao preto e branco, uma forma de reprodução através de fotocópia comum nesse meio. Ele ressalta que a junção dos estudantes com autores independentes de diversas partes do país e “que permite uma liberdade criativa, conceitual, um experimentalismo que as publicações comerciais normalmente não oportunizam”.

Imagem 94: *Print* da tela do YouTube

Zine PEIBÊ - Faça em casa e ganhe as ruas!



Alberto Souza  
20 subscribers



289 visualizações Estreou a 20/04/2020

fanzine, quadrinhos, arte, educação

Vídeo de lançamento do zine PEIBÊ#7, produzido em trabalho remoto, durante o isolamento social decorrente da pandemia de covid-19, em abril de 2020.

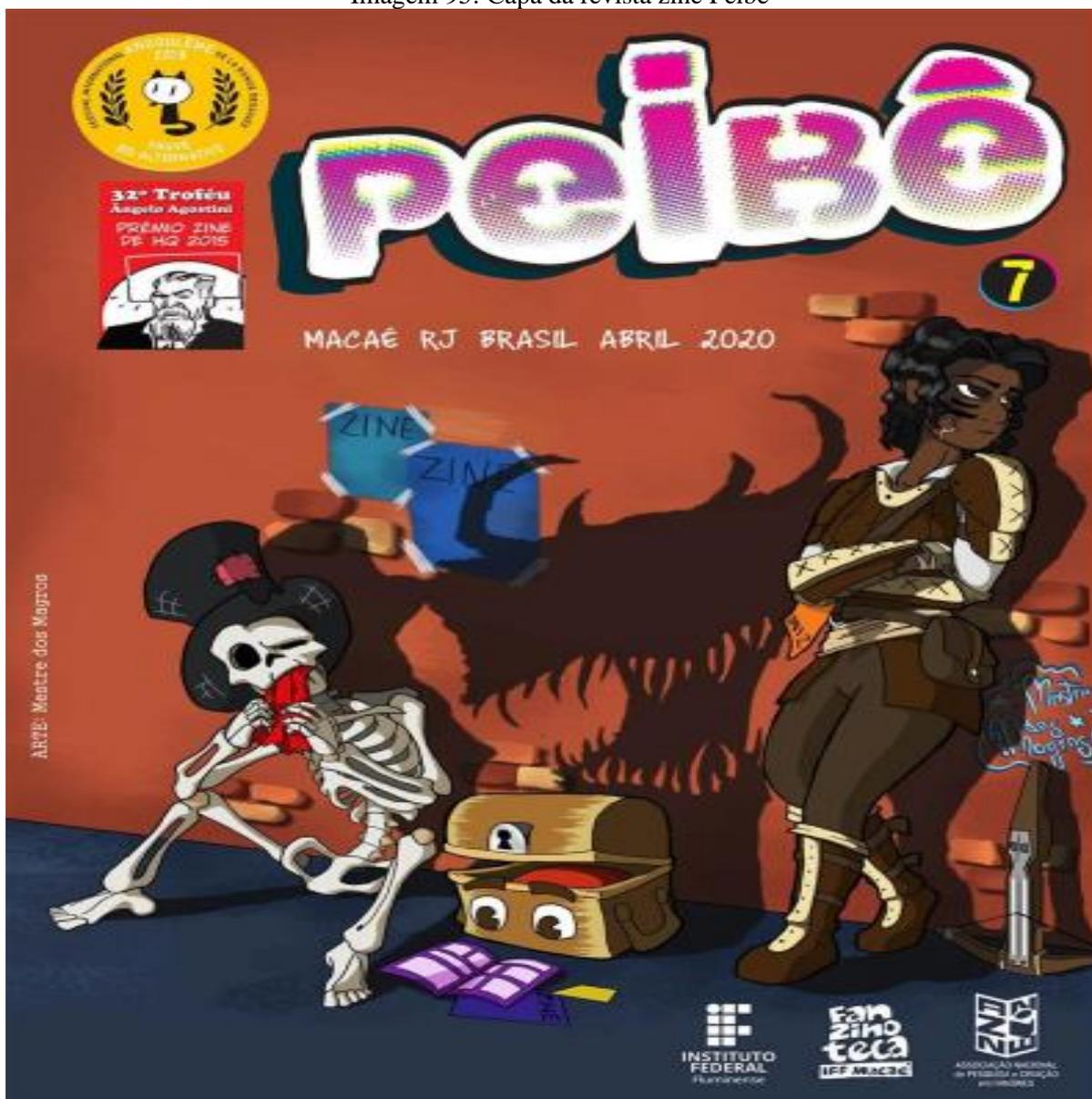
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RYQDbOzAuG0&t=727s>

No *site* da Marca de Fantasia, há disponível a versão digital da edição Peibê e sua apresentação dos motivos de ser virtual devido à pandemia de COVID-19.

Pela primeira vez o fanzine PEIBÊ será lançado exclusivamente em versão on-line, sendo a excepcionalidade decorrente da pandemia do COVID-19. Conforme determinação das autoridades sanitárias e de saúde, o coletivo integrado por servidores e estudantes do Instituto Federal Fluminense Campus Macaé vinculados ao projeto Fanzinoteca, responsável pela edição do zine PEIBÊ, lançou mão das ferramentas digitais disponíveis, antecipando o lançamento da presente edição em versão para acesso nas plataformas on-line e para download. Visamos colaborar com o enfrentamento do COVID-19 oferecendo mais uma edição do zine PEIBÊ, que traz a arte dos quadrinhos com características típicas dos fanzines, mantendo a fórmula já consolidada do zine, que congrega veteranos do fanzinato e jovens talentos revelados a partir do projeto de extensão acadêmica do IFF Macaé, localizado no interior litoral norte do estado do Rio de Janeiro. Juntamente com o lançamento do zine, o Coletivo Fanzinoteca produziu, ainda, um vídeo-documentário intitulado: "Faça em casa e ganhe as ruas!", reunindo alguns dos autores presentes à publicação. O documentário apresenta aspectos de sua trajetória nos zines, presentes na vida, na arte, no ensino e na pesquisa, revelando o amplo potencial do zine como mídia comunicacional contra-hegemônica, como suporte a autoralidade, como ferramenta no ensino e aprendizagem. Estas e outras possibilidades atribuídas aos fanzines são promovidas pela Fanzinoteca IFF Macaé em sua trajetória de mais de 7 anos de projeto e 3 anos de corporificação da Fanzinoteca num espaço físico, onde se disponibiliza o acervo de fanzines produzidos pelos estudantes vinculados ao projeto, bem como os doados pela comunidade zineira e obtidos a partir de habituais trocas. O vídeo e o zine evidenciam os atributos proeminentes do zine em tempos de distanciamento social, mas jamais um isolamento comunicacional: "faça você mesmo, do seu jeito, com recursos acessíveis e bote o bloco na rua". Participam do zine PEIBÊ#7: Beralto, Catia Ana, Cervo, Ciberpajé (Edgar

Franco), David Beat, Edson Baptista, Elidiomar Silva, Fabio Barbosa da Silva, Gazy Andraus, Jackeline Silva, Josi Om, Karoll Castro, Keven Rocha, Luci Boa Nova Coelho, Mestre dos Magros, Danielle Barros, Sandro Leonardo, Sara Gaspar, Thina Curtis, Ubirajara Santiago. Revisão: Valdênia Lins (Jornalista). Coordenação FANZINOTECA: Beralto - Alberto de Souza Ubirajara Santiago Andrea Barbosa Peibê é uma publicação alternativa editada pelo projeto de extensão FANZINOTECA IFF Macaé, sob a chancela do Instituto Federal Fluminense campus Macaé. (MARCA DE FANTASIA, 2020)

Imagem 95: Capa da revista zine Peibê



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

Na segunda página do Peibê encontram-se informações acerca do número da edição, do ano e o nome dos participantes. No lado esquerdo a arte é da estudante, Karoll Castro e fez-me

lembrar da música Infinito particular da cantora, Marisa Monte. E dentro de nós é um verdadeiro universo.

Imagem 96: Revista zine Peibê



Fonte: <https://www.marcafantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

A seguir: a contracapa também foi produzida pela estudante e fiz o recorte para tecer alguns comentários.

Imagem 97: Revista zine peibê



Fonte: <https://www.marcafantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

Nela observamos elementos e palavras ligadas ao mundo dos zines. As ilustrações do papel, mais tesoura, mais lápis e/ou caneta, mais cola e máquina fotocopidora, são a junção para a criação da matriz de um fanzine e o seu compartilhamento através das cópias xerocadas.

Imagem 98: recorte da revista zine Peibê



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

Na sequência, vê-se o desenho de um pássaro em dobradura origami que é chamado de *tsuru* vem acrescentar com a palavra “liberdade”, mostrando uma das características do fanzine que é a liberdade em seus processos tanto de criação, edição, divulgação e compartilhamento.

Imagem 99: recorte da revista zine Peibê



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

A seguir, a palavra “troca” é potencializadora do meio de divulgação e compartilhamento desse veículo de comunicação, pois através das trocas de zines, era e é fortalecido os vínculos de amizade e fraternidade com os grupos consumidores, onde nas trocas o movimento fanzineiro resiste e passando de mão em mão, ou de *link* em *link*, vai ocupando novos espaços, sejam virtuais ou não.

Imagem 100: Recorte da revista zine Peibê



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

A próxima palavra, “autoralidade” é comum para o meio fanzineiro, pois a liberdade de autoria, de autonomia fortalece a paixão entre autor e obra e abre as inúmeras possibilidades de invenção de mundos. Exemplo disso, em cada fanzine que expus ao longo dessa pesquisa, cada arte produzida, desenhada, colada, manual ou com recursos de plataformas digitais possuem suas características únicas, autênticas, em que cada fanzineira/o experiente ou aquelas/es que produziram pela primeira vez trouxe sua autoralidade. A palavra a seguir, “autoconhecimento” é interessante e fez-me enxergar que eu ainda não tinha feito essa reflexão, que a ação da fanzinagem leva ao conhecimento de si mesmo em seus processos de criação.

Imagem 101: recorte da revista zine Peibê



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

As ilustrações no final da contracapa, do lado esquerdo fazem menção ao primeiro fanzine *The Comet*, pois

Em relação aos fanzines, há certo consenso de que tenham surgido no seio da literatura de ficção científica, e *The Comet* é o primeiro de que se tem registro. *The Comet* foi criado nos Estados Unidos da América em 1930 por Ray Palmer para o Science Correspondance Clube, seguido por *The Planet*, em junho do mesmo ano, editado por Allen Glasser para o *The New York Scienceers*. (MAGALHÃES, 2013, p. 57)

A ilustração do meio, mostra o desenho de Edson Rontani, considerado o autor do primeiro fanzine brasileiro que foi criado em 1965, intitulado Ficção. Do lado direito, há o símbolo da Fanzinoteca de Macaé.

Imagem 102: recorte da revista zine Peibê



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

A análise desse zine não está realizada na íntegra, pois fiz recortes de algumas participações nesta revista. Assim, o próximo recorte que destaco é da jovem, Sara Gaspar, onde participa com a seguinte arte presente na página 04 do zine, onde sua arte traz de modo intenso uma mulher deitada quase que em posição fetal, onde percebe-se o peso dos pensamentos, ressaltando a frase presente “meu maior inimigo vive em mim, meus pensamentos”, assim a emoção que o desenho externa é o de tristeza e medo. Na fala do Beralto (Alberto Carlos) no vídeo de transmissão do 37º Prêmio Ângelo Agostini, ele menciona que Sara, foi integrante da fanzinoteca e mesmo egressa continuou produzindo fanzines e contribuiu para a revista Peibê com a arte logo abaixo e, a seguir, o *print* está relacionado ao reconhecimento da estudante por ter participado da Peibê no *Instagram*.

Imagem 103: recorte da revista zine Peibê

Arte: Sara Gaspar - RJ

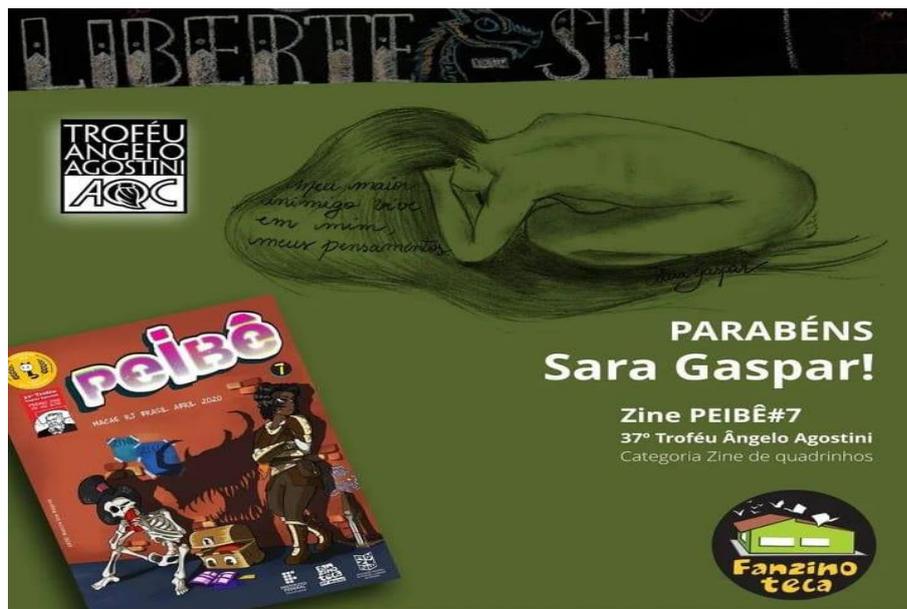


Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>

Em comemoração pela Peibê ter ganhado o 37º troféu Angelo Agostini, a fanzinoteca postou uma publicação agradecendo à estudante.

Imagem 104: *print* do Instagram da fanzinoteca da revista zine Peibê

← **Publicações**



10 curtidas

fanzinotecamacae @saragaspar\_

Máximo respeito e gratidão da Fanzinoteca!

Parabéns pela conquista

O zine PEIBÊ#7 editado pelo projeto Fanzinoteca do Instituto Federal Fluminense campus Macaé foi premiado na categoria zine de quadrinhos no Troféu Ângelo Agostini! Um agradecimento especial a todo mundo que colabora com o projeto, a comunidade estudantil, autores e todo mundo que segue o nosso perfil. Gratidão!

Quem não conhece o zine basta acessar a Editora Marca de Fantasia:

<http://marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/fanzines.html>

Há 64 semanas · [Ver tradução](#)



Fonte: <https://www.instagram.com/fanzinotecamacae/>

No vídeo Peibê, a estudante Sara Gaspar, menciona sua passagem pela fanzinoteca, lugar “onde aprendi a explorar a explorar as minhas potencialidades”. A experiência trouxe-lhe saberes e sentimentos que “através dos fanzines ganhei confiança para compartilhar meus pensamentos, minhas ideias, minhas artes. E também conheci várias pessoas interessantes que me inspiram e me direcionam para um mundo mais colorido com a arte”.

Imagem 105: print do vídeo Zine Peibê – Faça em casa e ganhe as ruas



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RYQDbOzAuG0&t=727s>

O próximo recorte é das artes em quadrinhos de Mestre dos Magos, no qual ele traz uma história em um diálogo entre máquinas, em que elas possuem vida, e o mundo no fim sendo permeado por saberes tecnológicos.

No vídeo Zine Peibê – Faça em casa em as ruas, Mestre dos Magos fala de sua ligação com os fanzines e o que ele fazia antes mesmo de saber o que eram. Ele diz que fazia

porque era legal, porque era divertido, porque podia fazer os meus quadrinhos, minhas histórias. E depois que eu descobri que era um fanzine propriamente dito isso continuou, esse sentimento que tem na hora de criar, porque justamente o fanzine tem essa pegada, você pode criar qualquer coisa, totalmente livre, qualquer coisa realmente que você imaginar você consegue fazer um bagulho maneiro, e é algo que eu me identifico muito e eu adoro o fanzine por causa disso. (MESTRE DOS MAGOS, 2020)

Imagem 106: Recorte da Revista zine Peibê



Imagem 107: Recorte da Revista zine Peibê

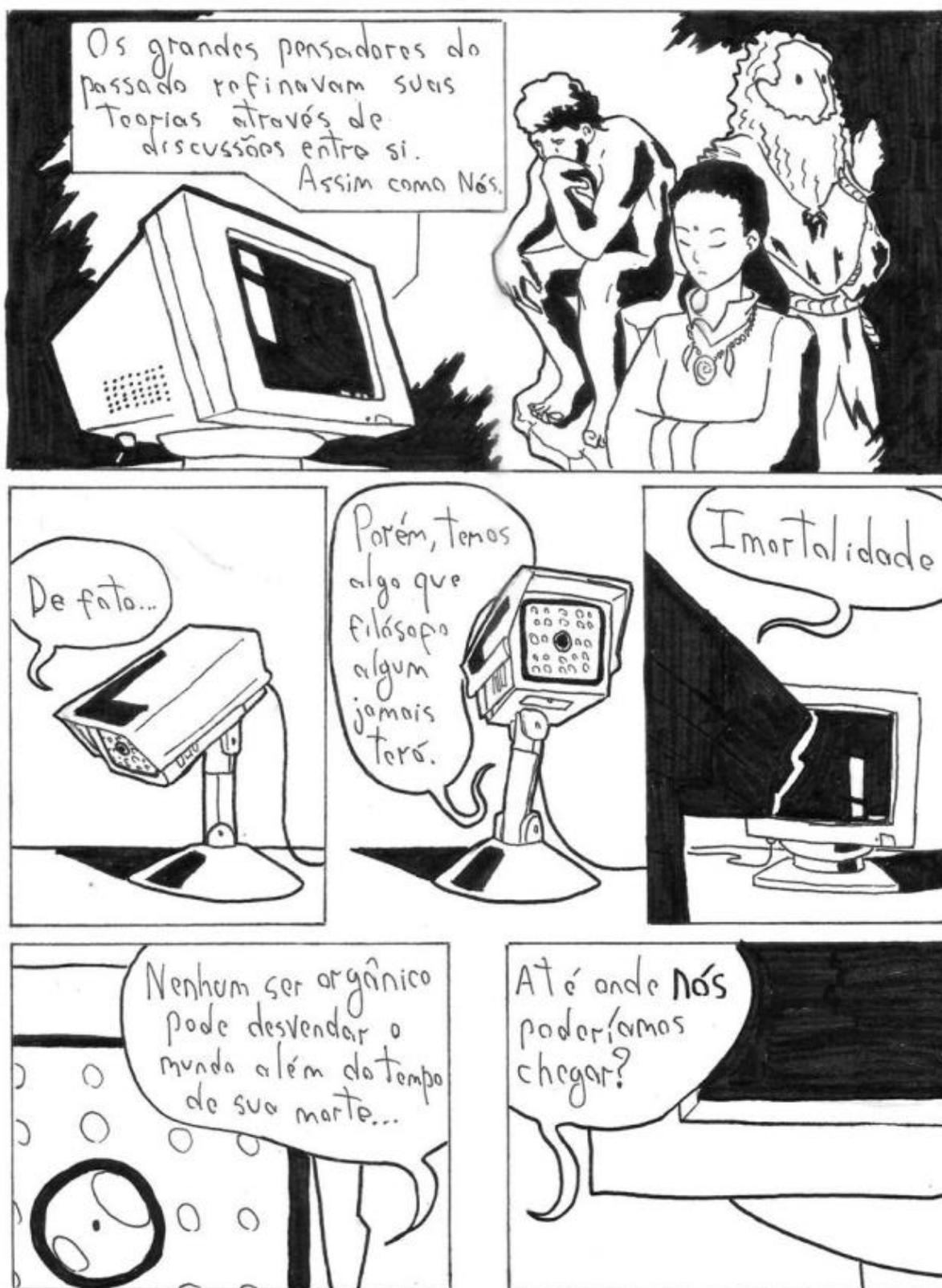


Imagem 108: Recorte da Revista zine Peibê

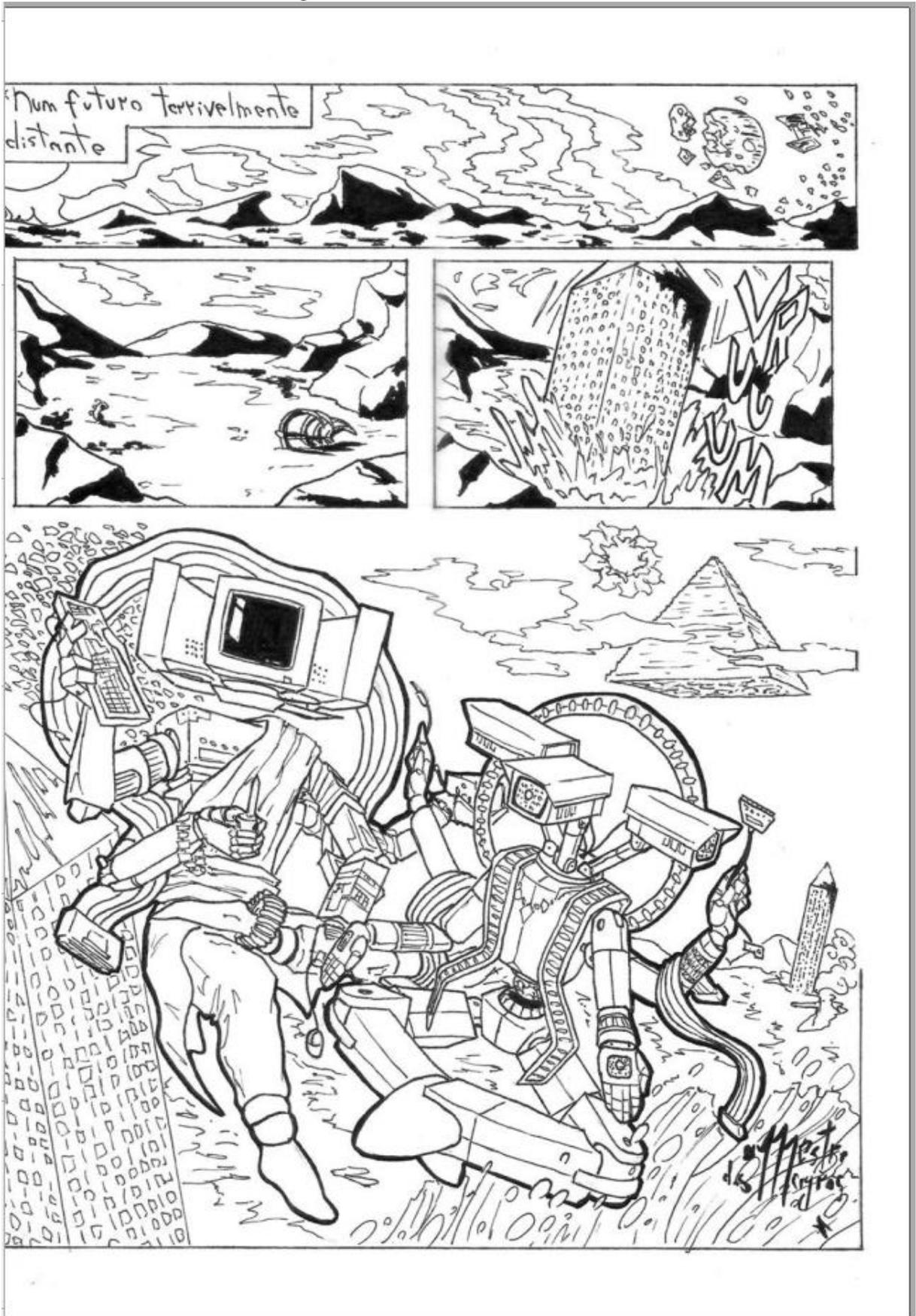


Imagem 109: Print do vídeo zine Peibê – Faça em casa e ganhe as ruas



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=RYQDbOzAuG0&t=727s>

Mais uma participação de jovens com os quadrinhos “Discussão acalorada” correspondendo às páginas 25 a 28 da Peibê. Nos quadrinhos a história é sucedida com uma estudante veterana dando lições de como a estudante caloura deve enfrentar a jornada e vida acadêmica, de um jeito que traz traços cômicos e de ironia, os estudantes retratam os dilemas e a garra necessária para que a desistência não ocorra. Demonstrando, desse modo, sentimentos envolvendo experiências pela veterana, ironia, medo, insegurança e para finalizar, a motivação da caloura para a continuidade e permanência do IF. Essa história fez-me recordar -me do zine Vida de um estudante do IF que produzimos no IFMA em 2015.

Imagem 110: Revista zine Peibê

# DISCUSSÃO ACALOURADA



Imagem 111: Revista zine Peibê



Imagem 112: Revista zine Peibê



Imagem 113: Revista zine Peibê



Aqui destacam-se os saberes envolvidos com as experiências que envolvem a vida e a rotina de estudantes tido como veteranos, os que já fazem parte do IFF com o embate e enfrentamento dos novos estudantes que irão adentrar ao espaço da educação técnica de um Instituto. Percebe-se no título que a palavra “acalourada” uma certa brincadeira com essa palavra, criando até mesmo um neologismo, onde acalorada remete a calor, quente, a entusiasmos e calourada refere-se geralmente às festas organizadas por atléticas de cursos para recepcionar os calouros, que são os estudantes ingressantes. Dessa forma, essa discussão acalourada, seria uma recepção onde em uma conversa foi mandado “a real”, ou um choque de realidade, como forma de alertar, orientar e apresentar os dilemas, desafios e enfrentamentos do que seria a vida de um estudante de um Instituto Federal.

Karol Castro diz no IFF conheceu o Alberto e o mundo do fanzine e que

Mudou a minha vida, a minha forma de se expressar. Eu sempre tive relação com a arte, eu também trabalho com música, mas eu já desenhava, só que eu era sempre na mesma vertente, sempre as mesmas coisas. E o fanzine certamente me ensinou de que nós podemos tentar a fazer diversas coisas diferentes para se expressar artisticamente, para levar a nossa voz e para expressar aquilo que a gente pensa. Isso foi muito importante para mim. [...] O fanzine me ensinou a falar numa linguagem que todo mundo entenda. O fanzine é um meio de comunicação muito poderoso porque ele é acessível a todos os públicos. (KAROLL CASTRO, 2020)

A seguir, compartilho um de meus diários acerca dos sentimentos que essa etapa tem provocado.

Diário de Itinerância, 06 junho de 2023  
Gerciane Lima

---

Nestes últimos dias para o fechamento da dissertação para entregar para a banca avaliadora, percebo que tenho evoluído e tendo aprendizados, ou como a minha orientadora disse-me “estou tendo encontros com a pesquisa”, depois de crises de ansiedade e de um turbilhão de pensamentos como “e se eu for reprovada”, “e se não estiver bom o suficiente”, “e se tiver muitos erros nessa dissertação”. Meu corpo tem sofrido os impactos da ansiedade exagerada, houve dias que eu pensei que meu coração aguentaria tantos batimentos acelerados e que eu surtaria, mas como o mar hoje tenho andado mais em calmaria, sei que ainda há muitos tropeços e muitas ondas ainda não sei surfar neste imenso mar da vida de pesquisadora, mas com os pequenos avanços já dá motivo para passar um cafezinho e continuar realizando as análises.

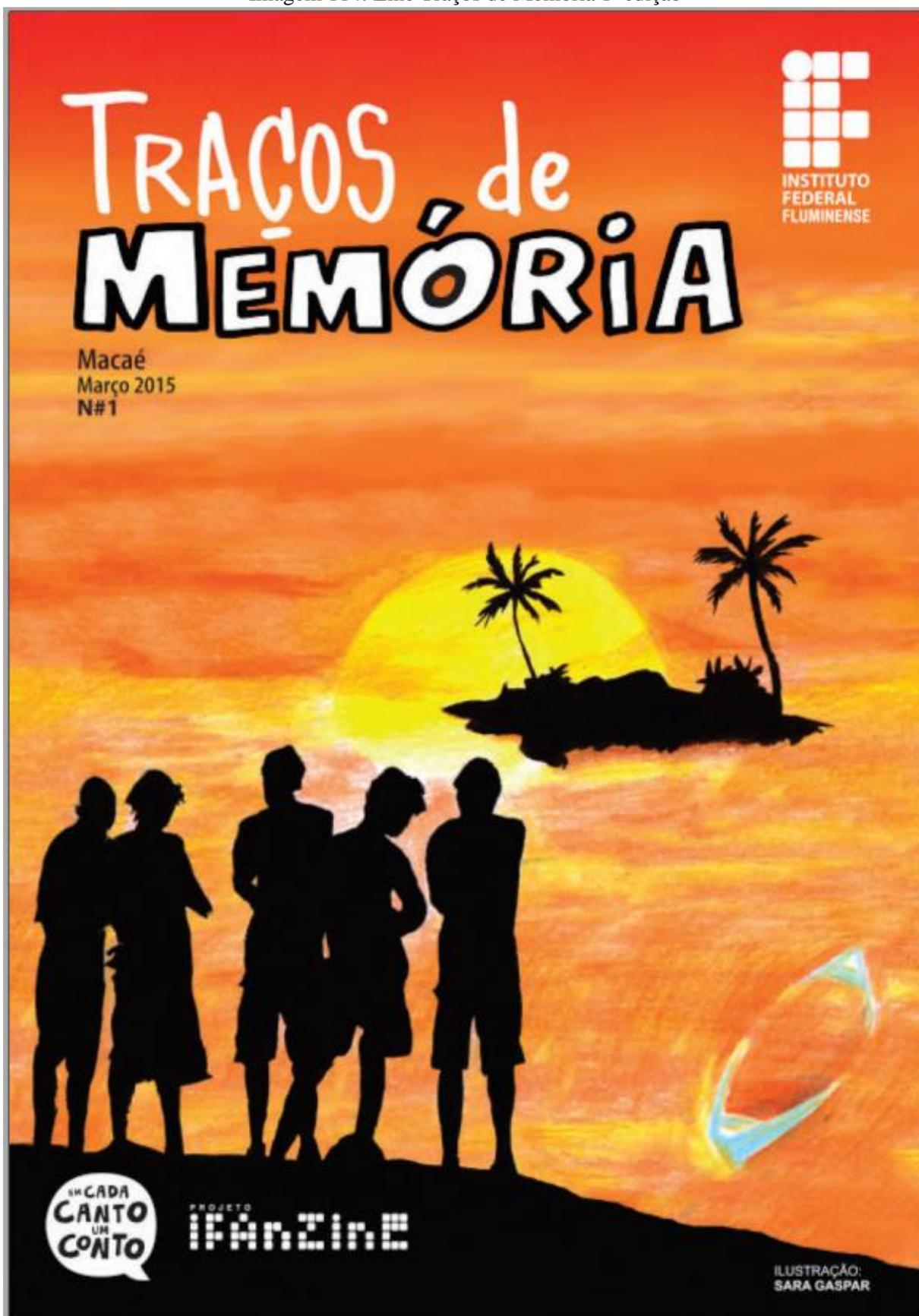
### 4.3 E-ZINE TRAÇOS DE MEMÓRIA

O primeiro zine Traços de memória foi lançado em 2015 e o número dois em 2016. A seguir, imagens das capas dos zines 01 e 02.

A confecção do zine “Traços de Memória”, além de produzir os vínculos políticos já aludidos, traduz um passo no alargamento da experiência criativa dos seus autores, os quais, a partir dos zines, ganham maior confiança no sentido da experimentação das artes visuais e das suas técnicas de escrita. Tais inferências estão fundamentadas nas observações, desde as primeiras expressões de alguns, da desenvoltura que se foi revelando a partir da experiência com os zines. Tal é, por exemplo, o caminho de Sara Gaspar, que atualmente desenvolve projeto de extensão sobre alimentação consciente a partir dos zines na UFRJ em Macaé. E o mesmo tem sucedido a outros estudantes/jovens cuja procura pelo desenvolvimento intelectual e expressivo é amadurecida e enriquecida pela ambientação que, mediante o projeto IFanzine, é propiciada pelas atividades da fanzinoteca. (PINTO & SOUZA, 2021, p. 162-163.)

O nome do zine Traços de Memória fez-me lembrar que “o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer”, (TARDIF, 2014, p. 11). Estes jovens vem-nos ensinando histórias, auxiliando com informações tanto sobre direitos e de como a prevenção e os cuidados são essenciais mediante um vírus que causou uma pandemia. Dessa forma, os e-zines que foram apresentados na dissertação, demonstraram saberes de habilidades de natureza artesanal e saberes a serem ensinados (TARDIF, 2014).

Imagem 114: Zine Traços de Memória 1ª edição



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/fanzines.html>

Imagem 115: Zine Traços de Memória 2ª edição



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/fanzines.html>

O zine Traços de Memória carrega as experiências que os jovens têm tanto com outras gerações quanto os conhecimentos que acabam produzindo nesses encontros, dessa forma

Na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai

influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos à ela (DAYRELL, 2007, p. 1118)

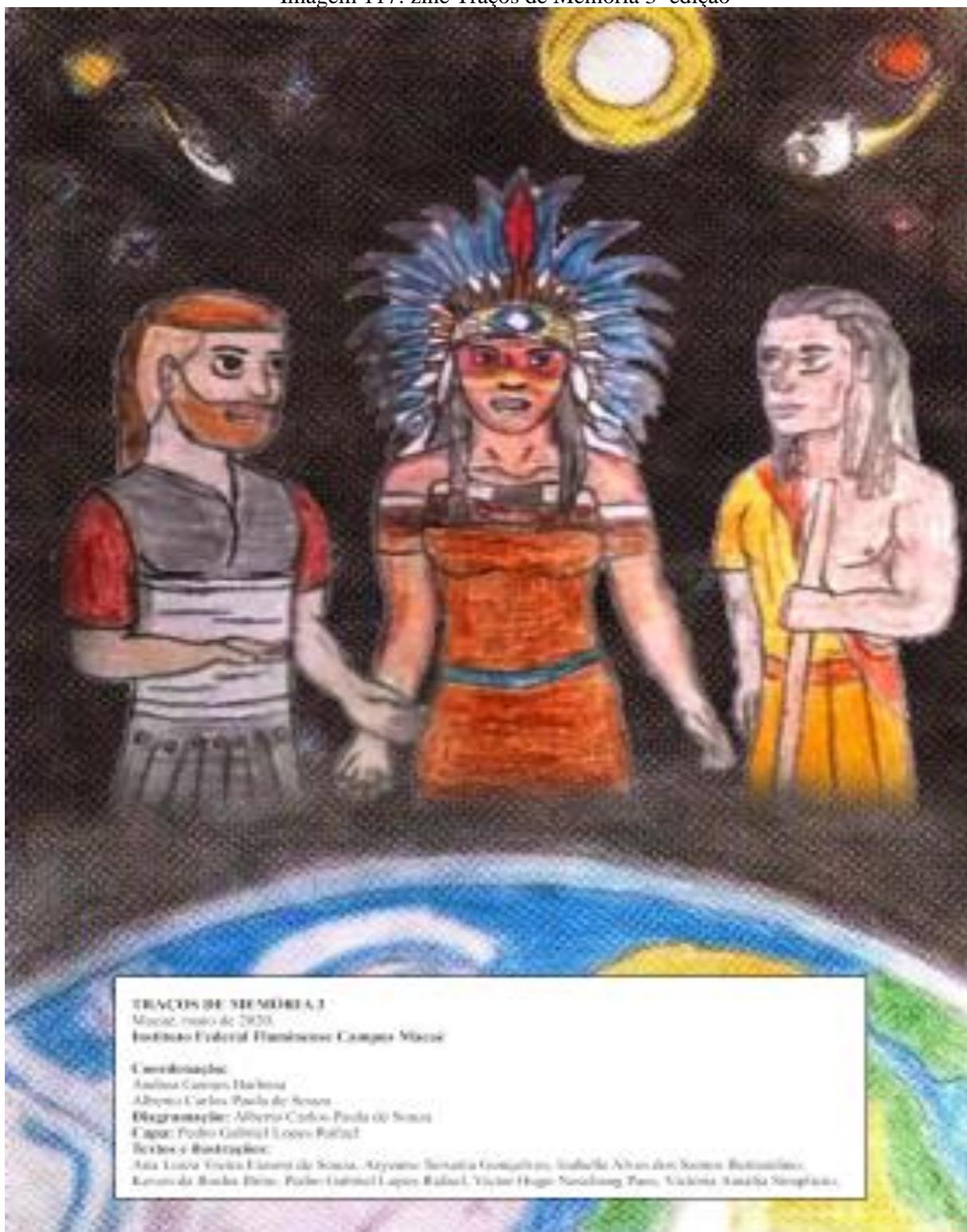
Neste zine há detalhes em suas artes tanto em preto e branco quanto coloridos, possuindo histórias resgatadas durante o período da pandemia com ilustrações feitas por estudantes. O zine possui 20 páginas, onde na capa há o número da edição que é a terceira e o ano que foi 2020. No canto inferior direito há os símbolos das parcerias do zine que são o projeto de extensão Em cada canto um conto; a Fanzinoteca e o IF Fluminense.

Imagem 116: Zine Traços de Memória 3ª edição



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/tracosdememoria/tracosdememoria3/tracosdememoria3.html>

Imagem 117: zine Traços de Memória 3ª edição



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/tracosdememoria/tracosdememoria3/tracosdememoria3.html>

Na terceira página há a apresentação do fanzine explicitando que no momento de quarentena muitas famílias começaram a resgatar a contação de histórias orais. As imagens a seguir, são de algumas histórias que foram recolhidas pelos bolsistas do projeto durante a pandemia.

Imagem 118: zine Traços de Memória 3ª edição

# TRAÇOS de MEMÓRIA

Em tempos de quarentena, muitas famílias estão resgatando o ato de ouvir e contar histórias. Conto, caso, lenda ou relato de memória... o que importa é a troca que esse ato - que pode voltar a ser hábito - proporciona, seja no campo cultural, educacional ou afetivo.

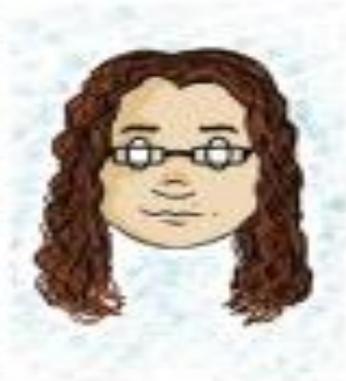
O fanzine Traços de Memória é uma publicação resultante de uma das ações de ensino, pesquisa e extensão do projeto Resgate da Literatura Oral: do conto à fanzinagem! em parceria com o sensacional projeto IFanzine, coordenado por Alberto de Souza, tendo como espaço de atuação a Fanzinoteca localizada no Instituto Federal Fluminense, campus Macaé.

Tal ação é desenvolvida pelo Em cada canto, um conto e tem por objetivo diminuir a disparidade entre o currículo formal e o ensino da transmissão oral de tradições, abrindo espaço para a socialização de experiências culturais dos alunos do Ensino Médio Integrado e do PROEJA, envolvendo tanto textos de tradição oral como relatos de histórias de vida.

A presente edição traz histórias pesquisadas e ilustradas pelos bolsistas atuantes no projeto, a maioria delas coletadas no ambiente familiar. Divirta-se e aproveite o tempo de quarentena para socializar as suas histórias com os "pequenos" e os "grandes" de sua família, seja de forma presencial ou virtual. Conte, reconte e encante!!!

Imagem 119: zine Traços de Memória 3ª edição

# DEPO IIVEN TOS SOBRE A FAN ZINO TECA

A Fanzinoteca é uma das surpresas que o IFP me proporcionou. Entrei nela pelo primeiro ano em 1ª ano, em 2018, porém não tive uma grande apresentação do espaço e não souber sobre o que era um fanzine. Nessa época, ficou pouco tempo que havia sido inaugurada. Alguns meses depois, fui convidado pelo Gabriel Belmonte e pelo Kevin Trindade a fazer parte de um grupo de ensino em desenho e artes, todas as quartas-feiras, e o encontro era exatamente no espaço da Fanzinoteca. Essa foi minha porta de entrada para fazer parte deste projeto como voluntário, até que, no ano seguinte, fui convidado pela professora Andrea a integrar seu projeto de pesquisa que foi parceria com o Ifanzine. A fanzinoteca é uma área com um contraste do que o IFP Macaé é, em sua grande parte, é a mais artística do campus. Esse lugar me permite desfrutar um pouco do meu gosto por artes visuais como ilustrações, histórias e ilustrações abstratas feitas por autores autônomos, me inspirando a fazer o mesmo.

Este na fanzinoteca é sempre muito bom. Cheia de histórias interessantes, abre sempre caminho para uma ideia nova. É uma das coisas mais legais de se estar nela é quando chegam pessoas que nunca a visitaram. É meio mágico ver o encanto e fascínio nos olhos dos visitantes, pois a fanzinoteca é realmente um lugar bem único, e essas pessoas ficam meio surpresas com a quantidade e variedade de zines. É legal quando alguns leem histórias de outros alunos e pensam "caracota, eu também quero fazer isso". É, resumidamente, maravilhoso.

**Pedro Gabriel Lopes Rafael**  
E.M.I. com Tópicos em  
Eletrotécnicas  
Bolsista Jovem Talentos FAPERJ  
Projeto Integrador Regional da  
Universidade Estadual do Rio  
Grande (UERJ)

**Ana Laura Frazoni**  
E.M.I. com Tópicos em  
Eletrotécnicas  
Bolsista Jovem Talentos FAPERJ  
Projeto Integrador Regional da  
Universidade Estadual do Rio  
Grande (UERJ)



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/tracosdememoria/tracosdememoria3/tracosdememoria3.html>

Imagem 120: Zine Traços de Memória 3ª edição



Fonte: <https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/edicoes/tracosdememoria/tracosdememoria3/tracosdememoria3.html>

Essas últimas páginas do Traços de Memória reúne depoimentos sobre a fanzinoteca de estudantes e a arte do lado direito acima foi criada pelo estudante Keven Rocha onde ele diz que

Tenho por mim que a Fanzinoteca é como um mausoléu assombrado onde imperam aterrorizantes formas de consciência. É cheia de fantasmas, que escorrem ideias pelas paredes com estridentes sussurros de filosofia, anarquia, culturas, poesias, parceragem, idealismos, sátiras, orgias, democracia, direitos de humanidade, punkheads, quadrinhos, loucuras... (KEVEN ROCHA, 2020)

A seguir, uma postagem dessa arte no *Instagram* da Fanzinoteca para divulgar.

Imagem 121: *Print* de postagem no *Instagram* da fanzinoteca



Fonte: <https://www.instagram.com/fanzinotecamacae/>

“O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”, (FREIRE, 2021, p. 28). Os zines que estão sendo apresentados ao longo desse trabalho movimentam-se no espaço escolar, onde os saberes técnicos têm imperatividade por estarem no espaço onde a educação técnica é ofertada juntamente do ensino médio (refiro-me aos dois IF’s de que são mencionados

na dissertação). Dessa forma, esse pensamento de Paulo Freire faz-me ir às reflexões que envolvem as práticas educativas onde envolvi o fanzine, que estão mais presentes na educação formal, pois como mencionado anteriormente foi onde o conheci. Nessas práticas de quem desenvolve o trabalho com zines é indispensável essa capacidade crítica, porque o próprio zine é insubmisso e tem o poder de ser trabalhado a criticidade de quem o faz. Portanto, uma mistura de saberes experienciais, habilidades de conectar linguagens e habilidades manuais, são alguns dos conhecimentos presentes nesses fazeres zinescos.

Olhar para o e-zine Traços de Memória é perceber a junção de saberes orais que foram registrados e que passam a ser compartilhados não apenas na oralidade, mas agora nos espaços virtuais, onde o papel não passa pela mão, mas as histórias chegam por meio de cliques e são visualizadas e lidas por meio de *notebooks*, celulares e *tablets*. Assim, são deixados traços para uma viagem em memórias que não são nossas, mas que se misturam com as nossas e assim vão se tornando coletivas nessa fraternidade de compartilhamento de zines.

Finalizo esse capítulo com um breve texto do diário escrito em uma madrugada.

Diário de Itinerância: 19 de junho de 2023  
Gerciane Lima

---

A cada dia vou lendo mais sobre a fanzinoteca, vou visitando minhas memórias, da qual vou conhecendo o material com o qual estou tendo contato. Um desejo pulsa em meu corpo e acaba viajando comigo em pensamentos que me levam a imaginar como vai ser quando eu pisar no chão da fanzinoteca, pois anda latente a vontade de conhecê-la, de visualizá-la, de sentir o seu cheiro, o cheiro do papel transformado em arte, em voz, em cores, em expressões e em pensamentos transferidos para os zines. Assim, vou voando em caminhos que não sei se conseguirei trilhar, mas que já tomam conta de mim, que é o de contribuir para a criação de uma fanzinoteca na UFPI. Saindo do mundo dos meus pensamentos, é hora de voltar ligar a cabeça com o corpo novamente, de arrumar a coluna na cadeira, tomar mais uma xícara de café e continuar escrevendo a dissertação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS, MAS SERÁ MESMO O FIM?

Olhando para o passado de um outro modo e com um olhar de pesquisadora, passo a compreender a relevância da lei de cotas na Educação Básica, de como ter participado do seu primeiro ano de implantação (2013) contribuiu de modo significativo para a minha entrada no

Instituto Federal e para a minha permanência, pois a assistência que tive como estudante do Ensino Médio e técnico foram motores para que eu pudesse alçar voos e continuar uma formação na Educação Formal, migrando para Teresina em 2016 para fazer licenciatura em Pedagogia e chegar ao mestrado em educação na UFPI, por isso cota não é esmola, é reparação.

De 2013 até 2023 são exatamente 10 anos da Lei de Cotas e que me deparei com zine “me bagunça e tumultua tudo em mim” (Fernando Anitelli - O teatro mágico), aos meus 17 anos. Comecei timidamente, mas com entusiasmo e logo fui criando paixão por todas as metamorfoses experienciais às quais me fui permitida vivenciar, desde as oficinas, a distribuição dos zines pelo campus, a viagem a outro estado do país, as conversas e zines criados na universidade, nas escolas públicas por onde passei como bolsista dos programas PIBID e RP, do meu TCC e onde, hoje, aos meus 27 anos de idade, experimentei a construção de e-zines e a construção da dissertação do mestrado.

Assistência na graduação e na pós-graduação... realizar uma pesquisa encarnada, acredito que tem que se ser ter cuidados tanto na produção acadêmica, quanto no corpo que a pesquisa habita. Meu corpo adoeceu decorrente da saúde mental, e que aos poucos sofreu enfraquecimentos até não aguentar e a doença da depressão se achegou com todas as suas consequências. O desejo de desistir tornou-se latente, o coração, por ora, eu pensava que não resistiria aos movimentos acelerados e fortes que a ansiedade ocasionava. Ao estar com a saúde mental fragilizada, e ao procurar apoio na universidade, percebi a urgência que se fazia de uma assistência psicológica e social para os pós-graduandos em meio à pandemia, ensino remoto, pandemia, mestrado virtual significa sobreviver, atravessar o ensino remoto, respirar o medo, a insegurança, conviver com as sequelas de uma pandemia global com seu início em março de 2020 e seu término em maio de 2023.

Do zine de papel ao e-zine a pandemia trouxe trajetórias na pesquisa desde a minha passagem de fanzineira para pesquisadora, da minha formação acadêmica levando as práticas fanzineiras para diversos públicos, desde crianças a jovens adultos e dos caminhos que a pandemia fez eu me conectar até aos e-zines e aos jovens consumidores dessa publicação. Fui percebendo as implicações que me levaram à pesquisa da netnografia, à importância da escrita dos diários no processo de construção da pesquisa. Assim como do desespero de não saber como prosseguir com a pesquisa e ver que nas redes sociais havia pessoas, grupos, dos mais experientes aos iniciantes que enxergaram na internet uma via de divulgar o universo dos fanzines. Que fanzineiros do século passado haviam levado para suas redes sociais e para a escola a continuação de seus trabalhos com essa produção independente.

Processos, minhas experiências, aprendizados, dificuldades e dores. Desse modo, vou percebendo a minha constituição como pesquisadora e que as análises das minhas implicações levam-me a caminhos que ultrapassaram o mexe, dobra, corta e recorta e cola papel. Transcorreram das oficinas com crianças e adultos que ministrei, passaram pelo meu TCC e agora vêm respirando e habitando nesta dissertação de mestrado, nos meios digitais com os quais a cada dia estou tendo novas descobertas e à abordagem da netnografia, com a qual eu não tinha contato até pouco tempo atrás.

A cartilha-zine Auxílio Emergencial: que direito é esse? serviu de manual prático e instrutivo para tirar diversas dúvidas que surgiram nesse período de tantas incertezas e inseguranças.

O e-zine Vamos Vencer o Coronavírus apresentou uma diversidade de saberes de modo lúdico, didático e divertido, ao passo que contribuiu para apresentar às crianças o que é o coronavírus e as suas consequências e as formas de enfrentá-lo, e os meios de proteção. Um e-zine criativo e bem produzido.

A revista zine Peibê que reúne fanzineiros experientes e iniciantes dando liberdade para as criações, apresenta-se como potente divulgador de talentos artísticos e criativos, além das possibilidades de trocas e compartilhamentos de experiências. A palavra autoralidade é forte nesse tipo de produção e esteve presente a todo momento em todos os fanzines apresentados.

O e-zine Traços de Memória apesar de eu apresentá-lo brevemente sem muitos comentários, ressalto como importante produção coletiva de estudantes que resgatam as histórias orais, mostrando-se de modo positivo em meio ao confinamento imposto pela pandemia.

Como resultados, a pesquisa aponta para os processos de criação juvenil presentes na autoralidade e/ou participação na criação de e-zines expressando seus saberes que, por exemplo, durante o isolamento em um dos e-zines foram resgatados histórias orais que foram recolhidas entre os membros familiares dos estudantes, ressaltando a importância dos vínculos familiares e da escuta nesse período; outros saberes estão estritamente ligados aos protocolos e instruções relacionados à pandemia da COVID-19, com a criação de e-zines com informações para diferentes públicos sobre auxílio emergencial e cuidados com a prevenção do coronavírus, vivenciados naquele momento. Tais saberes permitiram identificar emoções e sentimentos como, por exemplo, preocupação com as incertezas daquele contexto, o uso da linguagem com *emoticon* expressando sensações de dúvidas, medo, alegria dentre outros, bem como a criação do personagem Coronavírus com semblante de monstro com boca aberta com dentes expostos,

expressando ou causando terror – modo de aproximar as crianças e os jovens dos protocolos exigidos para sua segurança e para o enfrentamento da pandemia, presentes em um dos e-zines

Os e-zines da Fanzinoteca foram produzidos em 2020. Em 2021 apresentei os zines produzidos na disciplina de Sociologia da Educação II durante o estágio docência no meu mestrado, durante dois semestres. Além de ter vivido a experiência da prática de estar em sala de aula, mas nesse momento de modo remoto. Ter tido a oportunidade de apresentar o tipo de produção alternativa e independente, e que me gerou em mim uma paixão duradoura para com duas turmas onde aprendi aos poucos a buscar alternativas de produzir de modo virtual. Isso me trouxe ânimo em um momento tão complexo e temeroso de viver e sobreviver a este cruel vírus.

Refletindo passos para algumas considerações finais, “dar passagem” aos jovens através de e-zines possibilitam caminhos que mostram que mesmo diante de uma pandemia, jovens se reinventaram em suas relações, comunicações e expressões e interações sociais, tendo a publicação dos e-zines tanto como linha de fuga, como instrumento de orientações que ajudaram no enfrentamento ao coronavírus, mas também como espaço de divulgação de suas potencialidades criativas foi uma experiência vivencial profunda.

Essa pesquisa possui suas limitações, passou junto comigo por adoecimentos e ainda não merece um ponto final, mas olhares sensíveis a essas experiências com processos criativos potentes e necessários às crianças, aos jovens e aos educadores. Aqui se expôs um pouco do que senti ao longo de 10 anos e do que ainda venho aprendendo com o mundo dos fanzines.

Resolvi trazer materiais que foram construídos ao longo do ensino remoto porque ninguém sabia como reagir diante da situação a que fomos obrigados a vivenciar durante a pandemia, então tanto professores quanto alunos foram construindo conhecimentos a partir das vivências, das dificuldades e superações no cotidiano e como dava, pois não existia manual de como reagir mediante um tipo de ensino a que não se estava habituado, e que, aos poucos, se aprendendo a utilizar ferramentas, plataformas, sites, aplicativos. Acostumou-se com o tempo de uma aula sem ser presencial. Assim mesmo com internet de má qualidade, se soube como a retornar. Telas travavam do nada, os olhos ardiavam e ficavam secos com tantas horas conectados às telas. Enfim, considere relevante ouvir o que os estudantes da graduação tinham a dizer em relação a como estavam vivenciando o período de pandemia. O estágio docência foi de grande importância para mim, pois nele comecei a dar passos iniciais na criação de e-zines.

Ao ler sobre a Fanzinoteca de Macaé, cresce um desejo latente de desenvolver uma pesquisa projeto para a criação de uma Fanzinoteca ligado ao NEPEGECCI e ao Centro de

Ciências da Educação... “Já pensou como seria massa uma Fanzinoteca na UFPI?”. Bem, é o que venho pensando nos últimos meses.

## REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Vanessa Nunes dos. Os tipos de violências e seus efeitos na convivência escolar: o que pensam as/os jovens. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; CASTILHO, Rosane (org.). **Juventudes brasileiras**: questões contemporâneas. Parnaíba - PI: Acadêmica Editorial, 2021. p. 43-61.

\_\_\_\_\_; SILVA, Maria do Socorro Borges da Silva. Educação rizomática: a sociopoética na sala de aula e o dispositivo dos objetos inúteis na relação com a vida de crianças e jovens. *In* \_\_\_\_; PETIT, Sandra Haydê; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (orgs.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014, p. 463-484.

\_\_\_\_\_. Juventudes e corpo na educação contemporânea. *In*: BONFIM, Maria do Carmo Alves do *et al* (org.). **Juventudes, cultura de paz e subjetividades**. Teresina: Edufpi, 2014. p. 372. (Educação, diversidades e políticas de inclusão; v. 2).

ALVES, Hayda et al. Crianças e pandemia da COVID-19: direito à voz e à participação mediada por fanzine. *In*: Boletim Ciência Macaé: estudos teórico-práticos sobre a COVID-19 em Macaé/RJ. Macaé, v.1, n. 2, p. 1-244, jul./set. 2020.

ANDRAUS, Gazy; NETO, Elydio dos Santos. Dos zines aos biograficzines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. *In* MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). **Fanzines**: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 29-47.

AUTORALIDADE. *In*: Dicionário InFormal. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/autoralidade/39654/>> acesso em 06 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Cursos oferecidos. Disponível em: <<https://santaines.ifma.edu.br/cursosofertados/>> acesso em 17 fev. 2023.

BRASIL. **LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013**. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm) acesso em 16 de junho de 2023.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.234, DE 19 DE JULHO DE 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasil, DF, 2010.

Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20072010/2010/decreto/d7234.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/decreto/d7234.htm). Acesso em 19 de jun. 2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm)> acesso em 03 de mar. 2023.

BRASIL. Caixa supera 400 milhões de pagamentos do Auxílio Emergencial. Disponível em : <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/11/caixa-supera-400-milhoes-de-pagamentos-do-auxilio-emergencial>>. Acesso em 06 de jun. 2023.

Consulta MACAÉ IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/macaee.html>. Acesso em 10 de maio de 2023.

COUTO, Mia. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DAYREL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.:** Especial, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 de outubro de 2023.

FERNANDES, Breno. **Os fanzineiros.** São Paulo: FTD, 2018.

FRANCO, Edgar Franco; ANDRAUS, Gazy. O Festival de Artes Ciberpajelaças II e a sua Mostra Nacional de Zines. *In:* ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (org.). Dossiê Fanzines, Artzines e Biografzines: publicações mutantes. Goiânia: Cegraf UFG, 2021.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 68ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALVÃO, Demétrios Gomes. **Fanzine:** a cartografia rebelde de uma máquina de guerra. Teresina: UFPI, 2005. 44 p.

\_\_\_\_\_. Ressonâncias no meio do caminho e/ou no caminho do meio: a poética infame dos fanzines. *In* MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). **Fanzines:** autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 81-97.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba, PR: CRV, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4ª ed. - Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIMARÃES, Edgard. **Fanzine**. - 3ª ed. - João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

KASTRUP, Virgínia. Conversando sobre políticas cognitivas e formação inventiva. *In*: DIAS, Rosimeri de Oliveira (org.). **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: 2012, p. 52-60.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica on-line. Porto Alegre: Penso, 2014.

LACERDA, Carlos de Brito. Fanzines educacionais: uma possibilidade concreta na educação ou uma blasfêmia no meio fanzineiro? *In*: ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (orgs.). **Dossiê fanzines, artezines e biograficizines**: publicações mutantes. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 209-253.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LIMA, Ernâni Getirana de. Itinerário randômico de um escritor pelos dias de pandemia. *In* GAUDIO, Josafá Araújo Procópio D'; CASTILHO, Rosane (org.). **DISTOPIA 2020**. Teresina - PI: DG produções, 2021. p. 59-76.

LIMA, Gerciane do Nascimento. **O uso do fanzine como dispositivo de potencialidades criativas com alunos do ensino fundamental I**. Teresina: UFPI, 2021.

LUZ, Lila Cristina Xavier; FEFFERMANN, Marisa; ABRAMOVAY, Miriam; WEISHEIMER, Nilson; FERREIRA, Maria Dalva Macedo; CAVALCANTE, Francisca Verônica; SILVA, Ana Paula da; LOPES, Isabel Cristina. Os jovens brasileiros em tempos de covid-19. **Princípios**, [S.L.], v. 1, n. 160, p. 177-207, 2020. Editora Cubo. <http://dx.doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2020.160.008>.

\_\_\_\_\_ et al. Juventudes e mercado de trabalho no Brasil: situação atual e desafios para o futuro. *In:* (org.) Miriam Abramovay... [et al]. **Trajetórias/práticas juvenis em tempos de pandemia da covid-19**. Brasília, DF: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

MACAÉ. <https://macae.rj.gov.br/cidade/conteudo/titulo/capital-nacional-do-petroleo> Acesso em 11 de maio de 2023.

MAGALHÃES, Henrique. **A mutação radical dos fanzines**. – 2 ed. Paraíba: Marca de Fantasia, 2016.

\_\_\_\_\_. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_. **Fanzine: comunicação popular e resistência cultural**. Visualidades. Revista do programa de mestrado em cultura visual - FAVIUGF. Vol. 7, n. 1 (2009). <<https://pt.slideshare.net/Recursosparaquadrinistas/o-que-fanzine-henrique-magalhes> <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18121/10810>. Acesso em: 19 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. Fanzines de histórias em quadrinhos: conceito e contribuições a educação. *In* SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da (org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com o universos ficcionais e fanzines**. São Paulo: Criativo, 2013. p. 52-67.

\_\_\_\_\_. **Pedras no charco: resistência e perspectivas dos fanzines**. João Pessoa – PB: Marca de Fantasia, 2018.

MARCA, de Fantasia. Projeto IFanzine – apresentação. Disponível em: <<https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzine/apresentacao.html>> , acesso em 06 de jun. 2023.

MARTINS, Lucivando Ribeiro; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A produção de subjetividade pelos(as) jovens da escola pública sobre o corpo estranho nas redes sociais: uma inspiração sociopoética. *In* BONFIM, Maria do Carmo Alves do *et al* (org.). **Juventudes, cultura de paz e subjetividades**. Teresina: Edufpi, 2014. p. 372. (Educação, diversidades e políticas de inclusão; v. 2).

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. Na desordem da palavra: fanzines e a escrita de si. *In* MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 15-28.

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. Da marginalizada à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico. *In* MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 121-133.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; SANTOS, Andreia Mendes dos. "Gripezinha? Não! Algo muito grave e preocupante": as percepções de jovens de Porto Alegre (RS) em relação à pandemia da covid-19. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; CASTILHO, Rosane (org.). **Juventudes brasileiras: questões contemporâneas**. Parnaíba - PI: Acadêmica Editorial, 2021. p. 15-30.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. - (Coleção Temas & Educação).

PINTO, Renato Donisete. **Fanzine na educação: Algumas experiências em sala de aula**. 2ª ed. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020.

PINTO, Ubirajara Santiago de Carvalho; SOUZA, Alberto Carlos Paula de. A Fanzinoteca como espaço do exercício criativo e político. *In*: ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (org.). **Dossiê fanzines, artzines e biograficines: publicações mutantes**. Goiânia: Cegraf Ufg, 2021. p. 431. (Coleção Desenredos).

ROCHA, Ruth. Este admirável mundo louco. **Quando a escola é de vidro**. São Paulo: Ed. Salamandra, 2003.

SANTOS, Maria da Conceição de Sousa; SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. Arte e literatura: pontes que levam os jovens ao conhecimento. *In* BONFIM, Maria do Carmo Alves do *et al* (org.). **Juventudes, cultura de paz e subjetividades**. Teresina: Edufpi, 2014. p. 372. (Educação, diversidades e políticas de inclusão; v. 2).

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do "ensino remoto". **Universidade e Sociedade: Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente**, [s. l], v. 67, p. 36-49, jan. 2021.

SNO, Márcio. **Na linha de frente: relatos, reflexões e experimentações sobre oficinas de fanzines**. João Pessoa – PB: Marca de Fantasia, 2022.

SOBREIRA JÚNIOR, Vicente Juciê. A educação pelo fanzine e a expressão estética do mundo: artigos e resumos. *In*: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO, X, 2015, Rio Branco-AC. **Anais**. Editora IFAC, 2016. págs. 3652 – 3658.

SOUZA, Diego El Khouri. **Zine, arte, resistência e ações pedagógicas**. João Pessoa – PB: Marca de Fantasia, 2022.

SOUSA, Rosângela; Aprendizados da pandemia em meu cotidiano. *In*: GAUDIO, Josafá Araújo Procópio D'; CASTILHO, Rosane (org.). **DISTOPIA 2020**. Teresina - PI: DG produções, 2021. p. 15-30.

SOUZA, Carlos Alberto Paula de; TAVARES, Cláudia Mara de Melo. Fanzine como recurso Artístico-Educativo para Promoção da Saúde Mental dos Jovens. **Revista Pró-UniverSUS**. 2022 Jul./Dez.; 13 (2) Suplemento: 82-86.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Jackline Freitas de. **Faça em casa e ganhe as ruas**. 3º Encontro de Cultura IFFluminense, 2021.

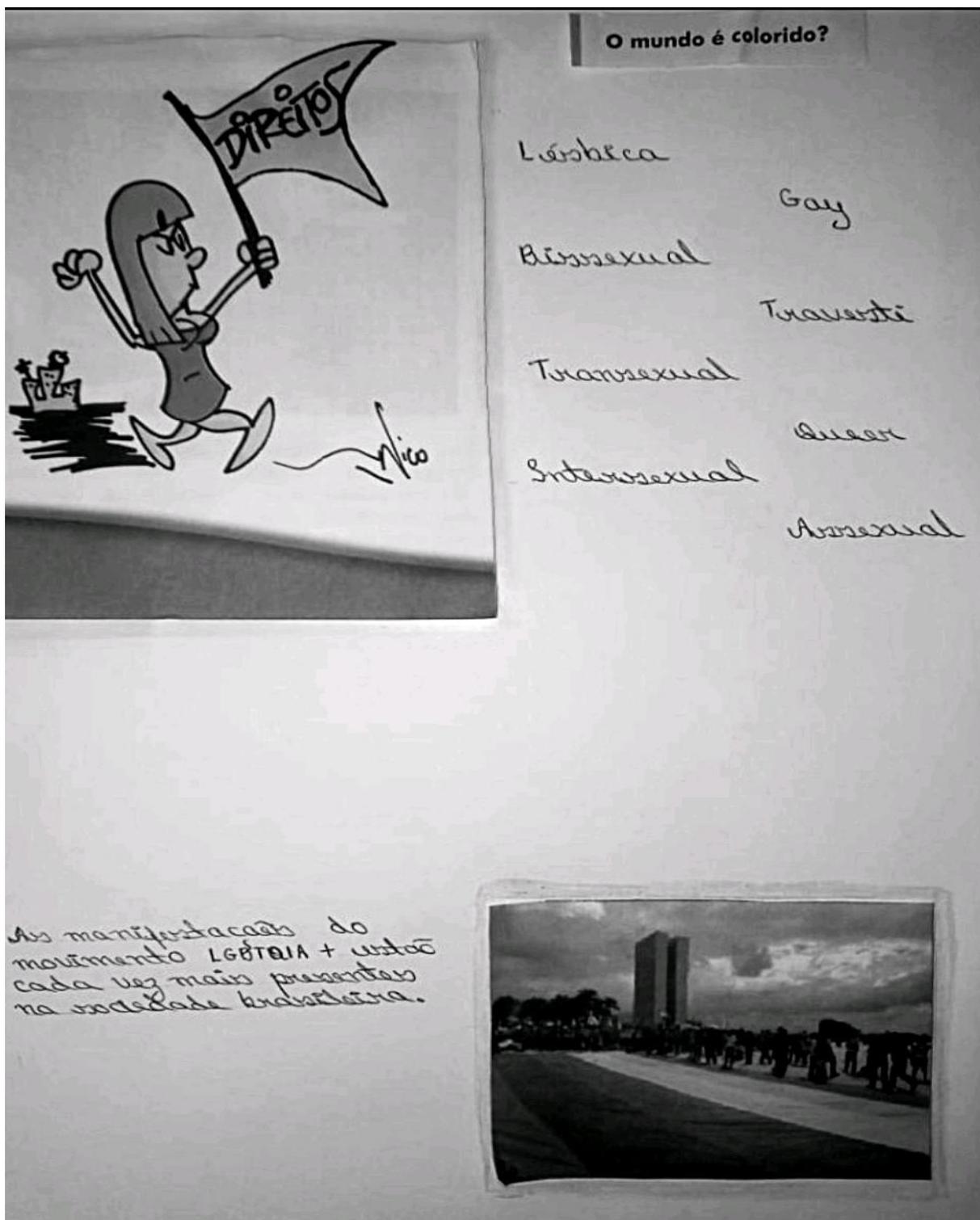
SOUZA, Sandro Soares de. Memória, cotidianidade e implicações: construindo o diário de itinerância na pesquisa. *In*: COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa; TAVARES, Fabíola Barroca (org.). **Círculo de cultura sociopoético: diálogos com paulo freire sempre!**. Fortaleza: Eduece, 2019. p. 166-186.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZAVAM, Aurea S. E-zine: uma instância da voz dos e-xcluídos. *In*: ARAÚJO, Júlio César (Org.). **Internet & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, v. 1, p. 93-112.

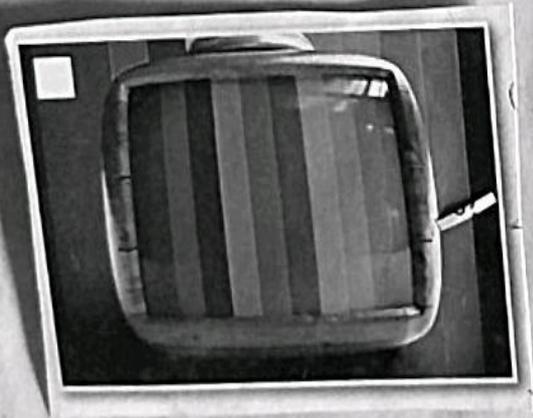
## **ANEXOS**

Fanzine criado na turma de Sociologia da Educação, na Pedagogia em 2021.





a importância de contar e Ouvir



Fanzine criado na turma de Sociologia da Educação, na Pedagogia em 2021.

# Black lives Matter

Vidas Negras importam  
Módulo da Vila

Ouça bem  
O que eu tenho a lhe dizer  
Não existe diferença  
Entre eu e você.

O preconceito  
Sem respeito nos repara.  
Porque tenho a pele negra  
E você pele clara.

O racismo é um mal  
Mas o mal  
a gente  
cura



Manoel da Silva  
Castanheira • Muncípio - AM

Basta um pouco  
de ternura, alma  
pura e razão.  
O meu nanque é  
vermelho tão vermelho  
quanto o teu.

A bebida do teu  
Deito. É a mesma  
bebida do meu.

Uma vida negra  
IMPORTA  
e quem não putta  
anim, tem a consciên  
cia. TORTA

TODO  
MUNDO  
QUER UM  
MUNDO  
MELHOR.

Componentes

Érika Maria  
Érika Saayne  
Helten Arzede  
Rayana Coelho  
Suelen Sábato  
Vanessa Rocha



Representantes  
Negros!

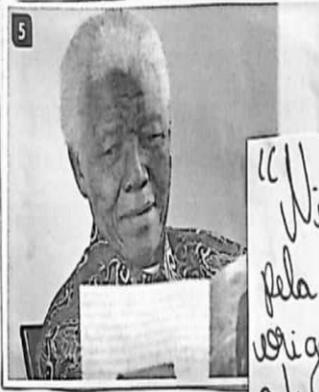
DEMOCRACIA



aberto

RESPONSABILIDADE

# HISTÓRIA



"Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, seu por sua origem, seu sua religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar"

Nelson Mandela

VIVENCIAR E REFLETIR



VIDA



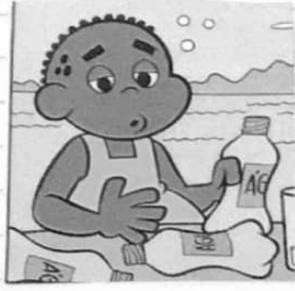
luta



# Inclusão negra infantil

(+)

"Fácil"



Quê a inclusão negra adulta

Ninguém nasce racista ou preconceituoso.

Todo preconceito seja ele bom ou ruim, é formado com o tempo e a convivência.

O QUE TEMOS INFLUENCIADO ?!



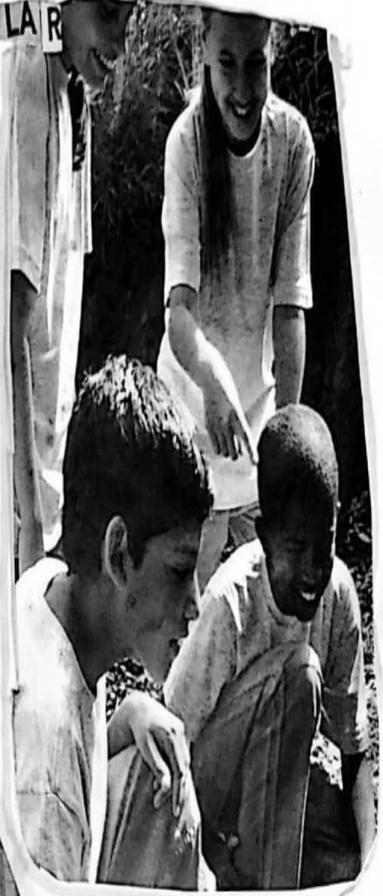
Turminha

ilibra

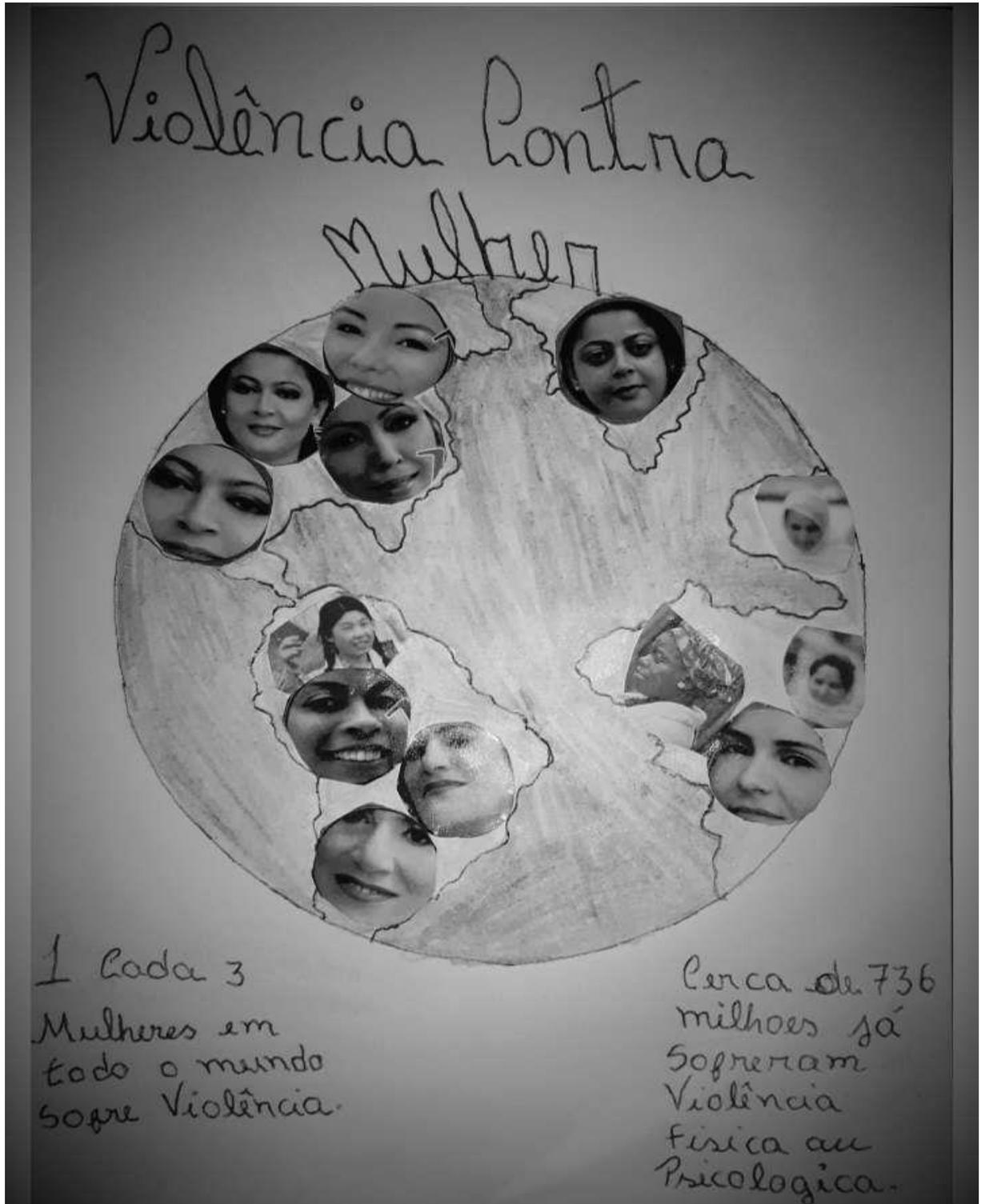
# REPRESENTATIVIDADE DE PESSOAS

## PRETAS NO AMBIENTE ESCOLAR

DE ACORDO COM G1, A taxa de governo negra no ensino superior avançou, mas ainda é metade da taxa dos brancos



Fanzine criado na turma de Sociologia da Educação, na Pedagogia em 2021.



Aos meus 4 anos de idade na  
minha infância e inocência, quando  
era apenas uma criança que  
sofria violência sexual por alguém  
que esperava cuidado e acolhimento  
e por isso na minha ingenuidade  
entendia o ato como uma brincadeira.

Com o passar dos anos aquele  
mesmo ato passou a ser motivo  
de estanhamento, já não via  
apenas como uma brincadeira, e  
foi quando tive coragem de contar  
para meus pais, e a partir desse  
dia comecei a fazer tratamentos  
físicos e psicológicos devido  
as marcas no meu corpo e  
minha mente que carrego comigo  
até hoje, juntamente com  
minha insegurança e ansiedade  
por consequência de uma  
infância interrompida pela

VIOLENÇA

coisa de homem!



violência

agressão

MEDO

dores

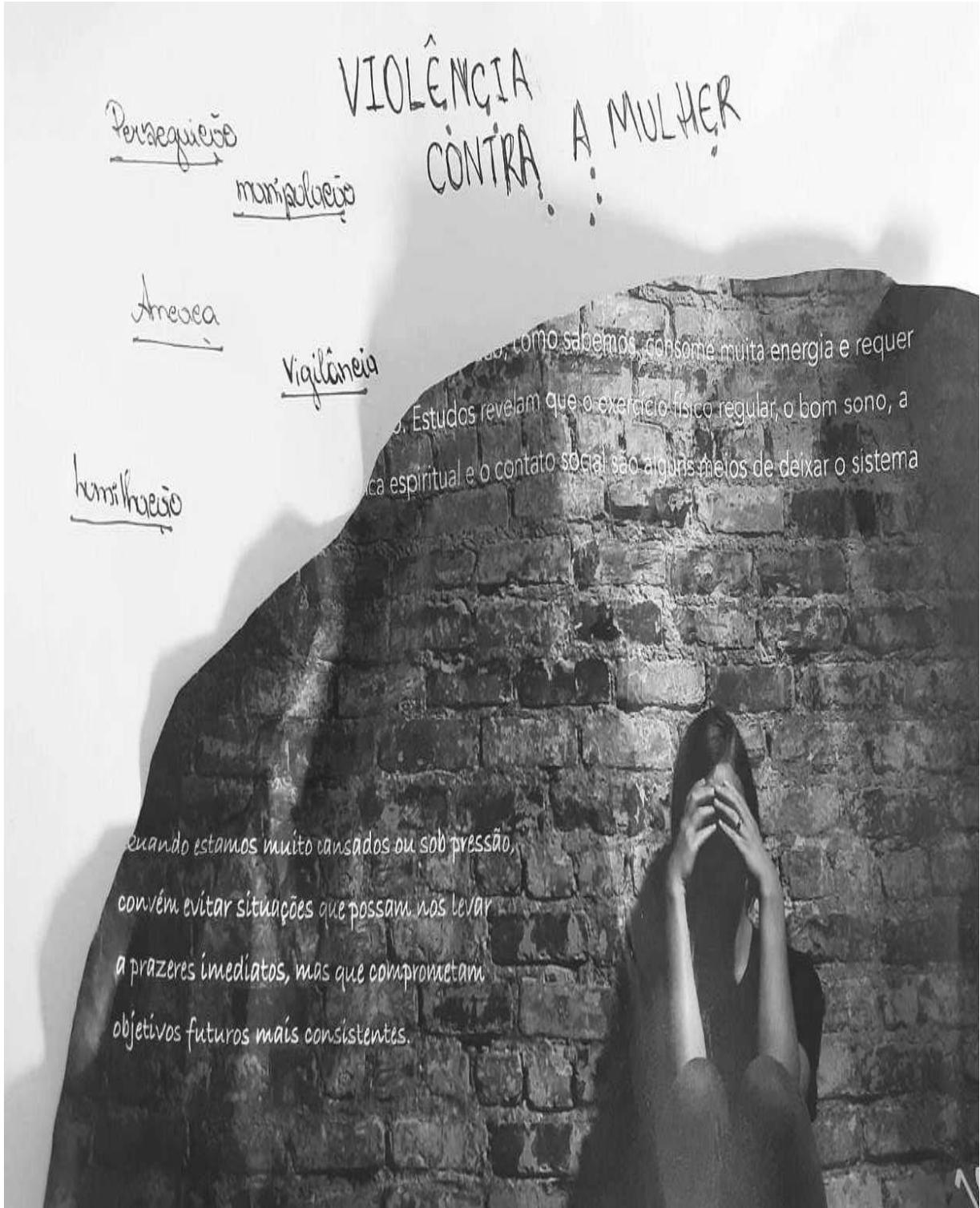
Abuso Sexual



87,7% das vítimas de estupro no país são mulheres.

NÃO É NÃO!

Silêncio mata!



RESPEITA  
AS  
MINHAS



Violência  
psicológica,  
física,  
é  
verbal  
existe

Denuncie  
Ligue  
180

**NÃO** EXISTE MULHER QUE GOSTA DE APANHAR  
O QUE EXISTE É MULHER HUMILHADA  
DEMAIS PARA DENUNCIAR,  
MACHUCADA DE MAIS PARA REAGIR,  
COM MEDO DE MAIS PARA ACUSAR,  
POBRE DE MAIS PARA IR EMBORA.



E-zine criado na turma de Antropologia da Educação em 2022



# CULTURA É

A cultura é como uma lente atrás do qual o homem vê o mundo. As lentes são diversas e a visão do indígena é totalmente diferente da do homem branco. Para ele, a floresta é vista de forma sagrada e harmônica.

Quando a escola é de vidro a cultura que prevalece é o que é conhecido pela maioria das pessoas, o que é diferente não é aceito, o preconceito prevalece, não se dá importância para o conhecimento de cada cultura, seus valores e costumes.

É discriminado o comportamento daquele que age fora dos padrões aceito pela maioria e o considerado diferente é obrigado a adaptar-se a tais padrões.



# ETNOCENTRISMO

ESSE É O MELH CERTO  
E ESSE É O MELH ERRADO.



SEUS CONCEITOS  
SÃO ESTRANHOS.



Cartoonistas - [www.madness.com.br](http://www.madness.com.br)

**Etnocentrismo** é uma posição ideológica de um observador que analisa uma cultura diferente da sua partindo do ponto de vista de sua própria cultura.



"No Brasil o etnocentrismo prevalece ainda hoje, pois o homem branco que aqui vive ainda enxerga o indígena como alguém atrasado socialmente. Também vemos manifestações etnocêntricas por aqui ao percebermos os habitantes dos estados das regiões Sul e Sudeste do país acharem-se mais desenvolvidos cultural e socialmente que os habitantes das regiões Norte e Nordeste."

# ETNOCENTRISMO

Segundo o antropólogo Everardo Rocha, o olhar etnocêntrico não é exclusivo de uma época ou sociedade. Ao contrário, tentar compreender costumes diferentes usando critérios de nossa própria cultura é uma reação espontânea e comum a quase todas as culturas.

## DJAVAN



### Cara de Índio

(Djavan)

Índio cara pálida,  
cara de índio.  
Índio cara pálida,  
cara de índio.  
Sua ação é válida, meu caro índio.  
Sua ação é válida, válida ao índio.  
Nessa terra tudo dá,  
terra de índio.  
Nessa terra tudo dá,  
não para o índio.  
Quando alguém puder plantar,  
quem sabe índio.  
Quando alguém puder plantar,  
não é índio.  
Índio quer se nomear,  
nome de índio  
Índio quer se nomear,  
dúvido índio.

Isso pode demorar,  
te cuida índio.  
Isso pode demorar,  
coisa de índio.  
Índio sua pipoca,  
tá pouca índio.  
Índio quer pipoca,  
te toca índio.  
Se o índio se tocar,  
touca de índio.  
Se o índio toca,  
não chove índio.  
Se quer abrir a boca,  
pra sorrir índio.  
Se quer abrir a boca,  
na toca índio.  
A minha também tá pouca,  
cota de índio.  
Apesar da minha roupa,  
também sou índio.

# ESCOLA DE VIDRO



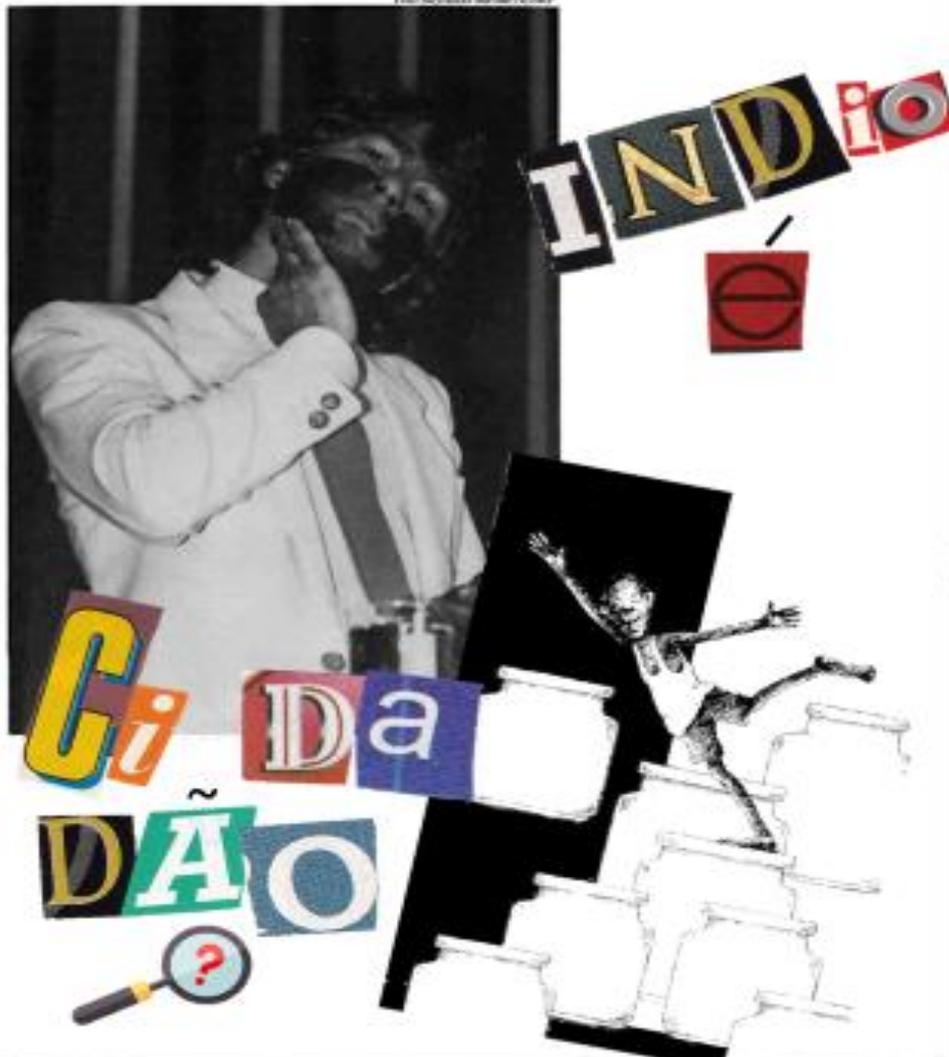
"Mas, uma vez, veio para a minha escola um menino que parece que era favelado, carente, essas coisas que as pessoas dizem pra não dizer que é pobre.

**Aí não tinha vidro pra botar esse menino."**



“Então, o Firuli, ele se chamava Firuli,  
começou assistir às aulas sem estar  
dentro do vidro.

**E os professores não gostavam nada  
disso...”**



Ailton Krenak, representante da União das Nações Indígenas, pinta seu rosto durante a defesa de uma das emendas populares sobre os direitos indígenas na Assembleia Nacional Constituinte.

GRUPO 1

Auxiane Lopes

Deborah Larissa Brito

Elaine Stefanie Nogueiras

Joseneide Francisca

~~Deborah~~ Lara Beatriz

Larissa Marinho

